



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RECURSOS NATURAIS**

MARIA CÉSAR VASCONCELOS GALDINO SILVA

***PERCEPÇÃO AMBIENTAL E VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB: um estudo sobre as relações
entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social***

**Campina Grande-PB
Fevereiro/2014**

MARIA CÉSAR VASCONCELOS GALDINO SILVA

***PERCEPÇÃO AMBIENTAL E VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB: um estudo sobre as relações
entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais, do Centro de Tecnologia de Recursos Naturais, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), como requisito para obtenção do título de **MESTRE EM RECURSOS NATURAIS**. Área de concentração: **Sociedade e Recursos Naturais**.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Patrício Marques de Souza

Campina Grande-PB

Fevereiro/2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

- S586p Silva, Maria César Vasconcelos Galdino.
Percepção ambiental e vulnerabilidade dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB: um estudo sobre as relações entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social / Maria César Vasconcelos Galdino. – Campina Grande, 2014.
114 f. : il. Color.
- Dissertação (Mestrado em Recursos Naturais) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais.
- "Orientação: Prof. Dr. Patrício Marques de Souza".
Referências.
1. Resíduos Sólidos. 2. Desemprego. 3. Riscos à Saúde. I. Souza, Patrício Marques de. II. Título.

CDU 628.4(813.3)(043)

MARIA CÉSAR VASCONCELOS GALDINO SILVA

***PERCEPÇÃO AMBIENTAL E VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE
MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB: um estudo sobre as relações
entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social***

Aprovada em ___/___/___

Prof. Dr. Patrício Marques de Souza
(Universidade Federal de Campina Grande)
Orientador

Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho
(Universidade Federal de Campina Grande)
Examinador Externo

Profa. Dra. Mônica Maria Pereira da Silva
(Universidade Estadual da Paraíba)
Examinadora Interna

“Aqui falta trabalho social. Não tem assistente social, psicólogo, poder público. Parece um bando de animal dentro do curral. O caro do lixo vem alimentar esses animais e vai embora!”

(F., 33 anos – Catador de Materiais Recicláveis)

DEDICATÓRIA

Ao meu **MARIDO**. Somente a ele.

DEDICO.

BEIJO...

*Através de um beijo, conquistei a tua atenção.
Apenas beijos e nenhuma palavra, no nosso primeiro encontro. Ação!
Maxilar a doer, coração acelerado, pensamentos distantes.
Assim nosso amor começou a nascer por causa daquele breve instante.*

*Quem diria que um beijo negado e quase roubado
Pudesse unir nossas vidas de modo tão exacerbado.
Beijo divino, dado com receio.
Beijo malino, transmitindo através dos meus lábios, o quanto por te ansiava.*

*Sem querer, aquele beijo traçava o meu abençoado destino
De menina à mulher, viveria ao teu lado, todo o meu desatino!
Um beijo de lábios, com um poder que não conhecia.
E contra umaimensidão de incrédulos
Juntos íamos ficando, enquanto o nosso amor crescia.*

*Assim construímos nossa história.
Bela, autêntica e fora dos modelos.
Completando minha extravagância, o seu freio.
E pra você, homem moderado
Alguém que te levasse a cometer pequenos pecados!*

*Amor, sexo, paixão, brigas e muito humor...
Essa é nossa vida.
E, convenções à parte,
É assim que digo amar-te!!!*

MC

(Junho, 2007)

AGRADECIMENTOS

Ao **Criador** de tudo. Pela minha existência.

Aos meus amados filhos **Vítor, Lucas e Arthur**. Luzes dos meus dias e meus maiores tesouros.

Aos meus familiares mais próximos, principalmente, aos meus **pais**, princípio de tudo. E, meus irmãos queridos **Henrique, Júnior, Rose, Sávio e Tarcísio**.

Ao meu orientador-amigo, Professor Doutor **Patrício Marques de Souza**, pela confiança depositada e por aceitar o desafio de tornar real, algo por mim não vislumbrado há anos atrás.

Aos **Catadores de Materiais Recicláveis do lixão de Patos-PB**. Pessoas admiráveis e lutadoras. Obrigada pelo acolhimento e disponibilidade para me ajudar.

À comadre e amiga **Lígia Medeiros**, e aos amigos **Rosivaldo Sobrinho e Rafael Felipe**, pela disponibilidade de sempre.

Aos cunhados **Suédina de Lima Silva e Suedêmio de Lima Silva**, pelas importantes sugestões para este trabalho.

À secretária do Programa **Cleide dos Santos**, por sua simpatia e por sempre se mostrar solidária e atenciosa quando solicitada.

Aos **Professores**, de um modo geral, pois sem eles não chegaria até aqui. E, em especial, aos professores **Dr. Pedro de Oliveira Filho e Dra. Mônica Maria Pereira da Silva**, por fazerem parte da Banca Examinadora e por contribuir para o aperfeiçoamento deste estudo.

Aos **Colegas de Turma** que compartilharam breves mas, inesquecíveis, momentos de alegria e aflição.

Ao **Reuni**, pela bolsa concedida.

À **Universidade Estadual da Paraíba**, lugar onde me formei e aprendi a ser o que sou enquanto profissional.

À **Universidade Federal de Campina Grande**, por me conceder a oportunidade de aperfeiçoar este ser.

Ao **Programa de Pós-Graduação em Recursos Naturais**, espaço novo e desafiador, para mim, do início ao fim.

Aos amigos **Cattyete Ferreira e Bruno Abreu**, por me abrirem os olhos para o curso.

E, a **todos** que, de alguma forma, participaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

Em especial, agradecer por estar mergulhada em um universo muito particular e ter a sorte de fazer parte dele, sem é claro, ser uma entre os seis doutores que ajudaram esta caminhada a se tornar mais leve: **Dr. SUEDNEY DE LIMA SILVA, Dra. Lúgia Medeiros, Dr. Rosivaldo Sobrinho, Dr. Rafael Felipe, Dra. Suédina de Lima Silva** e, recentemente, **Dr. Suedêmio de Lima Silva**.

A todos, meu muito OBRIGADA!

SILVA, M.C.V.G. **PERCEPÇÃO AMBIENTAL E VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB: um estudo sobre as relações entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social.** 2014. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais). CTRN/UFCG, Campina Grande – PB, 2013, 114f.

RESUMO

A cada ano aumenta o número de famílias que sobrevive como catadores de materiais recicláveis (CMRs) em meio a lixões e aterros sanitários em todo o país. Esta situação constitui-se como uma questão multidisciplinar envolvendo vários segmentos da sociedade, pois ao serem submetidas a uma condição sub-humana de vida, contribuem para a sua própria exclusão e para a retroalimentação de um sistema social que privilegia aqueles que têm condições de se proteger, anulando os que não possuem recursos pessoais e externos para enfrentar as exigências de vida urbana desigual em oportunidades. Neste sentido, este estudo foi conduzido visando avaliar a percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão do município de Patos-PB, e verificar se ocorre influência com a vulnerabilidade a qual estão expostos dentro do seu ambiente de trabalho. Foi empregada uma metodologia exploratória e descritiva, utilizando-se do método da observação participante. De acordo com os resultados obtidos verificou-se que a percepção ambiental e a vulnerabilidade dos catadores estão diretamente interligadas, ou seja, quanto mais negativa ou fatalista for a sua percepção mais exposto o catador se tornará, visto que apresentará menores condições de responder aos riscos aos quais está exposto. Constatou-se que maioria dos catadores pretendia mudar de profissão em busca de maior segurança trabalhista e melhores condições de trabalho, ou mesmo para fugir do preconceito e da discriminação sentidas, demonstrando que a relação esforço de trabalho versus recompensa financeira reduzida, aliada ao preconceito e a discriminação vividas, causam desânimo, desprazer e enfraquece a autoestima do trabalhador, não propiciando a valorização da própria atividade laboral. Portanto, comprovou-se que a atividade da catação de materiais recicláveis realizada diretamente no lixão é extremamente deteriorante para o ser humano, levando os catadores a não terem perspectivas futuras. Diante disso, este estudo contribui para levar à população local o conhecimento da realidade na qual encontram-se mergulhados os catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB através da reflexão a respeito da valorização da vida humana em prol da coletividade e de melhores dias para o planeta.

Palavras-chaves: Resíduos Sólidos; Desemprego; Riscos à Saúde

SILVA, M.C.V.G. **PERCEPÇÃO AMBIENTAL E VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB: um estudo sobre as relações entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social.** 2014. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Recursos Naturais). CTRN/UFCG, Campina Grande – PB, 2013,114f.

ABSTRACT

The number of families that survive as trash or garbage waste pickers in dumps and landfills across the country increases every year. This is a multidisciplinary issue, involving a number of segments of society, since when subjected to sub-human life conditions, these families contribute to their own exclusion and feedback a social system that favors those who have conditions to protect themselves, nullifying those without personal and external resources to cope with the demands of urban living under unequal opportunities. Thus, the goal of the present study is to evaluate the environmental perception of recyclable materials pickers in the dump of the city of Patos -PB, and to investigate if their perception is influenced by their vulnerability, observed within their work environment. An exploratory and descriptive methodology was employed, using the participative observation method. The results obtained show that the environmental perception and vulnerability of the pickers are directly interconnected, ie, the more negative or fatalistic their perception, the more exposed becomes the picker, since he will be less likely to respond to the risks to which he is exposed. It was found that most pickers wanted to change profession in order to achieve better job security and working conditions, or even to escape the prejudice and discrimination experienced, which demonstrates that the relationship between the working effort versus low financial reward, coupled with the experienced prejudice and discrimination cause dismay, displeasure and weakens the self-esteem of the worker, hindering the valuation of his own labor activity. Therefore, it was shown that the activity of picking recyclable materials directly at the garbage dump, is very degrading for humans, leading trash pickers to have no future prospects. Therefore, this study helps the local population to acknowledge the reality experienced by pickers of recyclable materials from the landfill Patos- PB by making them reflect about the value of human life for the sake of the community and of better days for the planet.

Keywords: Solid Waste; Unemployment; Health Risk

LISTA DE FIGURAS

	Página
Figura 1. Mapa da localização do município de Patos	22
Figura 2. Gênero dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	29
Figura 3. Faixa etária dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	29
Figura 4. Grau de escolaridade dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	30
Figura 5. Estado civil dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	31
Figura 6. Situação de paternidade/maternidade dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB	31
Figura 7. Renda individual dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	32
Figura 8. Renda familiar dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB	32
Figura 9. Recebem o benefício Bolsa Família.....	33
Figura 10. Tempo de catação entre os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB	33
Figura 11. Exercício de outra atividade anterior à catação entre os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	34
Figura 12. Motivos que os levaram à catação para os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB.....	34
Figura 13. Desejo de mudar de atividade entre os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB	35
Figura 14. Desejo de mudar de atividade entre as catadoras de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB	35

Figura 15. Catador transportando material coletado entre os resíduos dispostos. Patos-PB, 2013	37
Figura 16. Atividade da cavação durante esvaziamento do caminhão do lixo. Patos-PB, 2013	39
Figura 17. Cozinha improvisada pelos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB, 2013	40
Figura 18. Consumo de laranja encontrada em meio ao material descarregado pelo caminhão do lixo. Patos-PB, 2013	42
Figura 19. Trabalho feminino dentro do lixão de Patos-PB	61
Figura 20. Trabalho feminino dentro do lixão de Patos-PB	61
Figura 21. Montes de bolsas contendo resíduos já separados por tipo de material. Patos-PB, 2013	62
Figura 22. Montes de bolsas contendo resíduos já separados por tipo de material. Patos-PB, 2013	62
Figura 23. Urubus sobre resíduos advindos do matadouro da cidade de Patos-PB, 2013.....	63
Figura 24. Urubus sobre resíduos advindos do matadouro da cidade de Patos-PB, 2013.....	63
Figura 25. Motocicletas compradas com renda obtida através da catação no lixão de Patos-PB, 2013	64
Figura 26. Motocicletas compradas com renda obtida através da catação no lixão de Patos-PB, 2013	64
Figura 27. Catadores realizando a separação dos materiais recolhidos dentro de um período de 15 dias. Patos-PB, 2013	65
Figura 28. Pesquisadora juntamente com catadora realizando a separação dos materiais recolhidos dentro de um período de sete dias. Patos-PB, 2013	65
Figura 29. Foto representativa da exclusão do catador em sociedade. Patos-PB, 2013.....	66
Figura 30. Foto demonstrando a devastação da natureza e a exclusão social dos catadores. Patos-PB, 2013.....	67

LISTA DE TABELAS

	Página
Tabela 1. Percepção Ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto aos prejuízos à saúde decorrentes da atividade da catação.....	50
Tabela 2. Percepção Ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto aos acidentes ocorridos no ambiente de trabalho	51
Tabela 3. Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto ao reconhecimento social do trabalho.....	52
Tabela 4. Estimativa da quantidade de resíduos coletados pelos catadores de materiais recicláveis no lixão de Patos-PB, de acordo com a sua produção mensal.....	55
Tabela 5. Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto a sua organização em cooperativa	56
Tabela 6. Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto as principais dificuldades encontradas na execução da atividade da catação	57
Tabela 7. Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto as associações valorativas atribuídas a execução da catação.....	59
Tabela 8. Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto as associações valorativas atribuídas ao trabalho realizado na catação.....	60
Tabela 9. Relação entre a percepção ambiental dos CMRs do lixão de Patos-PB quanto aos motivos dos acidentes ocorridos X a exposição aos riscos dentro do ambiente de trabalho	68
Tabela 10. Relação entre a percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto aos motivos que os levaram à catação no lixão X perspectivas futuras de trabalho	70

LISTA DE SIGLAS

- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- NBR – Normas Brasileiras
- RSU – Resíduos sólidos urbanos
- CMRs – Catadores de materiais recicláveis
- PA – Percepção Ambiental
- PNSB – Pesquisa Nacional de Saneamento Básico
- MNCR – Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis
- PNRS – Política Nacional dos Resíduo Sólidos
- CIISC - Comitê Interministerial de Inclusão Social de Catadores de Materiais Recicláveis
- CBO - Classificação Brasileira de Ocupações
- IPVS - Índice Paulista de Vulnerabilidade Social
- SAS - Statistics Analysis System
- EPI - Equipamentos de proteção individual
- ASCAP - Associação dos Catadores de Patos
- UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
- IPM - Instituto Paulo Montenegro
- INAF - Indicador Nacional sobre Alfabetismo Funcional
- IBOPE - Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística

SUMÁRIO

Página

RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE SIGLAS	xii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVOS.....	5
2.1 OBJETIVO GERAL	5
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	5
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	6
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	6
3.2 A POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (PNRS)	8
3.3 A ATIVIDADE DA CATAÇÃO	10
3.4 PERCEPÇÃO AMBIENTAL (PA).....	13
3.4.1 Diferentes visões teóricas a respeito da PA	14
3.5 VULNERABILIDADE	17
4. METODOLOGIA	22
4.1 ÁREA DE ESTUDO	22
4.2 MÉTODO	23
4.3 AGENTES ESTUDADOS E COLETA DE DADOS	24
4.3.1 Procedimentos iniciais para a coleta de dados:.....	24
4.4 ANÁLISE DOS DADOS	27
4.5 QUESTÕES ÉTICAS	27
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	29

5.1	PERFIL SOCIOECONÔMICO DO CATADOR DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB.....	29
5.1.1	Com relação à identificação.....	29
5.1.2	Com relação à escolaridade	30
5.1.3	Com relação à situação familiar	31
5.1.4	Com relação à renda mensal	32
5.1.5	Com relação à atividade da catação.....	33
5.2	VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB.....	36
5.2.1	Riscos à saúde.....	36
5.2.2	Mercado de trabalho e infraestrutura/serviços urbanos	44
5.3	PERCEPÇÃO AMBIENTAL (PA) DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB.....	50
5.3.1	Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB com relação aos riscos à saúde	50
5.3.2	Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB com relação ao meio ambiente (integração na sociedade)	51
5.3.3	Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB com relação ao trabalho da catação	57
5.4	REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO MEIO AMBIENTE, SOB A ÓTICA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO LIXÃO DE PATOS-PB.....	60
5.4.1	Fotos relacionadas ao trabalho feminino dentro do lixão.....	61
5.4.2	Fotos relacionadas a quantidade de resíduos retirados do meio ambiente ..	62
5.4.3	Fotos relacionadas à vivência direta em ambiente degradado.....	63
5.4.4	Fotos relacionadas aos bens materiais alcançados através da catação	64
5.4.5	Fotos relacionadas às dificuldades do trabalho executado pelos catadores.	65
5.4.6	Fotos relacionadas à exclusão vivenciada em sociedade pelo catador	66
5.5	RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO E VULNERABILIDADE	68
6.	CONCLUSÃO.....	72

Considerações Gerais	74
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	76
APÊNDICES	83
ANEXOS	91

1. INTRODUÇÃO

O Brasil ocupa o quinto lugar entre os países mais populosos do mundo, segundo estimativas do IBGE (2008). O crescimento populacional, aliado ao rápido avanço dos processos de industrialização, urbanização, crescimento demográfico e tecnológico, produziram intenso consumo de várias fontes da natureza, colocando em risco o equilíbrio de diversos ecossistemas.

Sabemos que o processo de degradação ambiental foi amplamente acelerado com a Revolução Industrial e com a corrida pelo desenvolvimento econômico. Conseqüentemente, houve um aumento desenfreado da produção de resíduos, que passou a ter uma composição cada vez mais diversificada e perigosa. Cabe ressaltar que o crescimento urbano acelerado, junto com o desenvolvimento atual de consumo e a cultura do desperdício, geraram grandes quantidades de resíduos, tornando-se um problema não apenas de ordem ambiental (KIRCHNER et al., 2009), mas também social e econômica.

O termo resíduo sólido, que muitas vezes é sinônimo de lixo, deriva do latim “residuu” que significa sobra de substâncias, acrescido de sólido para se diferenciar de resíduos líquidos ou gasosos. Observa-se que, na prática, o termo “resíduo sólido” é mais comumente utilizado na linguagem acadêmica ou no meio técnico, enquanto que o termo “lixo” é mais empregado na linguagem coloquial (BARBOSA, 2012). Neste trabalho procuraremos utilizar estes termos de maneira diferenciada.

No Brasil, a norma NBR 10.004/07 atribui a seguinte definição aos resíduos sólidos: “é todo resíduo nos estados sólido e semi-sólido, que resultam de atividades de origem industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição (ABNT, 2004). Antigamente, os resíduos sólidos eram denominados de lixo. Atualmente, há uma compreensão que os materiais separados, passíveis de reciclagem ou reaproveitamento, recebam tratamento de resíduos sólidos, enquanto os materiais misturados e acumulados tenham mais uma conotação de lixo. Portanto, a expressão “lixo”, quando empregada, deverá associar-se àquilo que a sociedade jogou fora ou que não serve mais para nada, sem utilidades futuras por seus geradores. De acordo com o dicionário da Língua Portuguesa, trata-se de coisas inúteis, imprestáveis, velhas e sem valor; qualquer material produzido pelo homem que perde a utilidade e é descartado.

Os RSU (Resíduos Sólidos Urbanos) podem ser utilizados como matéria prima, gerando, entre outros aspectos, proteção à saúde pública e economia de recursos naturais. Com

isso podemos dizer que todo lixo é um resíduo sólido, mas nem todo resíduo sólido transforma-se em lixo.

Lixo é aquilo que sobrou de uma atividade qualquer e é descartado sem que seus valores (sociais, econômicos e ambientais) potenciais sejam preservados, incluindo não somente resíduos inservíveis, como também resíduos reutilizáveis e recicláveis. Resíduos assim descartados geralmente adquirem aspectos de inutilidade, sujeidade, imundície, estorvo, risco, etc., envolvendo custos sociais, econômicos e ambientais (LOGAREZZI, 2004). Sendo assim, os termos lixo e resíduo devem ser diferenciados pelos seus significados e pela importância social implícita na palavra resíduo.

Para Barbosa (2012), a geração e gestão dos resíduos sólidos no Brasil é um problema bastante complexo, já que praticamente não existem aterros sanitários no país, sendo estes descartados de qualquer forma, na maioria das vezes em lixões a céu aberto, ou ainda diretamente nos rios ou nas suas proximidades, gerando riscos à população que fica exposta a doenças infecciosas, direta ou indiretamente, em decorrência do gerenciamento inadequado desses resíduos.

Dentro deste amplo problema, encontram-se as questões relacionadas às pessoas que sobrevivem da catação de material reciclável. A cada ano aumenta o número de famílias que busca seu sustento em meio a lixões e aterros sanitários em todo o país. Algumas destas famílias encontram-se numa situação social tão degradante que transferem não apenas o seu trabalho para esse meio, mas toda a sua vida, ao “escolherem” como local de moradia um espaço reservado para depositar os rejeitos da sociedade. Sobrevivendo em meio a resquícios de comida, material em decomposição, objetos velhos e animais abandonados, dentre outros, vivem à margem da sociedade e sobrevivem daquilo que ela jogou fora, criando seus filhos sob uma concepção de vida da qual parece não poderem fugir.

Esta situação constitui não apenas um problema de ordem pessoal para essas famílias, caracterizando-se também como uma questão de cunho multidisciplinar envolvendo vários segmentos da sociedade, pois, ao serem submetidas e/ou se submeterem a uma condição sub-humana de vida, contribuem não apenas para a sua própria exclusão, como para a retroalimentação de um sistema social que privilegia aqueles que têm condições de se protegerem, anulando aqueles que não possuem recursos pessoais e externos para enfrentarem as exigências de vida urbana desigual em oportunidades.

De acordo com Porto et al. (2004), o cotidiano dos sujeitos que vivem da catação de material reciclável ainda é pouco trabalhado pela saúde pública brasileira. Para os autores, não existe nenhuma instância coletiva ou institucional responsável por esses trabalhadores, e

qualquer iniciativa nesse sentido é vista como incentivo à sua permanência no local, o que contrariaria as premissas de gerenciamento adequado de um aterro sanitário ou controlado de resíduos. O paradoxo entre uma premissa técnico-gerencial e uma decisão política assumida de tolerar tal situação gerou, na prática, um vazio de responsabilidades e uma tendência paralisante quanto à implementação de possíveis medidas que melhorassem as condições de trabalho dos catadores de materiais recicláveis (CMRs).

Sendo assim, a superficialidade com que os gestores públicos tratam a questão dos resíduos sólidos nos municípios brasileiros faz dessas famílias vítimas sociais onde lhes cabe, apenas, o ônus de sua condição social e nunca os benefícios da urbanização. No tocante a questão ambiental, são famílias que contribuem com o seu trabalho para a proteção do meio, embora não recebam suporte para a sua realização.

Neste ínterim, o homem está constantemente agindo sobre o meio a fim de sanar suas necessidades e desejos. Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente frente às ações sobre o meio. As respostas ou manifestações são, portanto, resultado das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo. Embora nem todas as manifestações psicológicas sejam evidentes, são constantes e afetam nossa conduta, na maioria das vezes, inconscientemente.

Desta forma, o estudo da percepção ambiental (PA) dos catadores de material reciclável (CMRs) que trabalham no lixão é importante para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas, visto que são uma parcela da população que se encontra no âmago de um problema que envolve não somente questões sociais, mas se configuram como vítimas e atores de uma crise ambiental e econômica.

De acordo com Casazza (2012), os estudos sobre PA são de extrema importância para os gestores públicos à medida que são encarados como diagnósticos capazes de revelar um conjunto de expectativas da população existente nas áreas que se pretende manejar racionalmente, demonstrando assim, os benefícios científicos e sociais de tais estudos.

Por outro lado, conhecer a história pessoal dessas famílias carentes que se submeteram a um ambiente totalmente insalubre do ponto de vista físico, psicológico e social para alcançarem um lugar na sociedade, pode possibilitar o desenvolvimento de programas preventivos no plano macrossocial, contribuindo, desta forma, para alcançarmos mudanças efetivas de atitudes e resistência por parte desses indivíduos, mediante uma situação de extrema vulnerabilidade socioambiental.

Logo, diante deste quadro onde pessoas encontram-se expostas a uma série de riscos físicos, psicológicos e sociais, vítimas de um modelo de desenvolvimento urbano que as levou a viverem em periferias distantes e desprovidas de serviços públicos e, principalmente, de infraestrutura, torna-se importante um trabalho de reconhecimento destas pessoas nos seus aspectos psicossocial e econômico a fim de alcançarmos medidas de prevenção e conscientização que permitam ao homem transformar sua realidade em favor de uma sociedade mais justa e humanizada, bem como de lutar por seus próprios direitos enquanto cidadãos.

Sendo assim, no âmbito social este trabalho é importante visto que ao demonstrar as relações entre injustiça social e percepção ambiental pode favorecer a construção de ações preventivas que impeçam determinadas famílias de se apropriarem de um ambiente em total estado de degradação como algo legítimo e inevitável para seu sustento e sobrevivência. Por outro lado, ao fazer a intermediação entre sociedade e órgãos públicos, o conhecimento científico resultante deste trabalho, poderá fornecer elementos essenciais à criação de políticas públicas que atendam realmente tal população, demonstrando, assim, a sua relevância política, acadêmica e ambiental, ao devolver para a comunidade estudada um conhecimento transformado em instrumento de mudança.

Para Siqueira (2008), a contribuição do conhecimento científico acumulado deve fundamentar todo o processo de políticas ambientais, de maneira a trazer os resultados adequados, com menos gastos de recursos, com maior nível de acerto e um maior apoio popular.

Portanto, a hipótese central deste estudo é que além das condições econômicas, a maneira como o indivíduo se percebe, bem como ao ambiente ao seu redor, favorecerá sua exposição a situações de vulnerabilidade, incluindo-se aqui fatores prejudiciais à saúde no ambiente de trabalho.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Avaliar a percepção ambiental (PA) dos catadores de materiais recicláveis (CMRs) do lixão do município de Patos- PB, verificando sua influência para a vulnerabilidade que estão expostos no seu ambiente de trabalho.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- ✓ Descrever o perfil sócioeconômico dos CMRs que trabalham no lixão de Patos-PB;
- ✓ Identificar situações de vulnerabilidade e as formas através das quais estes trabalhadores respondem frente aos riscos ambientais e de saúde vivenciados dentro do processo da catação de materiais recicláveis;
- ✓ Avaliar as condições de trabalho dos CMRs;
- ✓ Identificar a percepção ambiental dos CMRs quanto ao trabalho que realizam (a catação), aos cuidados com a saúde e a integração na sociedade;
- ✓ Fazer a relação entre a percepção e a vulnerabilidade do catador, verificando se ocorre influência entre o seu modo de perceber a realidade e suas atitudes de preservação à saúde, dentro do seu ambiente de trabalho, bem como suas perspectivas futuras.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

O crescimento populacional, os avanços tecnológicos, o consumismo e o atual padrão de desenvolvimento nos levaram a um cenário caracterizado pela exploração excessiva e constante dos recursos naturais, pela geração maciça de resíduos e pela crescente exclusão social.

Como consequência desse modo de vida, vivenciamos hoje uma crise de valores que tem gerado problemas sociais e ambientais das mais variadas proporções. Dentre esses problemas, o processo de exclusão social que acomete a população menos favorecida. Para uma parcela dessa população, coletar material reciclável tornou-se uma alternativa de sobrevivência.

Segundo a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008 - PNSB (IBGE, 2010), existem aproximadamente 70,5 mil catadores informais atuando em ruas e lixões, e pouco mais de 30 mil organizados em cooperativas ou associações. No entanto, as entidades do setor acreditam que esses números não condizem com a realidade, pois a PNSB se baseia nas informações geradas pelas prefeituras municipais que, na grande maioria dos casos, não têm um cadastro dos catadores da cidade (PINHEL, 2013).

Estimativas do Movimento Nacional dos Catadores de Recicláveis - MNCR (2013) calculam a existência de mais de 800 mil catadores em todo território nacional. Compõem a base deste Movimento cerca de 100 mil catadores.

Pelo que se pode perceber através das discrepâncias de informações acerca do número de catadores atuantes no Brasil, é que não existe uma estatística precisa acerca deste contingente, fato que corre devido, principalmente, a grande informalidade do setor, bem como ao estigma social que acompanha esta atividade.

De acordo com Vieira *et al.* (2002), a catação não é apenas um sintoma da crise econômica é, também, uma opção forçada de vida para milhares de brasileiros. No Brasil, grande parte dos problemas sociais vinculados à falta de infraestrutura de saneamento básico e à disposição inadequada dos resíduos sólidos, acarreta poluição da água, do ar e o solo e sobretudo propicia a catação nos locais altamente contaminados, como os lixões.

Estudos envolvendo diferentes tipos de pesquisas têm demonstrado que a destinação incorreta de resíduos gera diversos problemas sociais, econômicos e ambientais. Agravando esse cenário, surgem os novos atores sociais recolhendo material reciclável como fonte de sobrevivência. Mais que um problema ambiental, a questão dos resíduos sólidos tornou-se

também um problema social e político, pois abriga milhares de pessoas no trabalho informal de forma cruel e excludente.

Segundo Alier (2007), muitos conflitos ecológicos possuem atores sociais que muitas vezes não definem a si mesmos como ambientalistas. Trabalhar a consciência ambiental dessas pessoas é de fundamental importância para atingirmos uma relação homem-ambiente de qualidade, buscando encontrar uma postura que valorize tanto a ação humana, e suas necessidades, quanto os discursos existentes a favor da natureza como um todo. Neste sentido, Leff (2005, p.57) afirma:

A gestão ambiental do desenvolvimento sustentável exige novos conhecimentos interdisciplinares e o planejamento intersetorial do desenvolvimento; mas é sobretudo um convite à ação dos cidadãos para participar na produção de suas condições de existência e em seus projetos de vida. (...) Oferece novos princípios ao processo de democratização da sociedade que induzem à participação direta das comunidades na apropriação e transformação de seus recursos naturais.

Pela legislação brasileira vigente, a Política Nacional dos Resíduos Sólidos – PNRS (BRASIL, 2010), cabe principalmente às prefeituras gerenciar a coleta e destinação dos resíduos sólidos. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - PNSB (2008), essa destinação continua inadequada em 50,8% dos municípios brasileiros que continuam a lançar os seus resíduos sólidos a céu aberto, e que apenas 21% fazem a coleta seletiva. Embora este quadro venha se alterando nos últimos 20 anos, sobretudo nas Regiões Sudeste e Sul do País, tal situação exige soluções urgentes e estruturais para o setor. Ainda segundo a PNSB, foi possível identificar que os municípios situados nas Regiões Nordeste e Norte registraram as maiores proporções de destinação de seus resíduos sólidos aos lixões – 89,3% e 85,5%, respectivamente (IBGE, 2010).

No ano de 2003, o Governo Federal criou o Comitê Interministerial de Inclusão Social de Catadores de Materiais Recicláveis (CIISC). Dentre outras atribuições, esse comitê deveria implantar projetos que visassem garantir condições dignas de vida e trabalho à população catadora de materiais recicláveis, bem como apoiar a gestão e destinação adequada de resíduos sólidos nos municípios brasileiros. Contudo, observa-se que os catadores desempenham suas atividades em condições precárias, sofrem preconceitos e possuem baixo reconhecimento do papel que representam na economia e no meio ambiente, embora tenham a profissão reconhecida e sejam resguardados por um comitê específico (MEDEIROS e MACÊDO, 2006).

Segundo Rios (2008), uma das maiores dificuldades das camadas mais pobres em países como o Brasil é precisamente a inclusão em organizações que deem acesso a recursos

econômicos e sociais. O modo como os seres humanos se relacionam com o mundo material é carregado de significados que estão, por sua vez, relacionados à forma como os objetos estão inseridos nas relações sociais. Para que a sociedade perceba o catador como um trabalhador como outro qualquer, conforme definição deles mesmos, é preciso associar o trabalho da catação a significados sociais positivos que a sua atividade gera para a sociedade e não somente ao “lixo”, que tem uma representação social relacionada àquilo que não tem valor, que gera desprezo.

Os catadores de materiais recicláveis fizeram do “lixo” – aquilo que a sociedade rejeitou, jogou fora – uma maneira de obter a renda para o próprio sustento, ainda que represente uma forma de trabalho vista como degradante pela sociedade. No entanto, à medida que estão buscando seu sustento e ao mesmo tempo lutando contra a exclusão social, estão desenvolvendo uma atividade de grande importância ao meio ambiente e, conseqüentemente, à sociedade. Sendo assim, cabe destacar o papel do catador como agente disseminador de uma cultura ambientalista e analisar a sua própria consciência como importante agente ambiental. (CAVALCANTI NETO et al., 2007).

3.2 A POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS (PNRS)

De acordo com a Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – PNSB (BRASIL, 2008), são produzidos diariamente no Brasil aproximadamente 200.000 toneladas de resíduos sólidos, sendo que 22% tem como destinação final vazadouros a céu aberto, 37,8% são levados para aterros controlados, 36% a aterros sanitários, 2,8% são utilizados na compostagem, 0,9% vão para usinas de triagem e 0,5% são incinerados.

A Lei 12.305/2010, que instituiu a PNRS, estabeleceu que até 2014 todos os municípios brasileiros devam dar destinação final ambientalmente adequada aos seus rejeitos através de aterros sanitários, ficando proibida essa destinação a céu aberto - os chamados lixões (Art. 54, PNRS).

De acordo com esta mesma Lei, Art. 25, o principal responsável pelo gerenciamento adequado dos resíduos sólidos é o poder público, sendo que a participação de todos os setores da sociedade, incluindo-se aqui o setor privado e comunidade no geral, é imprescindível para a minimização dos impactos socioambientais, bem como para o favorecimento da ação dos profissionais da catação de forma digna, pois a separação dos resíduos na fonte geradora é de grande importância para esta atividade.

A preocupação com a gestão social e ambientalmente correta do resíduo sólido urbano (RSU) encontra-se cada vez mais presente nos debates de organismos públicos e associações da sociedade civil afeita ao tema. Entre os assuntos abordados têm merecido destaque a importância da coleta seletiva e a inclusão dos catadores, organizados em associações ou cooperativas, na concepção de políticas e projetos de gestão dos resíduos sólidos municipais (LAJOLO, 2003).

Neste sentido, a PNRS em seu Art. 18 deixa claro que os Municípios e Estados devem elaborar seus Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos para terem acesso a recursos públicos federais ou de outras fontes. Dentro deste plano, um dos pontos importantes, como anteriormente dito, diz respeito a inclusão dos catadores de materiais recicláveis. São instrumentos da PNRS, dentro outros (Cap. III, Art. 8):

- Os planos de resíduos sólidos;
- A coleta seletiva, os sistemas de logística reversa e outras ferramentas relacionadas à implementação da responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos;
- O incentivo à criação e ao desenvolvimento de cooperativas ou de outras formas de associação de catadores de materiais reutilizáveis ou recicláveis; e,
- A educação ambiental (PNRS, 2010)

No entanto, ainda que a legislação abra espaço para inserção de associações e cooperativas no mercado formal da coleta seletiva, é interessante o debate em torno da responsabilidade compartilhada do material reciclado, item que trata o Art. 30 da PNRS (2010), para que haja mudança cultural e efetiva que responsabilize todos os agentes envolvidos no gerenciamento dos resíduos sólidos. Por isso, o termo utilizado é gestão integrada. Desta forma, todos estão envolvidos na gestão dos resíduos sólidos, cabendo a cada um responsabilidade no que tange a sua destinação correta.

Além do mais, a questão do gerenciamento dos resíduos sólidos, nas suas variadas facetas - e apesar da PNRS (grifo nosso), ainda não se tornou objeto de demanda social específica para criação de políticas públicas efetivas. Por isso, as dispersas e isoladas iniciativas de criação de cooperativas de catadores de material reciclável ainda não terem alcançado uma ampla e coesa articulação no setor público, sendo necessário, para tanto, resgatar o significado político-ideológico da reciclagem (LAYRARGUES, 2002).

3.3 A ATIVIDADE DA CATAÇÃO

A presença de pessoas que vivem do comércio de materiais refugados data do início do processo de industrialização. Já no começo do século XX há registros de imigrantes espanhóis que trabalhavam como compradores de sucata no Bairro do Brás, em São Paulo. As famílias acumulavam sucatas em seus quintais, principalmente garrafas e materiais ferrosos, revendendo-os ou trocando-os junto aos sucateiros. O garrafeiro era figura respeitada nas vilas e nos bairros das cidades, mas, ao longo dos tempos, desapareceu dando lugar ao catador que recolhia os materiais de residências e empresas, sem ter que trocar ou pagar algo pelo que foi recolhido (LAJOLO, 2003).

De acordo com Lajolo (2003), essa mudança revela, por um lado, que o crescimento das cidades e o modelo de consumo alteraram significativamente a quantidade dos resíduos gerados – há um excesso de material descartado – e, por outro, que o aumento do desemprego e maiores exigências para o acesso ao mercado de trabalho formal, restringiram, dramaticamente, as possibilidades de sobrevivência para importantes contingentes sociais.

Estima-se que hoje um em cada 1000 brasileiros seja catador. Neste contexto, existem catadores de todos os tipos: catadores de lixões, individuais (de rua) e organizados. Em todas as situações os catadores têm sempre uma rotina muito exaustiva e, na maioria das vezes, trabalham sob condições precárias, sem incentivo público, nem direitos trabalhistas.

O crescimento da atividade de catação, segundo Lajolo (2003), tem fortes vínculos, de um modo geral, com a pobreza. Parte dessas pessoas revira latas e sacos de “lixo”, marcando presença nos lixões e nas ruas, à procura de materiais para revender, mas também de algo para comer. Trabalho que lhes permitem sustentar suas famílias, cuja qualidade de vida é péssima.

Os catadores catam e separam do “lixo” o material reciclável numa quantidade que seja suficiente para vender. No entanto, entre estes e as empresas de reciclagem encontram-se os chamados sucateiros. Intermediários que recebem o material coletado, pesam e estabelecem o preço a ser pago aos catadores. É um comércio que depende da mediação desses atravessadores, visto a impossibilidade dos catadores armazenarem material suficiente para vender diretamente às empresas, geralmente pela falta de transporte para a realização deste fim. Fato que diminui consideravelmente o retorno financeiro para aqueles que estão na ponta deste processo, os catadores.

Para Oliveira (2003 apud BASTOS, 2008), o atravessador acaba utilizando-se da mão-de-obra precária e barata do catador para se apropriar do material catado nos lixões, ou mesmo nas ruas, e negociá-lo diretamente com as indústrias por um valor muito acima daquele pago ao

catador. Portanto, são eles, os atravessadores, que terminam determinando o preço do negócio, embora sejam os catadores o elo fundamental na cadeia de produção.

Bastos (2008), complementa este pensamento afirmando que, desta forma, o catador não pode ser considerado efetivamente incluído sequer no mercado informal de trabalho, pois quando o é, esta inclusão acontece de forma perversa, já que não lhes são fornecidas as condições necessárias para sua reinserção no mercado formal.

Segundo Viana (2000), a existência dos atravessadores pode ser explicada por dois fatores principais: primeiro, pela dificuldade de locomoção dos catadores para entregar o material às indústrias de reciclagem e, segundo, pelas vantagens que esse sistema oferece a elas. Desta forma, quanto maior os centros urbanos, maior serão os números de atravessadores e, portanto, menor será o valor agregado aos materiais coletados pelos agentes primários – os catadores – que, segundo eles mesmos, são aqueles que “fazem o trabalho sujo e pesado”.

Analisando os aspectos econômicos da reciclagem, Dagnino e Dagnino (2010) retratam o ciclo dos materiais recicláveis. Segundo os autores, as empresas de reciclagem que estão localizadas no circuito superior da economia, utilizam uma tecnologia de nível relativamente elevado de especialização, usualmente intensiva em capital e proveniente dos países avançados. Assim, as atividades do circuito superior tendem a concentrar poder e controlar o ciclo por inteiro. Desta forma, os materiais que são coletados pelos trabalhadores do circuito inferior (que configuram uma situação de “concorrência perfeita” do lado da oferta) são separados e depois remetidos às empresas. Neste processo, o material vai tendo seu valor aumentado à medida que percorre o ciclo em direção ao circuito superior. Ilustram este ciclo da seguinte forma:

- Os materiais são separados pelos catadores segundo sua natureza e valor de mercado;
- Depois são vendidos para um ou mais intermediários; e,
- Finalmente, os intermediários revendem os materiais à indústria recuperadora ou beneficiadora, que poderá repassar à indústria recicladora ou ser ela própria a recicladora do material.

Por conseguinte, quanto mais o material percorre o ciclo – dos catadores até a indústria recicladora, atravessando os circuitos econômicos ou campos de ação de cada um desses agentes, a este material vai sendo agregado valor, e maior fica o seu preço ao longo do caminho que percorre até a reciclagem. Isso significa que o catador, situado no início do processo, recebe proporcionalmente bem menos dinheiro pelo mesmo material que é vendido pelos intermediários às empresas e que será finalmente reciclado (DAGNINO e DAGNINO, 2010).

Ademais, unem-se aos prejuízos impostos pelo circuito econômico, os fatores de risco à saúde do ser humano, advindos da atividade da catação; pois, junto aos resíduos manuseados, principalmente nos vazadouros a céu aberto (lixões), frequentemente encontram-se agentes prejudiciais tanto ao meio ambiente quanto ao próprio catador. Os principais agentes encontrados, segundo Ferreira e Anjos (2001) são:

- Agentes físicos: gases e odores que emanam dos resíduos dispostos, ruídos excessivos, poeira, objetos perfurantes e cortantes, exposição ao frio ou calor excessivos e à fumaça;

- Agentes químicos: líquidos provenientes do vazamento de pilhas e baterias, óleos e graxas, pesticidas/herbicidas, solventes, tintas, produtos de limpeza, cosméticos, remédios, e aerossóis, além da presença de metais pesados como chumbo, cádmio e mercúrio; e,

- Agentes biológicos: micro-organismos patogênicos que se proliferam nas fraldas descartáveis, curativos, absorventes, papel higiênico, etc., bem como a presença de vírus, bactérias e fungos.

Diante deste cenário, pode-se perceber o quanto injusta é esta atividade para o catador, pois apesar de ser ele a base de um processo produtivo bastante lucrativo é, por outro lado, aquele que mais trabalha e menos lucra com este processo. Para Leal et al. (2002), o catador participa de forma essencial neste processo, mas, paradoxalmente, trabalha em condições precárias, subumanas e não obtém ganho que lhe assegure uma sobrevivência digna.

Entretanto, mesmo diante de todas as dificuldades e injustiças, cresce no Brasil, como visto anteriormente, o número de pessoas envolvidas com a catação de material reciclável. A partir de 1980, os catadores começaram a se organizar em cooperativas ou associações, na busca pelo reconhecimento dessa atividade como profissão. Na década de 90, com o apoio de instituições não governamentais, foram promovidos encontros e reuniões em vários locais do país com essa finalidade. Novos parceiros foram incorporados, e o ano de 2001 culminou na realização do “1º Congresso Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis e a 1ª Marcha da População de Rua” (MAGERA, 2003 apud MEDEIROS e MACÊDO, 2007).

Os catadores estão construindo sua história e demarcando sua área de atuação, conquistando também seu reconhecimento como categoria profissional, oficializada na CBO – Classificação Brasileira de Ocupações, no ano de 2002. Nessa classificação, são registrados pelo número 5192-05 e sua ocupação é descrita como catador de material reciclável. Segundo a descrição sumária de suas atividades na CBO, “os trabalhadores da coleta e seleção de material reciclável são responsáveis por coletar material reciclável e reaproveitável, vender material coletado, selecionar e preparar este material para expedição...” (BRASIL, 2007).

Contudo, mesmo com sua regulamentação, são profissionais que continuam expostos a uma série de riscos relacionados a sua atividade, vivendo à margem da sociedade, caracterizando sua total exclusão.

3.4 PERCEPÇÃO AMBIENTAL (PA)

O termo percepção, derivado do latim *perceptio*, é definido na maioria dos dicionários da língua portuguesa como “ato ou efeito de perceber; combinação dos sentidos no reconhecimento de um objeto; recepção de um estímulo; faculdade de conhecer independentemente dos sentidos; sensação; intuição; ideia; imagem; representação intelectual”. Não é difícil identificar uma amplitude considerável de possíveis significados a partir dessas definições, que vão desde a recepção de estímulos até a intuição, a ideia e a imagem, que são categorias perfeitamente distintas no discurso filosófico (MARIN, 2008).

Diante de tamanha diversificação de termos, as pesquisas sobre PA requerem uma abordagem bastante ampla, necessitando englobar várias ciências, dentre elas a Psicologia, a Antropologia, a Sociologia e a Geografia (OLIVEIRA, 2006), demonstrando, por conseguinte, sua natureza inter e transdisciplinar.

Conhecer a PA de um indivíduo é revelar julgamentos deste mesmo indivíduo a respeito dos ambientes nos quais vive ou com os quais se relaciona. Desta forma, os estudos cujo objetivo é obter informações da PA acerca de um determinado recorte temporal, espacial e social buscam compreender as relações existentes entre indivíduos ou grupos sociais com o ambiente, através do reconhecimento de suas atitudes e concepções acerca do meio (CASAZZA, 2012).

A PA ocorre pelos estímulos sensoriais, é particular e há diversos elementos presentes na forma do indivíduo perceber o mundo, entre eles a subjetividade e o contexto cultural deste indivíduo. Segundo Vestena e colaboradores (2004), a noção de PA pode ser entendida como a visão subjetiva dos sujeitos sobre o ambiente, oriunda do acúmulo de experiências pessoais na relação com o meio e orientadora de suas ações no espaço.

De tal forma, entendemos que toda ação humana sobre o ambiente é mediada pela percepção de mundo que o sujeito tem, tornando o reconhecimento desta percepção o primeiro passo para o entendimento das relações entre homem e ambiente. Neste estudo, a percepção ambiental focada nas concepções dos CMRs acerca da atividade que praticam (a catação) e de suas condições de vida, poderá fornecer elementos essenciais para a criação de políticas

públicas mais eficazes e pertinentes com as necessidades desta população. Para tanto, faz-se necessária uma maior explicação sobre o tema.

3.4.1 Diferentes visões teóricas a respeito da PA

Os estudos envolvendo os conceitos de PA estão cada vez mais presentes nos meios científicos, bem como relacionados a busca de uma gestão mais eficiente e harmônica do ambiente, ao levar-se em conta suas diferentes interações com o ser humano.

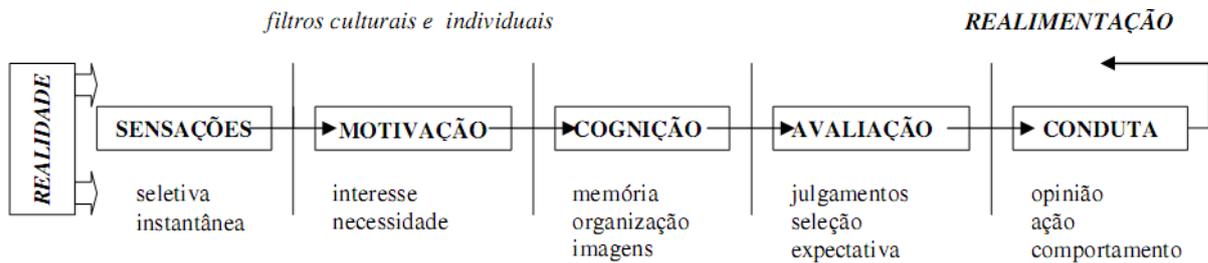
Para Melazo (2005), tais estudos se tornam fundamentais para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente no qual vive, suas expectativas, satisfações e insatisfações, valores e condutas, ou seja, como cada indivíduo percebe, reage e responde frente às ações sobre o meio. Para esse autor, as pesquisas sobre PA devem buscar não apenas o entendimento daquilo que o indivíduo percebe, mas também promover a sensibilização, a consciência, bem como o desenvolvimento do sistema de compreensão do ambiente ao seu redor.

Segundo Tuan (1980, p.4), percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros são reprimidos ou bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura.

Desta forma, o estudo da percepção, de um modo geral, não é tarefa de um único campo do conhecimento. Diferentes teorias sobre percepção são encontradas em diversas áreas, com diferentes enfoques. No entanto, todas elas partem do princípio que as sensações é que nos dão as qualidades, as impressões dos objetos e conseqüentemente os significados e valores atribuídos por nós, sendo que cada pessoa atribui valores distintos ao que se é percebido. Tais sensações nos chegam através dos nossos cinco sentidos. Eles permitem-nos formar ideias, imagens e compreender o mundo que nos rodeia. Assim, a percepção apresenta-se como um processo ativo da mente juntamente com os sentidos, ou seja, há uma contribuição da inteligência no processo perceptivo, que é motivada pelos valores éticos, morais, culturais, julgamentos, experiências e expectativas daqueles que o percebem (MELAZO, 2005).

Através da organização e interpretação das impressões sensoriais o indivíduo atribui significações ao seu meio. Para Del Rio (1999, p.3), a percepção é entendida como o processo mental da interação do indivíduo com o ambiente que ocorre através de mecanismos perceptivos guiados através dos sentidos pelos estímulos externos, bem como por mecanismos

cognitivos relacionados, por conseguinte, com a inteligência do indivíduo. Este processo perceptivo encontra-se explicitado através do seguinte esquema teórico:



Fonte: DEL RIO, (1999)

Algumas pesquisas mais recentes sobre PA no campo da educação ambiental, da sociologia e da geografia têm apresentado importantes aportes teóricos advindos da área filosófica. Fazem parte dessas pesquisas, dentre outros, os estudos teóricos sobre leituras da PA a partir da *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty, sob a influência do pensamento filosófico do alemão Edmund Husserl (1859-1938), que tinha por objetivo a descrição pura da realidade, o retorno ou resgate do fenômeno em si (MARIN, 2008).

Merleau-Ponty concentrava-se na primazia da percepção. Para ele, a Fenomenologia se constitui numa corrente filosófica que considera os objetos como fenômenos, os quais devem ser descritos como aparecem à consciência. É o estudo das essências a partir das vivências do indivíduo e de sua consciência no mundo, por meio da interpretação (RIBEIRO et al., 2009).

Seguindo seus conceitos, a fenomenologia é uma filosofia que repõe as essências na existência, só podendo compreender o homem e o mundo a partir de sua “facticidade” (MERLEAU-PONTY, 1999: p.1). Afirma que,

(...) tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada. Todo universo da ciência é construído sob o universo vivido [...] retornar às coisas mesmas é retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente, como a geografia em relação à paisagem — primeiramente nós aprendemos o que é uma floresta, um prado ou um riacho (MERLEAU-PONTY, 1999; p.3 e 4).

Em linhas gerais, os principais pontos do pensamento de Merleau-Ponty são:

- Existência do mundo independentemente das considerações que se possam fazer dele;
- Inseparabilidade entre sujeito e seu mundo e construção recíproca entre eles;

- O corpo como conexão do sujeito ao seu mundo;
- Percepção do espaço como expressão da vida total do sujeito;
- Consciência e mundo ligados pela percepção (não há consciência do mundo possível após desligamento);
- Consciência ativa/analítica (entendimento) e passiva (percepção) (MARIN, 2003; 2008).

Toda a reflexão filosófica acerca da percepção está fundamentada na fenomenologia, em que o saber sensível é apenas o ponto de partida para o saber absoluto. Sendo assim, a percepção é, portanto, uma forma de relação com o mundo que supera os sentidos e caminha para a formulação de pensamentos universais. É um veículo que [...] pode revelar, e até justificar, os padrões comportamentais na relação do ser humano com seu meio (MARIN, 2003).

De acordo com Kuhnen (2009), a percepção é a captação, seleção e organização das informações ambientais, orientada para a tomada de decisão que torna possível uma ação inteligente dirigida a um fim, e que se expressa por ela. A percepção do ambiente permite atuar. Adquire-se ao mesmo tempo em que se atua e modifica-se em função dos resultados da atuação. Ou seja, a percepção do meio ambiente é aprendida e está carregada de afetos que traduzem juízos acerca dele. Estão juntos o cognitivo e o emocional, o interpretativo e o avaliativo. Portanto, a PA é aprendida e aparece nos juízos que formamos sobre o meio ambiente e nas intenções modificadoras que empregamos. É resultante tanto do impacto objetivo das condições reais sobre os indivíduos quanto da maneira como sua interveniência social e valores culturais agem na vivência dos mesmos impactos.

Neste sentido, para Tuan (1980, p.1), as problemáticas ambientais são fundamentalmente problemas humanos, e estes, sejam econômicos, sociais ou políticos, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes dos seres humanos que conduzem suas ações, direcionando-as para os seus objetivos. Segundo este autor, a apreensão e avaliação dos fatores que levam à percepção humana são complexos e requerem uma análise mais detalhada, considerando elementos sociais, psicológicos, físicos ou imaginários. Portanto,

(...) para compreender a preferência ambiental de uma pessoa, necessitaríamos examinar sua herança biológica, criação, educação, trabalho e os arredores físicos. No nível de atitudes e preferências de grupo, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de um grupo no contexto do ambiente físico. Em nenhum dos casos é possível distinguir nitidamente entre os fatores culturais e o papel do meio ambiente

físico. Os conceitos “cultura” e “meio ambiente” se superpõem do mesmo modo que os conceitos “homem” e “natureza” (TUAN, 1980; p. 68).

Seguindo este pensamento, podemos dizer que a consciência do indivíduo organiza informações sobre o mundo, porém é preciso que não esqueçamos que sua experiência de vida está diretamente implicada neste mundo. Desta forma, o conceito de PA que norteará este estudo, será a de um processo pelo qual o indivíduo assimila sua realidade vivida, determinando suas expectativas, atitudes e valores com seu entorno. Ou seja, entendendo o sujeito como parte do meio que o rodeia, considerando, portanto, o seu contexto sociocultural. Logo, o termo PA estará sendo usado no sentido amplo de uma tomada de consciência do ambiente pelo homem.

Entender as relações simbólicas entre o perceber e o viver dos CMRs, nos ajudará a compreender a sua forma de enxergar o mundo e a si mesmo, levando-nos à construção de hipóteses que favoreçam a construção de possibilidades de enfrentamento de suas vulnerabilidades.

3.5 VULNERABILIDADE

A palavra vulnerável origina-se do verbo latim *vulnerare* que significa ferir, penetrar. Por essas raízes etimológicas, vulnerabilidade é um termo geralmente usado na referência de predisposição a desordens ou de susceptibilidade ao estresse (JANCZURA, 2012). Na realidade, o conceito de vulnerabilidade implica diferentes dimensões da vida do sujeito, entre elas a qualidade de sua vida laboral.

De acordo com Vignoli (2001), a noção de vulnerabilidade geralmente é acompanhada com vários adjetivos que definem o “*a que*” se está vulnerável, bem como diversas abordagens circundam este termo. Para Busso (2005), as abordagens mais tradicionais estão relacionadas às questões voltadas para o ambiente, desastres econômicos, naturais e da saúde física e mental dos indivíduos.

Em uma cidade específica há situações distintas no que se refere a condições de vida: segregação espacial, crescimento de favelas e exclusão social são diferentes aspectos da não inclusão de alguns grupos populacionais no estilo de vida dominante. A falta de acesso ao mercado de consumo é acompanhada pela falta, ou má qualidade, de serviços públicos, agravando as condições de vida dessas populações, consideradas vulneráveis. Desta forma, podemos dizer que a vulnerabilidade é entendida como um processo que envolve tanto a dinâmica social quanto condições ambientais (HOGAN et al., 2001, p.398), políticas e econômicas destas populações.

Cutter (1996 apud HOGAN et al., 2001), ao revisar o conceito de vulnerabilidade, identificou dezoito definições diferentes agrupando-as em três categorias distintas: vulnerabilidade como condição pré-existente, como resposta moderada e como risco de lugar. A última categoria incorpora condições sócio-demográficas e econômicas de uma população, como aspectos intrínsecos da vulnerabilidade. Neste sentido, pode-se considerar como risco de lugar o caso de grupos populacionais em áreas contaminadas ou sujeitas a contaminação, especialmente pelo risco decorrente da exposição, com consequências para a saúde.

Para Serra e Rodrigues (2002), mesmo que seja considerada apenas a dimensão biológica, podemos afirmar que a saúde humana das populações expostas a substâncias contaminantes está sujeita a uma multiplicidade de novos riscos. Segundo Moser (1998), a noção de vulnerabilidade geralmente é definida como uma situação em que estão presentes três elementos (ou componentes): exposição ao risco, incapacidade de reação e dificuldade de adaptação diante da materialização do risco. Neste trabalho, procuraremos indícios de que estes elementos estão vinculados ao modo como os catadores de materiais recicláveis percebem o mundo ao seu redor – de forma positiva ou negativa – bem como as suas capacidades para modificar o ambiente no qual vivem (atitudes ativas ou passivas).

De acordo com Porto (2000, p.8), o risco, de maneira genérica, pode ser entendido como toda e qualquer possibilidade de que algum elemento ou circunstância existente num dado processo e ambiente de trabalho possa causar dano à saúde seja através de acidentes, doenças ou do sofrimento dos trabalhadores, ou ainda através da poluição ambiental.

Por conseguinte, as situações de vulnerabilidade social devem ser analisadas a partir da existência ou não, por parte dos indivíduos ou das famílias, de ativos (ou recursos) disponíveis e capazes de enfrentar determinadas situações de risco. Logo, a vulnerabilidade de um indivíduo, família ou grupos sociais refere-se à maior ou menor capacidade de controlar as forças que afetam o seu bem-estar, ou seja, a posse ou controle de ativos que constituem os recursos requeridos para o aproveitamento das oportunidades propiciadas pelo Estado, mercado ou sociedade. Assim, a condição de vulnerabilidade deveria considerar a situação das pessoas a partir dos seguintes elementos: a inserção no mercado de trabalho, a debilidade de suas relações sociais e, por fim, o grau de regularidade e de qualidade de acesso aos serviços públicos ou outras formas de proteção social (KATZMAN, 2000).

Desta forma, partindo da compreensão de que a vulnerabilidade social decorre de fenômenos diversos, com causas e consequências distintas, obtém-se uma visão mais abrangente das condições de vida dos sujeitos e dos riscos sociais que atingem os vários segmentos populacionais, bem como de suas possibilidades de superação ou minimização

destes. Envolve, portanto, um conjunto de fatores que pode diminuir ou aumentar o(s) risco(s) no qual o ser humano, individualmente ou em grupo, está exposto nas diversas situações de sua vida.

De acordo com Busso (2001), os diferentes tipos de formas de acesso, níveis de cobertura e qualidade dos serviços públicos ofertados são componentes centrais para identificar condições de vulnerabilidade na sociedade contemporânea. Segundo este autor:

(...) a vulnerabilidade é uma noção dinâmica e multidimensional, uma vez que afeta indivíduos, grupos e comunidades em vários níveis de seu ser, de diferentes maneiras e com diferentes intensidades ao longo do tempo. A noção de vulnerabilidade inclui a exposição a riscos naturais e sociais que podem afetar negativamente o rendimento, consumo e outras dimensões do material e bem-estar não material da população, como o acesso aos serviços de saúde, educação e proteção social. A noção de vulnerabilidade refere-se a uma 'zona cinzenta' de risco entre a integração plena e a completa exclusão (BUSSO, 2005; p.16)

Dentro deste mesmo panorama, Porto (2005) constrói uma matriz de vulnerabilidade para a análise e contextualização de problemas de saúde, trabalho e ambiente, caracterizando os problemas a serem analisados a partir de três eixos centrais. Quais sejam:

- Eixo 1: caracterização do risco ocupacional/ambiental a partir dos níveis de complexidade técnico-científica do trinômio perigo-exposição-efeito, definindo as incertezas a ele associadas;
- Eixo 2: caracterização da vulnerabilidade social a partir da definição dos grupos populacionais expostos e suas formas de inserção-exclusão em sua relação com o trabalho e com a inserção relacional, bem como suas condições gerais de vida; e,
- Eixo 3: caracterização da vulnerabilidade institucional, a partir dos limites levantados nos marcos legais e normativos dos riscos em questão, da definição dos principais grupos geradores dos riscos, e da organização e atuação das instituições envolvidas no problema.

Para melhor visualização de tais eixos, encontra-se no quadro a seguir, o esquema sintético da matriz de vulnerabilidade proposta por este autor:

EIXO 1 Complexidade do trinômio perigo-exposição-efeitos e incertezas associadas	EIXO 2 Vulnerabilidade social dos grupos expostos	EIXO 3 Vulnerabilidade institucional
<p>-Caracterização do perigo: riscos físicos, químicos e biológicos à saúde e ao meio ambiente reconhecidos na literatura existente</p> <p>-Caracterização da exposição: territórios e populações atingidos pelos riscos, a partir de indicadores tecnológicos (processo de trabalho ou fonte emissora) e ambientais (níveis de emissão e contaminação da biota) nos territórios afetados.</p> <p>-Caracterização dos efeitos: informações disponíveis a partir de indicadores epidemiológicos e toxicológicos, referentes às populações expostas.</p> <p>-Caracterização das incertezas técnicas, metodológicas e epistemológicas dos riscos, a partir da caracterização do trinômio perigo-exposição-efeitos</p>	<p>-Caracterização do nível de qualificação e do tipo de emprego dos grupos populacionais expostos</p> <p>-Informações sobre renda familiar dos grupos populacionais expostos.</p> <p>-Caracterização da proteção social dos grupos populacionais expostos, a partir do acesso aos serviços básicos de saúde, previdência, bem como outras redes de proteção e sociabilidade.</p> <p>-Caracterização das condições gerais de vida, saúde e moradia, incluindo infraestrutura básica de saneamento e transporte, e quadro de morbimortalidade.</p> <p>-Existência de informações sobre os riscos, de instâncias organizativas dos grupos populacionais expostos e redes de</p>	<p>-Marco legal e institucional existente com relação aos riscos analisados</p> <p>-Mapeamento das instituições existentes que atuam na problemática dos riscos junto aos territórios e grupos expostos.</p> <p>-Caracterização das ações institucionais quanto ao escopo de sua atuação: área de abrangência; definição de prioridades e planejamento; recursos técnicos, econômicos e humanos empregados; (des)continuidade das ações realizadas; permeabilidade à participação dos atores envolvidos; nível de articulação/fragmentação entre as instituições.</p>

Fonte: PORTO, 2005

No período atual o tema da vulnerabilidade tem recebido atenção crescente quanto à dimensão humana em estudos de grupos populacionais, propiciando um quadro conceitual para a compreensão das interações homem-ambiente. Também constitui um elemento essencial para a avaliação e análise de riscos, perigos, impactos e danos aos quais os grupos populacionais estão expostos, bem como do grau de susceptibilidade a essa exposição e a habilidade (ou falta dela) para a atenuação, enfrentamento e/ou adaptação à perturbação ou estresse causado por essa exposição (TURNER et al., 2003).

Analisar a exposição aos riscos relacionando-a a forma como este mesmo indivíduo percebe o seu ambiente é integrar conhecimentos de diversas áreas a favor de um mundo mais justo e igualitário.

4. METODOLOGIA

4.1 ÁREA DE ESTUDO

O presente estudo foi desenvolvido no município de Patos localizado no Estado da Paraíba, Nordeste do Brasil. O município está situado na porção Central do Estado da Paraíba (Figura 1), na Mesorregião do Sertão Paraibano, na Microrregião de Patos, com uma área de 508,7 km². É o quarto município mais povoado no Estado da Paraíba com uma população de 100.675 habitantes (IBGE, 2010), o que representa 3 % da população do Estado.

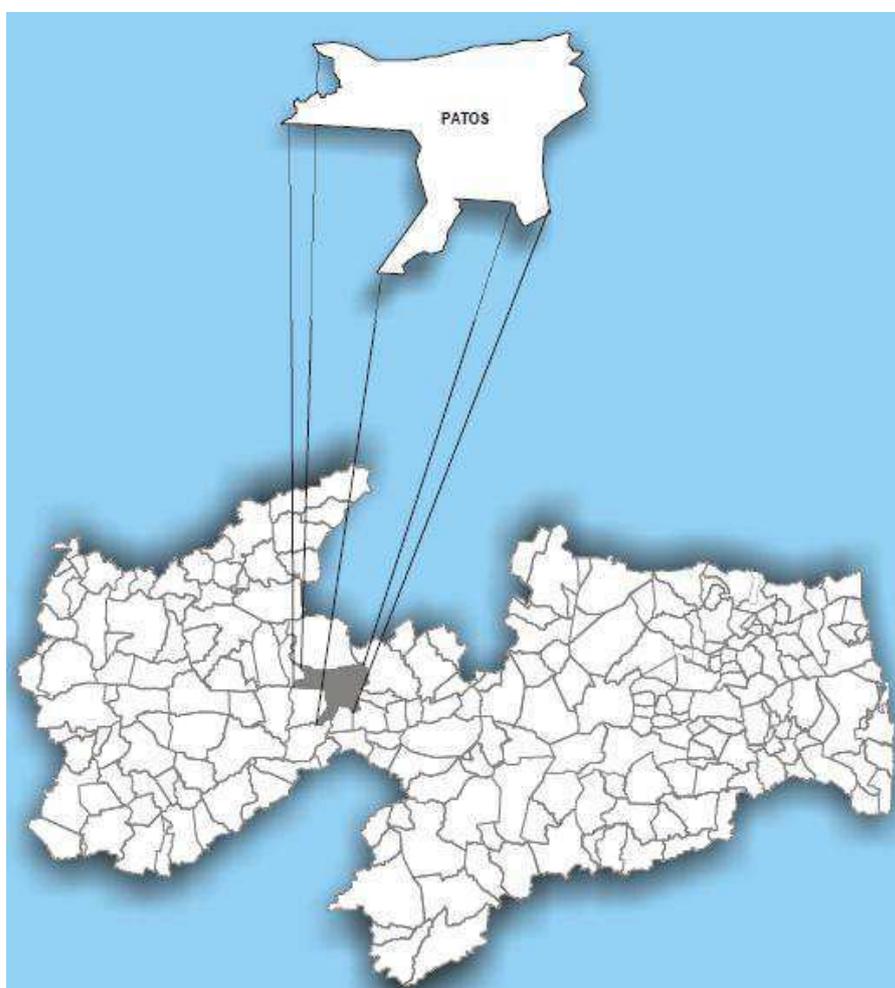


Figura 1 – Mapa da localização do município de Patos. Fonte: CPRM, 2005

A distribuição da sua população está vinculada à estrutura do sistema produtivo e às características do quadro natural, cujas potencialidades e restrições marcam acentuadamente a dinâmica populacional. A população que hoje habita a cidade de Patos provém, em boa parte, da zona rural, “expulsos” pelos problemas em consequência das secas, que a cada ano

empobrecem as atividades primárias. As migrações, ao aumentar a população da cidade, contribuem também para acelerar a produção de resíduos sólidos no espaço urbano.

A cidade de Patos gera cerca de 70 toneladas de lixo/dia. Estima-se que cada habitante produz, em média, 550 a 770g de lixo/dia. Estes valores variam em função de vários fatores, dentre os quais o poder aquisitivo, hábito de vida e nível de educação sanitária da população. Encontra-se, também, uma vasta diversificação de atividades que são responsáveis pela permanente produção de resíduos. Produção esta proveniente das residências, das indústrias, dos estabelecimentos comerciais, das feiras livres e dos mercados públicos existentes na cidade, variando bastante em tamanho e especificidade. Todo resíduo coletado é levado ao vazadouro a céu aberto, localizado em terras do próprio município, numa área de 13 ha próximo ao aeroporto Firmino Ayres (SOBRAL et al., 2001).

O município de Patos possui clima semiárido, quente e seco, com poucas chuvas. O mês mais quente é Dezembro com média mínima de 20.4°C e máxima de 32.7°C. Já o mês mais frio é Julho com média mínima de 17.1°C e máxima de 28.1°C.17 (WIKIPÉDIA, 2013). No entanto, a população da cidade observa registros de até 40°C. Patos se encontra na 18ª colocação no ranking das 20 cidades mais quentes do Brasil (MAISPATOS.COM, 2013).

4.2 MÉTODO

Este estudo, de natureza descritiva e exploratória, utilizou a triangulação simultânea que diz respeito ao emprego de métodos quantitativos e qualitativos na elaboração de uma pesquisa (MORSE, 1991 apud NEVES, 1996). Portanto, o trabalho se desenvolveu por meio de pesquisa quanti-qualitativa.

De acordo com Godoy (1995), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo.

A possibilidade de uma intervenção mais direta por parte do pesquisador na pesquisa qualitativa ocorre pela substituição de estratégias de pesquisa dedutivas por estratégias indutivas. Isto significa que cada pessoa selecionada para participar de sua pesquisa deverá ser abordada de maneira peculiar, com o intuito de estimulá-la a refletir sobre o ambiente no qual vive, através do relato de informações pensadas por ela naquele determinado momento (CASAZZA, 2012).

Por outro lado, ao buscar-se o conhecimento de uma determinada realidade, a pesquisa quantitativa permite mensurar os dados de forma a serem comparados ao longo do tempo, traçando um histórico de informação (GODOY, 1995) que poderá ser utilizado em diferentes situações/momento. Neste trabalho, utilizou-se a estatística descritiva na elaboração do perfil socioeconômico da população estudada e na constituição da relação entre percepção e vulnerabilidade.

Os dois enfoques, qualitativo e quantitativo, não se contrapõem; na verdade, complementam-se e podem contribuir em um mesmo estudo para um melhor entendimento do fenômeno estudado (NEVES, 1996).

4.3 AGENTES ESTUDADOS E COLETA DE DADOS

O trabalho foi realizado com catadores de materiais recicláveis (CMRs) que trabalham no lixão do município de Patos, no sertão da Paraíba, e a coleta de dados foi realizada em duas etapas. Primeiramente, em dezembro de 2012 e, a seguir, entre os meses de agosto e setembro de 2013.

Os procedimentos realizados foram desenvolvidos in loco, buscando o quanto possível evitar interrupções para deixar os participantes à vontade e imersos em suas realidades. Como critério de inclusão, foram utilizados a disponibilidade dos sujeitos que faziam a catação no lixão de Patos e serem maiores de 18 anos, sem distinção de sexo ou raça.

Com autorização prévia dos participantes, obtida com o seu consentimento formal por meio de assinatura ou impressão digital do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (APÊNDICE 1), as entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, integralmente transcritas para favorecer a fidelidade dos dados, porém procurando preservar suas identidades.

4.3.1 Procedimentos iniciais para a coleta de dados:

- a. Os catadores trabalhavam de forma individual no lixão, embora cerca de 60 trabalhadores já estivessem vinculados a uma cooperativa que existe apenas no papel, ou seja, eles possuem CNPJ, mas ainda não conseguiram se organizar para trabalhar de maneira coletiva, o que será discutido mais adiante. Nesse ínterim, respeitam e acatam as orientações de uma catadora mais experiente, uma senhora de 57 anos de idade, que exerce a função de líder entre eles, bem como de Presidente desta provável

cooperativa. Portanto, em dezembro de 2012 entrou-se em contato com esta senhora para solicitar sua autorização para a realização da pesquisa;

- b. Nesta mesma ocasião, reunimos alguns catadores presentes no local, para apresentação dos objetivos da pesquisa e informações acerca dos benefícios e riscos de sua participação, detalhados mais a frente;
- c. Após esse primeiro contato, realizaram-se os primeiros procedimentos metodológicos entre aqueles que se disponibilizaram a participar deste estudo.

Primeira etapa da coleta de dados (2012):

Para a caracterização do perfil socioeconômico do catador foram utilizados como instrumentos, questionário (APÊNDICE 2) contendo indicadores tais como identificação, escolaridade, situação familiar, renda mensal e questões relacionadas ao trabalho da catação.

Os questionários foram aplicados individualmente, no mês de dezembro de 2012. Participaram desta primeira etapa 22 catadores. Segundo a Presidente da cooperativa, existem atualmente entre 60 e 70 catadores trabalhando no lixão de Patos, distribuídos nos três períodos. Portanto, a amostragem utilizada neste estudo representou cerca de 30% do universo de catadores do lixão de Patos.

Segunda etapa da coleta de dados (2013):

Para a obtenção dos dados subjetivos utilizou-se o método da observação participante que permite integrar o observador a sua observação e o conhecedor ao seu conhecimento. Consiste na inserção do pesquisador no interior do grupo observado, tornando-se parte dele e buscando partilhar o seu cotidiano para sentir o que significa estar naquela situação. (QUEIROZ et al., 2007).

Portanto, através dos relatos espontâneos advindos do contato direto entre a pesquisadora e os catadores, durante o período de 7 (sete) dias seguidos, possibilitou-se maior entendimento da rotina destes trabalhadores. Nesta segunda etapa, participaram apenas 18 catadores, sendo os mesmos do primeiro momento de coleta, tendo em vista que um faleceu, outro retornou ao antigo emprego – segundo os próprios catadores, outro teria mudado seu horário de catação para o turno da noite – e, portanto, não pôde ser encontrado, e o último desistiu de participar da pesquisa.

Neste enfoque, para conhecermos a percepção dos catadores, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas (APÊNDICE 3) utilizando-se como indicadores questões relacionadas à saúde, meio ambiente e trabalho. Em complementação a esta ferramenta, utilizou-se o recurso da representação fotográfica para captar de maneira mais espontânea a visão dos sujeitos sobre o ambiente ao seu redor, através de suas expressões não-verbais deste mesmo ambiente. Para isso, os catadores foram solicitados a fotografarem as imediações de seu trabalho, de forma a flagrarem seus modos de vida, seus valores, e o que forem capazes de conseguir perceber e valorizar, sendo posteriormente questionados sobre suas escolhas.

Na verificação da vulnerabilidade, foram utilizadas três categorias de análises, selecionadas de acordo com os objetivos deste estudo e tendo como norteadores o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) e a matriz de vulnerabilidade para catadores de materiais recicláveis elaborada por Porto (2005). Serão consideradas, portanto, as condições laborais dos catadores no que diz respeito ao seu sustento e exposição de doenças e o acesso aos serviços públicos e cobertura de segurança social.

Por conseguinte, as categorias de vulnerabilidade propostas foram referentes à riscos à saúde, infraestrutura/serviços urbanos e mercado de trabalho, utilizando como referencial teórico para a sua avaliação o conceito de vulnerabilidade proposto por Busso (2005).

Para a primeira categoria os indicadores utilizados foram:

- Exposição a riscos;
- Capacidade de proteção e/ou minimização desses riscos.

Para a segunda categoria foram utilizados os seguintes indicadores:

- Condições de moradia;
- Inscrição nos programas de benefício do Governo (Bolsa-família, etc);
- Utilização dos serviços comunitários do Município (creches, postos de saúde, etc).

E, na terceira categoria utilizaram-se indicadores referentes à:

- Rendimento familiar;
- Mulher chefe de família;
- Contribuição previdenciária oficial.

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados referentes ao perfil socioeconômico dos catadores foram analisados estatisticamente através do software EPIINFO 6.0.4. E, para analisar a relação entre percepção e vulnerabilidade utilizou-se a análise de frequência do Statistics Analysis System (SAS, 2004).

Já com relação à análise qualitativa, foram tratados mediante Análise de Conteúdo do tipo categorial temática, com base na proposta de Laurence Bardin (2011), e realizada em três etapas cronológicas: pré-análise, exploração do material (leitura flutuante) e tratamento dos resultados, que inclui inferência e interpretação.

Este método, de acordo com Silva et al. (2005), surge como uma importante ferramenta para a compreensão da construção de significados que os atores sociais exteriorizam em seus discursos.

A definição de Bardin (2011) para a análise de conteúdo é definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, de indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (p.37, 41 e 42).

De acordo com Moraes (1999), a análise de conteúdo possibilita diferentes modos de condução da pesquisa a ser realizada. Na primeira fase é estabelecido um esquema de trabalho que deve ser preciso, com procedimentos bem definidos, embora flexíveis. Consiste na seleção e escolha do material pertinente com os objetivos do estudo. A segunda fase consiste no cumprimento das decisões tomadas anteriormente, na realização da leitura flutuante, favorecendo, assim, uma compreensão aprofundada sobre o assunto estudado. E, finalmente, na terceira etapa, o pesquisador apoiado nos resultados brutos procura torná-los significativos e válidos (SILVA et al, 2005). Implica na identificação de “núcleos de sentido” na fala dos participantes a partir da frequência, presença ou ausência de temas relacionados aos objetivos da pesquisa. É, portanto, com base no conteúdo manifesto e explícito, que se inicia o processo de análise (FRANCO, 2012).

4.5 QUESTÕES ÉTICAS

As entrevistas foram registradas com a devida permissão dos participantes e utilizadas apenas para propósitos desta pesquisa e publicação acadêmica, devendo permanecer arquivadas sob responsabilidade da pesquisadora.

Os entrevistados foram orientados quanto aos objetivos, metodologia envolvida para coleta de dados, assim como riscos e benefícios que envolveriam esta pesquisa. As suas identidades foram mantidas em sigilo. Os riscos se restringiram ao incômodo de os catadores terem que disponibilizar parte do seu tempo para responder a entrevista. Os benefícios podem envolver direta ou indiretamente os sujeitos desta pesquisa, visto que os resultados poderão contribuir para a melhoria da qualidade de vida, trabalho e saúde dos catadores de materiais recicláveis e aprimoramento de políticas de atenção a esta população.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DO CATADOR DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DO MUNICÍPIO DE PATOS-PB

O município de Patos, na Paraíba, ainda não dispõe de aterro sanitário, depositando seus resíduos sólidos em vazadouro a céu aberto, mais conhecido como lixão. Com uma área de aproximadamente 13 ha, está localizado a aproximadamente 8 km do centro da cidade. Existem atualmente no lixão do município entre 60 a 70 pessoas, entre homens e mulheres, trabalhando na catação desses resíduos.

Em conversa com o Secretário do Meio Ambiente do município de Patos, constatou-se que as autoridades competentes da cidade tinham conhecimento do trabalho dos catadores no lixão, fato apontado pela Pesquisa Nacional de Saneamento Básico – PNSB (2008), onde 26,8% das entidades municipais que faziam o manejo dos seus resíduos sabiam da presença de catadores nas unidades de disposição final desses resíduos (IBGE, 2010).

5.1.1 Com relação à identificação

Dos catadores de materiais recicláveis entrevistados a maioria era do sexo masculino (59%) e a faixa etária entre 26 e 35 anos foi a predominante (Figuras 2 e 3). O catador mais jovem apresentou-se com 18 anos, enquanto o de maior idade estava com 67 anos, demonstrando uma distribuição bastante elástica quanto ao fator etário.

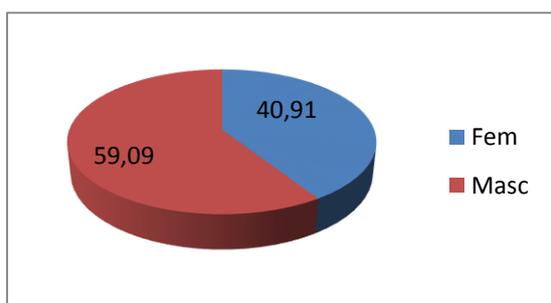


Figura 2. Gênero dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

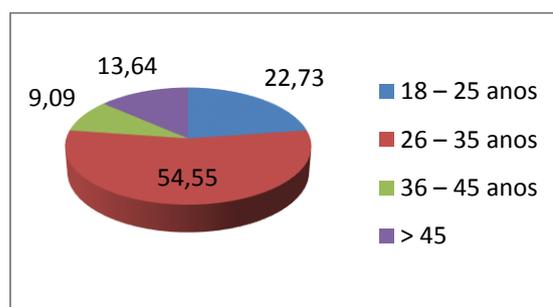


Figura 3. Faixa etária dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

O que se pode perceber com estes dados é que a população feminina vem aumentando entre os catadores. Em pesquisa realizada em Carpina-PE, os homens representavam 64% dos

catadores analisados (CAVALCANTI NETO et al., 2007), enquanto no lixão de Campina Grande-PB foi encontrado um percentual bastante elevado do sexo masculino, com 75% do total de sua amostragem (OLIVEIRA et al., 2010). Para Silva (2012), a predominância de mulheres no processo de catação, reflete a sociedade contemporânea e o desejo das mulheres de serem livres, independentes e autônomas.

Com relação à faixa etária, os resultados obtidos no presente estudo foram semelhantes aos encontrados por diversos autores (PORTO et al., 2004; MEDEIROS, MACÊDO, 2007; KIRCHNER et al., 2009). Desta forma, demonstra-se que a população de catadores de materiais recicláveis é formada basicamente por adultos jovens, embora com uma grande elasticidade na distribuição de faixas etárias.

5.1.2 Com relação à escolaridade

Quanto à escolaridade, 18% eram analfabetos, 40% possuíam o Ensino Fundamental I e apenas 13% chegaram a concluir o Ensino Médio, como demonstra a Figura 4. A baixa escolaridade também foi observada em trabalhos anteriores (PORTO et al., 2004; BOSI, 2008; GALVÃO et al., 2009; RIBEIRO et al., 2011). Nesses trabalhos, o grau de escolaridade foi apontado como um dos motivos geradores da exclusão de pessoas do mercado formal de trabalho. No entanto, dos catadores analisados apenas 13% percebiam a falta de estudo como possível fator relevante para ter-se tornado um catador.

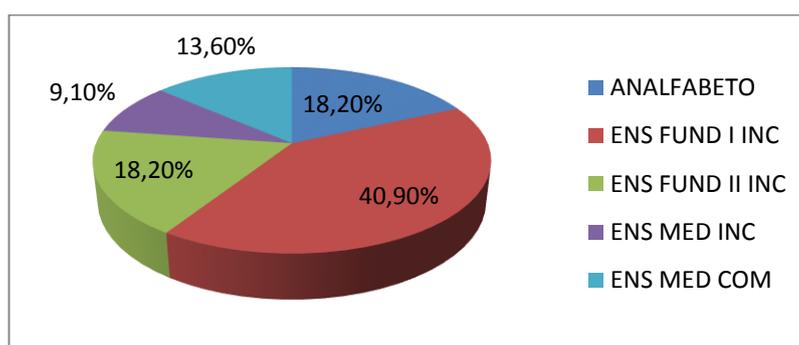


Figura 4. Nível de escolaridade dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

Apesar da dificuldade em perceber a relação entre baixa escolaridade e a escolha pela atividade da catação, acredita-se que de fato exista influência entre as duas variáveis, visto que

grande parte das pesquisas realizadas indica que a formação escolar da população de catadores de materiais recicláveis é sempre baixa.

No grupo pesquisado, aqueles que conseguiram cursar o ensino médio completo, assim o fizeram por meio de programas de aceleração do ensino, como o antigo Supletivo e, atualmente, o EJA (Educação de jovens e adultos). De acordo com Medeiros e Macêdo (2007), a baixa escolaridade pode estar associada à autoimagem que os catadores fazem de sua profissão e posição social justificando, desta forma, sua dificuldade para verbalizar aquilo que pensam sobre as relações entre a sua profissão e formação escolar.

5.1.3 Com relação à situação familiar

Quanto ao estado civil dos catadores percebeu-se que em sua maioria (77%) eram chefes de família, ou seja, eram casados ou estavam em uma comunhão estável há mais de cinco anos, como observado na Figura 5. E, analisando os dados da Figura 6, pode-se constatar que entre estes todos têm filhos. Todos os entrevistados mencionaram que os filhos encontravam-se na escola, fato que demonstra uma mudança relacionada à importância dada à formação escolar pelas famílias catadoras, pois apesar de todas as dificuldades incentivam e apostam no futuro de seus filhos.

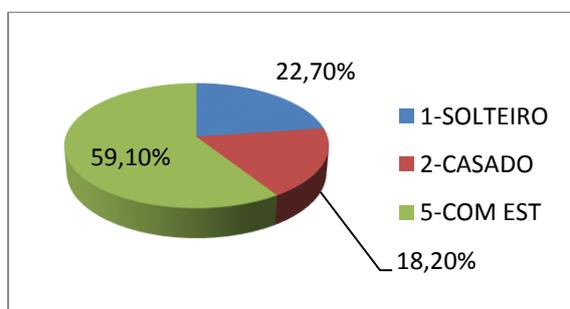


Figura 5. Estado civil dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

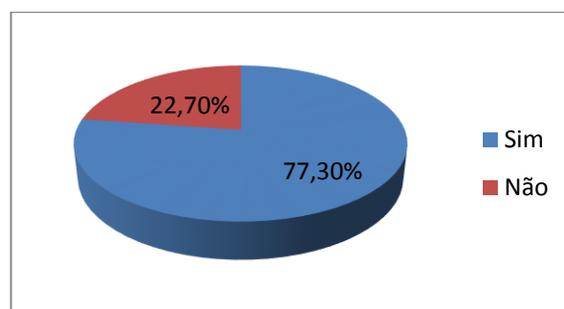


Figura 6. Situação de paternidade/maternidade dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

Com relação ao número de filhos, verificou-se que não existe um controle de natalidade entre as famílias catadoras, visto que 29% tinham entre três e quatro filhos e 28% de cinco ou mais filhos, superando a média nacional que é de 1,8 filhos por mulher (IBGE, 2011).

Com relação à moradia, mais da metade dos entrevistados (54%) possuem casa própria, sendo que quase todas foram provenientes de programas assistidos pelo governo (casas populares).

5.1.4 Com relação à renda mensal

A arrecadação mensal dos catadores advinda da atividade da coleta e venda de materiais recicláveis variava entre R\$ 200,00 a R\$ 900,00, sendo que a renda individual de 59% dos entrevistados era de no máximo meio salário mínimo, como nos mostra a Figura 7. Com relação à renda familiar 36% mantinham-se com até um salário mínimo, de acordo com a Figura 8. O salário mínimo vigente no momento da pesquisa era de R\$ 622,00.

Para os catadores da cidade de Brasília, cerca de 50% obtinham menos da metade de um salário mínimo por mês (MARTINS, 2007), enquanto que em Fronteira-Oeste, no Rio Grande do Sul, este percentual era ainda maior onde 60% dos catadores faturavam este valor (KIRCHNER, 2009).

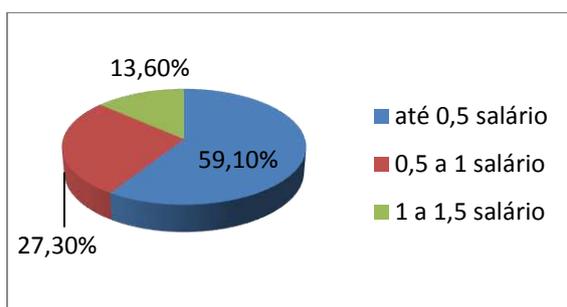


Figura 7. Renda individual dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

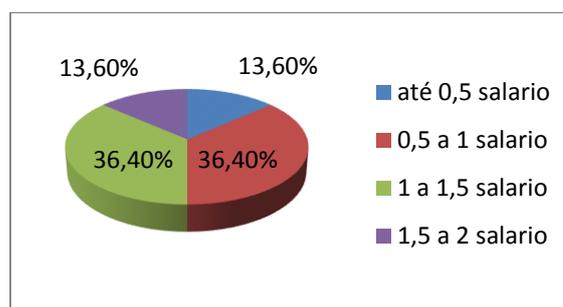


Figura 8. Renda familiar dos catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

Do grupo analisado (Figura 9) 63% recebiam o benefício Bolsa Família, sendo este fator preponderante para a melhoria nas condições de vida e salário dos catadores. Realidade também encontrada em Campina Grande-PB, onde o Bolsa Família representava para 33% dos catadores estudados uma complementação de renda (SILVA, 2012)

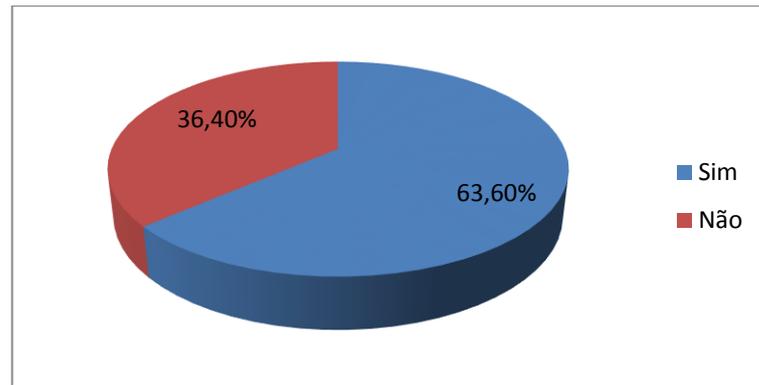


Figura 9. Recebem o benefício Bolsa-Família

5.1.5 Com relação à atividade da catação

A pesquisa revelou que a maioria dos catadores de materiais recicláveis, cerca de 45%, estavam nesta atividade há mais de 10 anos (Figura 10), sendo que 45% possuíam familiares no mesmo exercício, demonstrando que existe uma forte tendência a ser uma profissão que passa de pai para filho, fato que pode ser percebido nas falas a seguir:

“A mãe do meu marido já era catadora. Daí comecei a trabalhar” (M.N., 56 anos).

“Meu irmão começou a trabalhar aqui no lixão e daí resolvi vir também” (A.S., 25 anos).

“Nasci e me criei em lixo. Tô aqui desde que eu tinha 7 anos” (J.C., 26 anos).

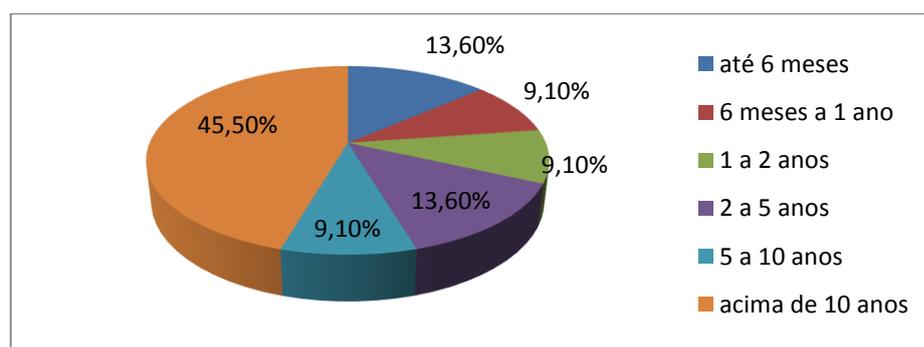


Figura 10. Tempo de catação entre os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013.

Analisando os dados da Figura 11, pôde-se constatar que 40,9% dos entrevistados nunca realizaram outra atividade remunerada além da catação, uma vez que muitos foram criados acompanhando seus pais nesta atividade, reforçando a ideia de que a catação apresenta-

se como uma atividade que se impõe aos membros das famílias catadoras, como consequência das dificuldades vivenciadas com relação à formação escolar de seus filhos, ou mesmo como parte da condição de sua vida vulnerável. Ou seja, é uma atividade que passa de pai para filho, mas ao invés de refletir admiração, vocação ou escolha, traduz uma sentença de vida da qual não conseguem fugir.

Nesse sentido, a atividade da catação de materiais recicláveis representa para essas famílias catadoras, a certeza de que não têm o direito de melhorar suas condições de vida, roubando-lhes a infância, a adolescência e a juventude, enfim, várias gerações dedicadas à catação, em busca de sua sobrevivência (SILVA, 2012).

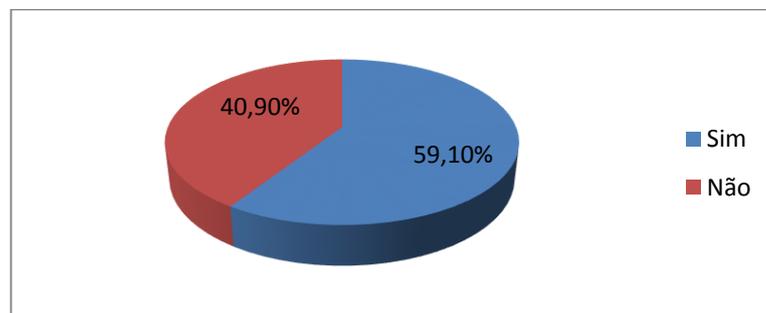


Figura 11. Exercício de outra atividade anterior à catação entre os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013.

Neste contexto, quando perguntados sobre os motivos que os levaram à catação, prevaleceu o desemprego como fator principal (50%), de acordo com a Figura 12. Em pesquisa realizada com catadores de materiais recicláveis em Campina Grande-PB, o principal motivo para esses profissionais exercerem a catação também estava relacionada à sobrevivência (RIBEIRO et al., 2011). Isto mostra ser esta uma atividade que representa a exclusão de determinadas pessoas do mercado de trabalho, apesar de ser tão importante para a sociedade e a natureza.

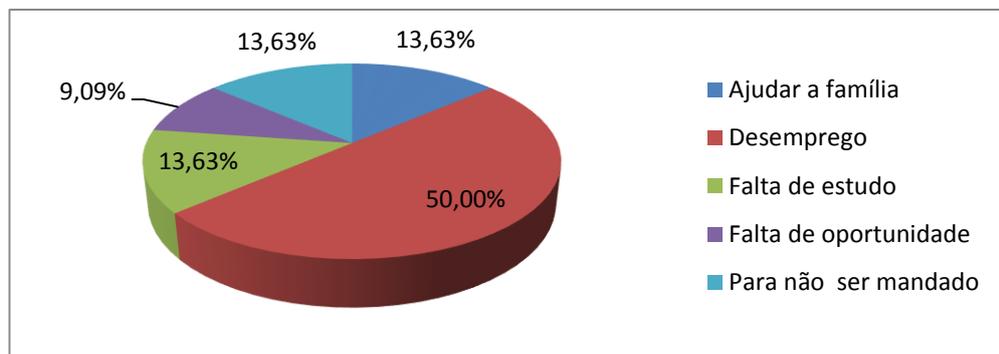


Figura 12. Motivos que os levaram à catação para os catadores de materiais recicláveis que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

Birbeck (1978), denomina os catadores de “self-employed proletarians”, pois, segundo este autor, o autoemprego não passa de ilusão. Os catadores se autoempregam mas, na realidade, eles vendem sua força de trabalho à indústria da reciclagem sem, contudo, terem acesso à seguridade social do mundo do trabalho (apud MEDEIROS e MACÊDO, 2007), configurando-se, então, uma artimanha do processo de exclusão social vivido pelos catadores e evidenciado nos discursos a seguir:

“Porque aqui é o tipo da coisa: se o cabra trabalhar tem, se não trabalha não tem. Até em caso de doença. Se fosse numa firma isso não acontecia!” (D.S, 26 anos).

“Porque aqui dá muito dinheiro, mas a pessoa não é valorizada. As pessoas têm preconceito com os catadores. Não trabalho aqui porque gosto, mas porque preciso” (J.B, 26 anos).

Diante deste quadro social, constatou-se que a maioria dos catadores entre homens (69%) e mulheres (88%), segundo dados das Figuras 13 e 14, pretendiam mudar de profissão, sendo que, dentre estes, 100% assim o fariam em busca de maior segurança trabalhista (carteira assinada) e melhores condições de trabalho, resultados também encontrados em Cruz Alta-RS, onde 62% dos entrevistados pretendiam deixar a atividade na primeira oportunidade que surgisse devido à baixa remuneração (SILVA, 2011).

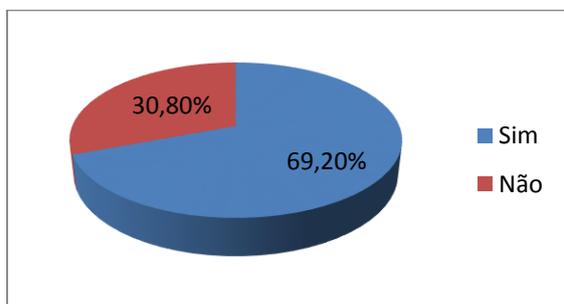


Figura 13. Desejo de mudar de atividade entre os CMRs que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

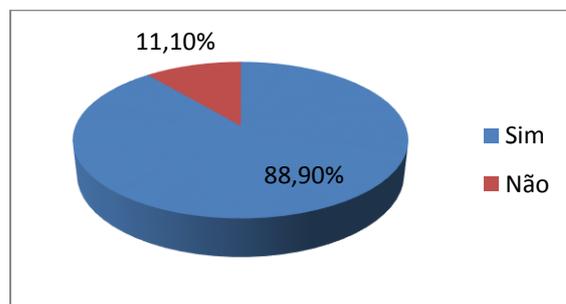


Figura 14. Desejo de mudar de atividade entre as CMRs que atuam no lixão de Patos-PB, 2013

Os resultados demonstram que os catadores obtêm uma renda muito baixa mediante todo esforço empregado na coleta e separação dos resíduos, visto que trabalham sob péssimas condições ambientais, sem direitos trabalhistas, sem o apoio das autoridades públicas e sem o devido reconhecimento de seu trabalho pela sociedade. Esta relação esforço de trabalho X recompensa financeira causa desmotivação, descontentamento e impossibilita o resgate da autoestima e da valoração da própria atividade laboral, conforme Cavalcante et al. (2012).

5.2 VULNERABILIDADE DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB

5.2.1 Riscos à saúde

Os CMRs do lixão de Patos-PB encontram-se expostos a diversos tipos de riscos à saúde. Dentre eles os catadores citaram, os problemas de coluna (52,9%), as doenças respiratórias (35,3%), os traumas provocados por atividade repetitiva – dores nos braços (11.8%), os problemas de pele (100%), as dores de cabeça (5.9%) e as infecções causadas por germes, vírus e bactérias (5.9%).

Os CMRs não têm um horário específico de chegada, nem de saída, fazendo sua própria carga horária de acordo com suas necessidades individuais, sendo este fato apontado por grande parte dos entrevistados (40%) como uma das principais motivações para sua permanência na atividade de catação, como se percebe nas falas a seguir:

“Poucas empresas pagam o que eu consigo tirar aqui. E ainda se acha dono do funcionário. Aqui eu sou meu patrão” (F.A., 33 anos).

“Porque vem na hora que quer, no dia que quer. Quando tá doente não precisa trabalhar. Somos nossos patrões” (V.A., 18 anos).

“É o tipo da coisa: atraso no pagamento, abuso de patrão e aqui a gente trabalha independente. Faço meu horário” (B., 31 anos)

No entanto, ainda que esta suposta independência laboral seja apontada pelos catadores como algo positivo, o fato de não possuírem uma carga horária específica, bem como de sua renda depender de uma boa produção, tornam esses trabalhadores vítimas e escravos de seu próprio trabalho, no sentido de não conseguirem estipular uma jornada que favoreça seu sustento e ao mesmo tempo não os exponha a situações danosas do ponto de vista da saúde. Pode-se perceber os sinais dessa exposição, nos relatos a seguir:

“Aqui a gente trabalha fora do limite. Porque as vezes a gente chega aqui 3h da manhã e sai a noitinha... as vezes tá doente e tem q trabalhar... é assim!” (F., 35 anos)

“Faço esse valor porque trabalho muito. Todos os dias, até nos feriados e finais de semana. E a maioria só espera pelo carro. E eu não, continuo trabalhando” (F.A., 33 anos)

“Tem dia que a gente nem descansa um pedacinho, porque quem junta papelão o trabalho é mais. Quando termina de cavar o carro, aí vai ter que juntar o papelão. Agora quem não junta, descansa um pouquinho enquanto o outro carro não vem” (I., 38 anos)

“Acho bom porque a gente não tem patrão, se quiser não vem trabalhar, mas se tivesse um emprego que ganhasse igual eu queria, mudava na hora. Aqui é muito trabalho, né?” (L.C., 27 anos)

Os CMRs do lixão de Patos, trabalham entre seis e 12 horas por dia e dos 18 entrevistados 41% ultrapassavam as 10 horas de trabalho. Os catadores trabalhavam em sua maioria (67%) seis dias semanais, contudo 5% chegavam a realizar seu trabalho durante todos os dias da semana. Essa jornada exorbitante, juntamente com o imenso esforço empregado – carregamento de fardos de até 80 Kg (Figura 15) – podem favorecer o surgimento de doenças como as lesões musculares, as tendinites, as doenças articulares e os problemas de coluna. Algumas dessas afecções requerem tratamento específico podendo, inclusive, incapacitar o catador temporariamente ou mesmo por tempo indeterminado, causando-lhes grandes prejuízos sociais, financeiros e familiares.



Figura 15. Catador transportando material coletado entre os resíduos dispostos. Patos-PB, 2013.

Porto et al. (2004) ressaltam que a forte carga física da catação somada ao trato direto com diferentes tipos de resíduos contaminantes e à própria rotina de trabalho são fatores que predispõem os catadores às doenças associadas ao trabalho.

O grupo entrevistado exercia suas atividades diariamente no local, geralmente nos períodos da manhã e tarde, embora alguns catadores preferissem trabalhar à noite, devido às altas temperaturas durante o dia. Desta forma, outro risco vivenciado pelos catadores era a

exposição frequente às altas temperaturas durante sua atividade no lixão, podendo em sua decorrência desenvolver graves problemas de pele, dentre eles o câncer de pele, como por exemplo o melanoma maligno.

As condições ambientais insalubres, do ponto de vista térmico, não permitiam ou dificultavam o uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) pela população catadora que, mesmo sem utilizá-los, queixava-se desses equipamentos, principalmente as luvas e botas, dizendo que se tornavam extremamente desconfortáveis em decorrência do calor extremo e, por isso, não os utilizavam. Por consequente, tornando-os ainda mais vulneráveis aos acidentes de trabalho.

Comparando a atividade da catação com o trabalho do homem do campo, percebe-se o quanto os catadores são vulneráveis às temperaturas elevadas, pois o agricultor consegue geralmente escolher o seu horário de trabalho, dando preferência aos horários mais frios, bem como trabalhar por períodos determinados – cerca de 6-8 horas diárias, enquanto que os catadores não têm esta disponibilidade já que dependem de vários fatores.

Como demonstrado anteriormente, os catadores ultrapassam a carga horária máxima estabelecida pela legislação trabalhista determinada pelo Decreto Lei 5.452/1943 (BRASIL, 1943) e ainda dependem da hora em que os chamados “caminhões do lixo” chegam ao local para trabalhar, o que acontece, na maioria das vezes, nos horários mais quentes - entre 11:00 e 14:00 horas (Diário de campo, agosto de 2013).

A maioria dos catadores realizava a cavação (ato de perfurar os sacos despejados pelos caminhões do lixo à procura de material reciclável) apenas durante o esvaziamento dos carros, o que revelou outros tipos de riscos para os catadores naquele momento, tendo em vista que ao se aglomerarem ao redor dos caminhões para conseguirem um bom lugar para “cavar” (Figura 16), corriam o risco de algum objeto lhes cair sobre suas cabeças.

Desta forma, além da exposição ao sol, ocorrem frequentemente traumas cutâneos provocados por objetos perfuro-cortantes que vêm juntos com o material recolhido pelos caminhões, como garrafas/copos e outros tipos de vidros quebrados, pedaços de louça de vasos sanitários, seringas, pregos, pedaços de facas, dentre outros. Ocorrem, ainda, acidentes com a ferramenta utilizada pelos catadores (gancho de ferro feito por eles mesmos), como demonstrado na fala a seguir:

“Um dia desses, o menino cortou a mão do outro aqui com o gancho dele. Pegou na mão do outro. Ele pegou 3 pontos” (F.J., 28 anos)



Figura 16. Atividade da cavação durante esvaziamento do caminhão do lixo. Patos-PB, 2013)

Outra grande complicação enfrentada pelos catadores diz respeito aos problemas respiratórios como tosse, faringite, gripe e pneumonia. Vejam-se justificativas nos relatos a seguir:

“A poeira que sobe quando o carro tá despejando vem tudo em cima de nós” (B.C., 24 anos)

“Porque o ar que a gente respira aqui não é um ar puro. Na verdade, é um ar poluído. Afinal, a gente tá no meio do lixo, né? E o vento quando vem, vem trazendo tudo. E a gente tá inalando isso o tempo todo que a gente tá aqui!” (B., 31 anos).

“Antes eu usava máscara, mas deixei de usar porque me senti incomodado. Por conta da cintura a pessoa não aguenta usar... também nem luva, nem bota” (F.A., 33 anos)

O lixão do município de Patos fica a aproximadamente 8 km do centro da cidade, e mais da metade desse percurso é em estrada de chão. Observou-se que muitos catadores já possuíam algum tipo de transporte próprio para facilitar o seu deslocamento. Dos entrevistados, 5,9% utilizavam uma carroça de burro, 23,6% necessitavam de carona e 70,5% possuíam moto. Todavia, os catadores que trabalhavam durante o dia chegavam ao local por volta das 8h da

manhã, permanecendo por lá até o momento de ir para casa, tendo em vista a economia de combustível ou mesmo a impossibilidade de retornar a sua residência por falta de transporte.

Neste contexto, foi observado que quase em sua totalidade, os catadores trabalhavam praticamente sem alimentação, pois chegavam com o café da manhã (muitas vezes nem isso) e poucos levavam marmitta ou qualquer outro tipo de alimento. Este cenário, favorecia a disposição de se alimentarem de restos de comida encontrados dentre os resíduos coletados pelos caminhões de lixo e descarregados no lixão ou de buscarem meios de produzirem seu alimento ali mesmo no local de trabalho ao improvisarem uma “cozinha” (Figura 17), demonstrando agirem de maneira adaptativa frente às condições precárias do meio em que trabalhavam. Para Busso (2005), esse comportamento pode traduzir baixa capacidade de resposta mediante os riscos aos quais estão expostos os catadores no ambiente do lixão.

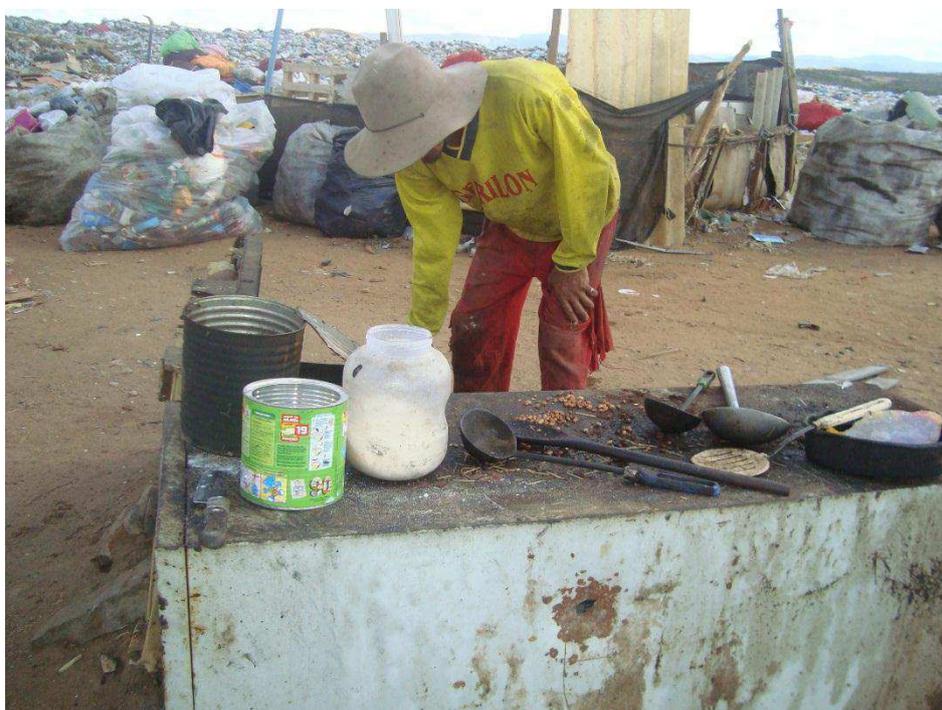


Figura 17. Cozinha improvisada pelos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB, 2013.

As estratégias defensivas observadas, e utilizadas pelos catadores frente aos riscos vivenciados no lixão, corroboram com os resultados encontrados por Cavalcante e Franco (2007). Foram elas a minimização, a negação, a dissimulação e a compensação dos danos que já sofreram, sofrem ou ainda poderão sofrer neste ambiente.

Em Porto Alegre-RS, Dall’Agnool e colaboradores (2007) também identificaram comportamentos semelhantes entre os CMRs daquela região e que também se alimentavam em meio aos resíduos manuseados, sem nenhuma atitude prévia de higiene.

De acordo com Jesus (2012), uma questão relevante a ser considerada é que, com menor escolaridade, os catadores tendem a não possuir o conhecimento necessário para uma alimentação saudável, tendo maior dificuldade para compreender a importância dos aspectos higiênico-sanitários da alimentação.

Ao remexerem os resíduos dispostos no lixão à procura de materiais que possam ser comercializados ou mesmo servirem de alimentos, os catadores ficavam expostos a todos os tipos de riscos de contaminação presentes nesses resíduos, além dos riscos à sua integridade física por acidentes causados durante o seu manuseio (FERREIRA e ANJOS, 2001), já descritos anteriormente.

Os catadores encontravam de tudo. Durante o período de observação, pôde-se presenciar o momento em que uma catadora encontrou uma caixa repleta de carnes proveniente de um supermercado. A caixa encontrava-se lacrada e ainda refrigerada o que, na visão do catador, demonstrava sua possibilidade de utilização.

Em diversos outros momentos foi possível a verificação desses acontecimentos. Muitos catadores, apesar de não estarem usando luvas, alimentavam-se ali mesmo, em meio ao “lixo” descarregado (Figura 18).

Alguns catadores utilizavam como critério de avaliação do alimento, a necessidade de estarem em recipientes fechados, como em sacolas ou mesmo na própria embalagem do produto. Não verificavam sua procedência, nem validade. Comiam frutas, pedaços de bolo, pão, balas, iogurtes, presunto e outros alimentos sem qualquer tipo de higienização prévia, favorecendo assim o desencadeamento de infecções intestinais, podendo-lhes causar quadros de vômitos e diarreia, como demonstra o relato a seguir:

“Meu marido arranhou muita doença aqui. Ele tem bursite, problema de coluna, já teve infecção intestinal porque tudo que acha aqui come. Tem também gordura no sangue de comer sebo, torrar e comer” (N. 57 anos)



Figura 18. Consumo de laranja encontrada em meio ao material descarregado pelo caminhão do lixo. Patos-PB, 2013.

Nascimento et al. (2006) afirmam que a falta de opção de trabalho para estas pessoas determina a busca pela sua sobrevivência nestes locais. Vivendo, catando, carregando e até mesmo comendo o que encontram no “lixo”, assumem uma função já há muito tempo estigmatizada - a de “catadores de lixo” - que apesar de seus interesses econômicos, assumem também, mesmo que inconscientes, a função de agentes ambientais.

Ainda com relação à alimentação, os catadores recebiam de alguns órgãos públicos e entidades beneficentes auxílio para a sua subsistência. Estavam cadastrados no Banco de Alimentos da Prefeitura e recebiam semanalmente leite, verduras, frutas, peixe e frango. Uma vez por mês também recebiam carne, queijo, feijão, arroz e outros itens alimentícios. Todas as doações eram levadas para a residência de uma das catadoras, que funcionava como sede da ASCAP (Associação dos Catadores de Patos), e distribuídas entre os associados.

De acordo com os resultados referentes à renda mensal dos catadores (apresentados no item 5.1.4), ficou evidente a importância do auxílio advindo do poder público, seja referente aos Programas Sociais ou às doações oferecidas aos catadores para uma melhor condição de vida de suas famílias. No entanto, diante das posturas de sobrevivência adotadas durante a realização de seu trabalho, foi possível perceber que tais ajudas sem o devido respaldo do ponto de vista laboral, na realidade, não protegiam esses trabalhadores, tendo em vista que suas

condições de trabalho os tornavam vulneráveis e promoviam sua exposição constante aos riscos apresentados neste estudo.

Este fato se torna evidente visto que, apesar de constar na PNRS (2010) a proibição da utilização dos rejeitos dispostos nas áreas de destinação final de resíduos sólidos como alimentação, bem como a prática referente à própria atividade da catação nesses locais (Art. 48, incisos I e II), os Governantes continuam permitindo e/ou ignorando essa realidade tão perversa através de práticas atenuadoras, como o fornecimento de doações desprovidas da busca pela solução definitiva dessa problemática.

Por conseguinte, e diante de todos os riscos aqui expostos, fica evidente que o uso de EPIs tais como luvas, botas, protetores solares e máscaras, poderiam minimizar os riscos à saúde destes trabalhadores, inclusive quando os relacionamos aos hábitos alimentares empregados pelos catadores no decorrer de sua rotina de trabalho. Entretanto, não havia quem os disponibilizassem, visto que para sua aquisição seria necessário um investimento financeiro, do qual os catadores não dispunham. Desta forma, o que se pôde observar durante a pesquisa foi que nenhum tipo de EPI adequado era utilizado pelos catadores. Realidade também encontrada nos lixões de Aripuanã-MT (LIMA et al., 2012), Jangurussu-CE, (FRANCO, 2007) e no aterro metropolitano de Jardim Gramado-RJ ((PORTO et al., 2004).

De todos os entrevistados apenas um fazia uso de máscara em 2012, deixando de usá-la um ano depois, demonstrando sua acomodação à situação de “risco”. Os catadores, em sua maioria, improvisavam meios de proteção como o uso de lenços, pedaços de roupa envolvendo cabeça, rosto e braços, e o uso de botas e luvas encontradas no próprio lixão, ou seja inadequados ao trabalho que realizavam. Alguns dos catadores não usavam nada, trabalhavam de bermuda e chinelo. Apenas cinco dos 18 entrevistados usavam protetor solar diariamente.

Diante de todos esses aspectos, ficou evidente a impossibilidade de sanar os problemas de saúde supracitados, pois mesmo que os catadores recebessem os equipamentos de proteção adequados, sem um trabalho de conscientização com bases na Educação Ambiental e diante das condições ambientais existentes no local, provavelmente não utilizariam tais equipamentos (fato que veio a ser confirmado posteriormente após disponibilização de EPIs pela Secretaria do Meio Ambiente do Município), demonstrando que a minimização dos riscos à saúde do catador torna-se praticamente impossível de ocorrer nas circunstâncias apresentadas. Sendo assim, pode-se afirmar que o ambiente existente no lixão é totalmente insalubre para a saúde desses trabalhadores.

5.2.2 Mercado de trabalho e infraestrutura/serviços urbanos

Os CMRs do lixão de Patos demonstraram um alto índice de analfabetismo funcional, visto que mais de 40% não ultrapassaram o 4º ano do Ensino Fundamental e outros 18% não alcançaram sequer o 9º ano. Aliados a este fato, a falta de acesso às informações sobre conhecimentos gerais e política que também possibilitam o desenvolvimento da capacidade de interpretação e o pensamento crítico, são fatores que contribuem para que os catadores tenham dificuldade para analisar sua realidade com mais precisão e menos acomodação.

A definição sobre o que é analfabetismo vem, ao longo das últimas décadas, sofrendo revisões significativas, como reflexo das próprias mudanças sociais. Em 1978, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) passou a considerar o termo “alfabetizada funcional”, relacionando-o à pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida, e definiu como “analfabeta funcional” as pessoas que são capazes de ler e escrever coisas simples, no entanto não têm as habilidades necessárias para viabilizar o seu desenvolvimento pessoal e profissional (UNESCO, 2006).

Um estudo constitutivo, realizado pelo Instituto Paulo Montenegro (IPM) juntamente com o IBOPE, para a elaboração do Indicador Nacional sobre Alfabetismo Funcional (INAF), revelou que a escolaridade é o fator decisivo na promoção do alfabetismo da população, e como os déficits educacionais se traduzem em desigualdades quanto ao acesso a vários bens culturais, oportunidades de trabalho e desenvolvimento pessoal que caracterizam as sociedades letradas. Além das diferenças educacionais, diferenças quanto à renda também demonstraram influenciar os níveis de alfabetismo (INAF, 2001).

Os catadores, quase em sua totalidade, vinham de famílias carentes de recursos e com um histórico de vida familiar e social bastante sofrido, o que os levaram a fazerem parte de uma parcela da população considerada ignorante do ponto de vista político. Este cenário, juntamente com a baixa escolaridade são, sem dúvida, elementos importantes e que influenciaram negativamente os catadores para sua entrada e permanência no mercado de trabalho informal, tanto pelas dificuldades encontradas para se inserirem no mercado formal – baixa capacitação profissional – quanto pela complexidade intelectual exigida para se obter uma visão crítica sobre determinada situação ou problema, o que os tornam *vulneráveis do ponto de vista político/social*.

A necessidade de aprendizagem e a importância de se ter um conhecimento pautado na informação para alcançarmos mudanças efetivas em nossa realidade, são traduzidas pelas falas destes mesmos catadores e expostas a seguir:

“Não é uma relação. É um conflito! Principalmente pelo descarte incorreto do lixo. Mas, aqui, ninguém percebe isso. Primeiramente, pelo analfabetismo, porque a maioria não entende absolutamente nada. E, secundamente, pelo acomodamento. Eu tô aqui no lixo, mas quando chego em casa procuro uma internet, assistir um jornal pra saber informação. Mas a maioria chega em casa e procura logo ir dormir pra no outro dia voltar pra cá. E hoje em dia quem não faz isso tá fora do mundo. E aqui a maioria não faz. É um conflito grave entre a natureza e o homem!” (F.A., 33 anos, ao falar sobre a relação lixo/meio ambiente).

“Assisto tv. Gosto mais de jornal, né? Porque assim a gente fica atualizada das coisa”! (N., 57 anos, falando sobre o que faz em seu tempo livre).

Os catadores estão tentando se formalizar desde o ano de 2006, quando sua líder, com o apoio da ECOPLANTE, associação que dá suporte à elaboração de projetos e gestão na cidade de Patos, conseguiu finalmente regularizar a ASCAP – Associação de Catadores de Patos. Atualmente eles têm CNPJ, pagam seus impostos, os associados têm uma anuidade de R\$ 25,00 para pagamento de taxas e outros tributos, mas, lamentavelmente, ainda não trabalham de forma coletiva, e propriamente organizada. Conta com 60 associados, que ainda permanecem dentro do lixão. A ASCAP, portanto, foi constituída em 2006 e se encontra desde então legalizada perante os órgãos competentes, porém continua sem um lugar para que os associados possam se reunir e trabalhar decentemente.

Em 2011 os catadores, e novamente com a assistência técnica da ECOPLANTE, conseguiram aprovar como PRIORITÁRIO (conforme Ofício do Ministério da Justiça 4357/2012/CFDD/SDE/MJ) um projeto para a construção de um galpão com instalações para os CMRs, e com o objetivo de implantar a coleta seletiva no município. Projeto esse denominado *“Sustentabilidade no Sertão para os Catadores”*. No entanto, por não contarem na ocasião com o devido apoio político, o projeto acabou sendo arquivado (ANEXO 1), com a justificativa de falta de recursos financeiros para a sua execução, evidenciando o quanto estes trabalhadores encontram-se vulneráveis e esquecidos pelas autoridades públicas que, ao não empregarem recursos para protegê-los, contribuem para a sua contínua exclusão do mercado formal de trabalho.

A Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei 12.305/2010, prevê o fechamento dos lixões, bem como a inclusão socioambiental dos catadores. Esta inclusão poderá ser viabilizada através dos Planos Municipais de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. No entanto, o município de Patos ainda não dispõe do referido plano, tornando ainda mais complicada a situação dos catadores do ponto de vista da sua inclusão.

Em 2012, na administração municipal anterior e com o auxílio burocrático da ECOPLANTE, os catadores conseguiram a doação de um terreno, medindo 1.700,50 m², localizado na BR 230, e escriturado na atual gestão do município. Porém, suas condições de trabalho permanecem as mesmas, diante da falta de atenção e prioridade empregadas na resolução deste problema que ultrapassa questões individuais, tornando-se um problema de ordem social, ambiental e político, ou seja, verdadeiramente um problema de ordem pública.

As inúmeras dificuldades e complicações enfrentadas pelos catadores em busca de maior proteção no trabalho, através de sua legalização, demonstram a grande fragilidade na qual se encontram estes trabalhadores. Sua baixa escolaridade e sua invisibilidade na sociedade fazem com que necessitem da ajuda de outras pessoas para percorrerem o longo e árduo caminho burocrático, político e social para alcançarem uma melhor forma de viver.

Conforme Katzman (2000), a precariedade e a instabilidade laboral vinculados ao funcionamento do mercado capitalista, juntamente à desproteção e insegurança referentes aos direitos sociais de um indivíduo ou população, são as mais importantes fontes de vulnerabilidade social encontradas na atualidade.

Vulnerabilidades que se traduzem em urgência de mudanças nas vidas desses catadores, tanto relacionadas ao local onde realizam suas atividades (lixão), aos materiais que manipulam (resíduos recicláveis misturados à resíduos biodegradáveis ou contaminantes), e ao reconhecimento social (exclusão), quanto às possibilidades de contribuição previdenciária e aposentadoria. Alguns catadores já ultrapassavam os 60 anos de idade sem nenhum dos seus direitos assistidos (aposentadoria, benefício assistencial ao idoso - previsto no Art. 203, V da Constituição Federal).

A este respeito, percebe-se que grande parte dessas mudanças poderiam ser viabilizadas por intermédio da organização dos catadores em associações e cooperativas, pois estas organizações trazem consigo melhorias do ponto de vista laboral, social e econômico (MIURA, 2004; MEDEIROS, MACÊDO, 2007).

As condições de vulnerabilidades vivenciadas pelos catadores demonstraram que, mesmo com as garantias constitucionais de 1988, esses trabalhadores não alcançaram os direitos que a princípio são iguais para todos. Portanto, com relação à seguridade social, os

catadores apresentaram um alto grau de vulnerabilidade, considerando-se que trabalhavam sem nenhum tipo de apoio governamental, pois como dito anteriormente, doações alimentícias e mesmo sua inscrição em programas de proteção social, como o Bolsa Família, apesar de importantes, não garantem seus direitos de cidadãos, contrariando o Art. 25 da Declaração dos Direitos Humanos que diz:

Todo o homem tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem-estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda de meios de subsistência em circunstâncias fora de seu controle.

A dificuldade para entrar ou retornar ao mercado formal de trabalho faz com que os catadores que exercem a catação diretamente no lixão tenham encontrado nessa atividade um meio alternativo para manterem suas famílias. Logo, a sua vulnerabilidade social o submete às condições sub-humanas de trabalho. Entrementes, não se pode negar que embora a catação ocorra em condições desfavoráveis e não altere a estrutura da desigualdade social vivenciada pelos catadores, ela possibilita, mesmo que temporariamente, a sua inserção social (MIURA, 2004).

Em visão oposta, alguns autores afirmam que, na verdade, os catadores estão inseridos na chamada “inclusão social perversa”, uma maneira de mascarar a exclusão social da qual eles são vítimas. Isto acontece pela associação feita por muitas pessoas entre exclusão social e desemprego (MEDEIROS, MACEDO, 2006; BASTOS, 2008)

A precariedade do trabalho da catação de materiais recicláveis realizada diretamente no lixão, reflete-se tanto na renda alcançada, quanto na forma de viver e sobreviver dos catadores. Com uma renda mensal menor que um salário mínimo, como demonstrado no perfil socioeconômico, vestem-se, alimentam-se, compram remédios e suprem suas necessidades que, em muitos casos, não alcançam as chamadas “necessidades básicas”.

O salário mínimo é o mais baixo valor de salário que os empregadores podem legalmente pagar aos seus funcionários pelo tempo e esforço gastos na produção de bens e serviços. É estabelecido por lei e reavaliado todos os anos com base no custo de vida da população. Sua criação foi feita com base no valor mínimo que uma pessoa gasta para garantir sua sobrevivência, sendo também o menor valor pelo qual uma pessoa poderia vender sua força de trabalho (WIKIPÉDIA, 2013).

No entanto, embora o valor do salário mínimo seja estabelecido por lei, vários trabalhadores, principalmente os que não possuem carteira assinada, nem direitos trabalhistas assegurados – também conhecidos como trabalhadores informais, vivem em alguns casos com menos de um terço do valor considerado como necessário para se viver com dignidade.

Assim sendo, do ponto de vista das necessidades humanas, podemos dizer que os catadores do lixão de Patos, apesar do grande esforço físico empregado em seu trabalho, do benefício ambiental oferecido à sociedade e da busca por melhores condições de vida, continuam incluídos nos grupos populacionais considerados *vulneráveis sociais*, tendo em vista que 13,6% sobreviviam com uma renda mensal familiar de até meio salário mínimo. Este percentual sobe para 59% ao analisarmos esta renda de forma individual, tornando imprescindível o apoio financeiro recebido do Governo através de programas sociais, como o Bolsa Família (63% dos catadores estavam inscritos no programa), para um melhor sustento do catador, sem, no entanto, ser suficiente para modificar sua condição social, demonstrando ser esta uma política compensatória, apesar da sua grande importância para os catadores.

Outra indicação desta vulnerabilidade diz respeito às condições de moradia e aos vínculos relacionais estabelecidos pelos catadores. Com relação à moradia, verificou-se que 54% dos catadores possuíam casa própria, como descrito no item “situação familiar” do perfil socioeconômico do catador. Praticamente todas as residências tinham acesso aos serviços públicos de água, luz elétrica e rede de esgoto em sua rua. Entretanto, apesar de tais fatores indicarem uma melhoria ou diminuição da vulnerabilidade social destas pessoas, não as retiram desta condição quando verificadas as situações do imóvel e do viver desses trabalhadores.

As residências, de acordo com os próprios catadores, necessitavam de melhorias e reparos importantes, como reboco, piso, consertos em telhados, mais cômodos, etc. Constatou-se que 72% dessas residências tinham entre quatro e sete pessoas que se dividiam em casas de três a quatro cômodos, onde crianças e adultos dividiam os mesmos espaços. São, portanto, moradias em condições precárias e de baixo padrão construtivo, com arranjos familiares extensos que incluem a presença de pais, avós, netos e tios dificultando assim o conforto e o bem estar físico dessas famílias, demonstrando uma vez mais a *vulnerabilidade socioeconômica* dos catadores.

Em atendimento a solicitação de uma das catadoras, foi realizada visita em sua moradia, onde constatou-se, como dito anteriormente, que sua casa apesar de própria encontrava-se em situação de extrema precariedade. Não existia banheiro, pia para lavar louça, faltavam-lhe móveis para guardar os seus pertences – suas roupas estavam acondicionadas em

caixas de papelão, bem como não havia suporte financeiro da catadora para restaurar sua residência, confirmando, pois, a fragilidade do seu viver.

Esta catadora encontrava-se, também, entre os 56% dos casos onde as mulheres ocupavam o papel de mantenedoras das famílias, apesar da presença de companheiros ou outros parentes na residência. Fato que aumenta a vulnerabilidade dessas famílias ao diminuir a possibilidade de obtenção de melhores rendas, tendo em vista que a atividade da catação necessita de grande esforço físico e a renda do catador está diretamente relacionada à força empregada na tarefa. Ou seja, quanto mais força física, maior a renda alcançada (Tabela 4).

Observou-se que os homens obtinham um lucro bem superior ao das mulheres. Enquanto a média de retirada mensal entre eles ficava entre R\$ 500,00 e R\$ 900,00, para elas este valor variava entre R\$ 200,00 e R\$ 400,00 mês.

A respeito dos vínculos relacionais, os catadores demonstraram grande fragilidade nas relações, visto que 84% dos entrevistados relataram problemas familiares advindos do uso de álcool e outras drogas, seja no momento atual da pesquisa ou anteriormente, e também a instabilidade dos relacionamentos afetivos, marcados pela violência doméstica, apesar de 77% serem casados ou estarem em uma união estável há mais de cinco anos, como se pode verificar no item “situação familiar” do perfil socioeconômico do catador.

Outro fato propiciador desta fragilidade relacional, diz respeito às dificuldades de comunicação e os laços de confiança estabelecidos entre os catadores. Existe uma competitividade negativa entre eles, inclusive entre os próprios associados, que se traduz em obstáculos para o fortalecimento dos catadores enquanto grupo, impedindo-os de se engajarem na luta coletiva por melhores condições de trabalho, transformando o “lixão” em um campo de batalha repleto de atitudes individualistas e não unificadas. Verifica-se esta postura no depoimento a seguir:

“Se trabalhasse todo mundo na paz, até que podia ser. A mulher aí (referindo-se à Presidente da Associação – ASCAP) vai ficar de cabelo branco e nunca vai unir esse povo. Organizar ela até pode conseguir, mas unir é difícil. Aqui dentro é que nem uma guerra; cada um que queria catar mais que o outro” (I., 68 anos).

De acordo com Farias Filho (2012), predominam entre os catadores de materiais recicláveis, relações frágeis e do tipo afetiva, com baixa densidade nas relações dentro do ambiente de trabalho, dificultando a organização social e produtiva dos catadores, impedindo sua autogestão e reduzindo seu potencial de negócio. Características que acabam por fragilizar o catador individualmente.

Assim sendo, todos estes fatores unidos traduzem a vulnerabilidade em que se encontravam os catadores do lixão de Patos, seja do ponto de vista da saúde, do trabalho, das condições de vida ou das relações estabelecidas.

5.3 PERCEPÇÃO AMBIENTAL (PA) DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS DO LIXÃO DE PATOS-PB

5.3.1 Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB com relação aos riscos à saúde

Os riscos à saúde advindos da atividade da catação dentro do lixão são reconhecidos pela maioria dos catadores. Entre os entrevistados 88,9% acreditavam que poderiam adoecer ou se prejudicar fisicamente devido às condições ambientais de seu trabalho.

Os principais problemas de saúde, em consequência do trabalho da catação, apontados pelos catadores foram relacionados às dores de coluna e de braço. No entanto, 11,1% dos catadores acreditavam que o trabalho dentro do lixão não apresentava riscos a sua saúde, como indica a Tabela 1.

Tabela 1 - Percepção Ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto aos prejuízos à saúde decorrentes da atividade da catação.

Problemas apontados	Frequência	Porcentagem (%)
Dores de coluna, dores no braço	7	38,9
Problemas respiratórios	1	5,6
Problemas intestinais	1	5,6
Problemas de pele	2	11,1
Cansaço (exaustão física)	5	27,8
Nenhum problema	2	11,1
Total	18	100,0

Por outro lado, embora tivessem esta percepção, um grande número de catadores atribuía ao acaso os acidentes ocorridos durante esta atividade. Cerca de 38,9% acreditavam que estes acidentes aconteciam porque tinham que acontecer, como demonstrado na Tabela 2.

Tabela 2 - Percepção Ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto aos acidentes ocorridos no ambiente de trabalho.

Motivos dos acidentes ocorridos no lixão	Frequência	Porcentagem (%)
Falta de cuidado do catador	3	16,7
Falta de equipamento de proteção	4	22,2
Falta de proteção e cuidado	4	22,2
Porque têm que acontecer	7	38,9
Total	18	100,0

Miura (2004) comenta que os catadores não demonstram muita preocupação com os prejuízos provocados a sua saúde pelo trabalho, visto que tais prejuízos são suplantados pelo fato dessa atividade garantir sua subsistência e promover sua inserção social e profissional, ainda que de forma preconceituosa – grifo pessoal.

Porto et al. (2004) ressaltaram que, ao perceberem o ambiente no qual se encontram como local de onde tiram a sua sobrevivência, os catadores tendem a negar, ou a minimizar, a relação existente entre o trabalho que realizam e os possíveis danos à saúde.

Conforme dados referentes à vulnerabilidade aos riscos à saúde, explicitados anteriormente, os catadores não utilizavam equipamentos de proteção adequados devido à sua inexistência, aliado às más condições ambientais existentes no lixão, igualmente descritas no item vulnerabilidade. Vejam-se as falas a seguir:

“Na realidade, vi que continuava sentindo os mesmos sintomas, daí deixei de usar. É uma proteção a mais, com certeza, mas não adianta!” (F.A., 33 anos, ao falar sobre o porquê de ter deixado de usar a máscara).

“Por causa de não ter os equipamento de proteção. Se tivesse diminuía, mas não acabava. Por isso não tem jeito. Porque o problema aqui é o lugar” (J., 22 anos, ao falar sobre as causas dos acidentes na catação).

Verificou-se que uma percepção fatalista relacionada aos motivos favorecedores de acidentes provoca uma sugestibilidade no catador para aceitar sua condição de risco como inevitável, proporcionando assim atitudes de omissão e aceitação desta condição.

5.3.2 Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB com relação ao meio ambiente (integração na sociedade)

A percepção dos catadores quanto à sua integração na sociedade demonstrou-se negativa, tendo em vista que para a grande maioria (83,4%) o trabalho da catação não é reconhecido socialmente, nem valorizado perante a sociedade, como evidenciado na Tabela 3.

Tabela 3 - Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto ao reconhecimento social do trabalho.

Percepção do catador	Frequência	Porcentagem (%)
Sente-se valorizado pela sociedade	2	11,1
Sente-se discriminado pela sociedade	10	55,6
Não soube opinar	1	5,6
Acha que é reconhecido, mas na prática sente-se discriminado	5	27,8
Total	18	100,00

Diante desta realidade, percebe-se que apesar do trabalho realizado pelos catadores está incluído em várias instâncias públicas como algo de extrema importância social, política e ambiental, concretamente os catadores continuam invisíveis aos olhos da sociedade que, desconhecendo sua rotina de sofrimento e grande esforço físico e emocional para construir uma identidade laboral e social que os tornem parte reconhecida desta mesma sociedade, continua alheia e preconceituosa, transformando a atividade realizada pelos catadores em mais uma ferramenta de estigmatização.

Segundo a PNSB (Brasil, 2008), a atividade da catação é exercida, basicamente, por pessoas de um segmento social marginalizado pelo mercado de trabalho formal, e que encontraram na coleta de materiais recicláveis e recolhidos nos vazadouros ou aterros uma fonte de renda que lhes garantissem a sobrevivência. Contudo, não se tem conhecimento, dentro da escala de valores das categorias profissionais, de nenhuma outra atividade que seja tão estigmatizada e desprestigiada socialmente como o trabalho dos catadores (IBGE, 2010). Sentimento expresso pelo catador no seguinte discurso:

“O povo aqui não existe, não. Olhe, quando o radialista vai mandar bom dia pro povo, manda pra todo mundo. Pros garis, pros feirantes, até pros balaeiros, sabe aqueles que carregam a feira num balaio? Pois então... Dão bom dia pra tudo que é profissão, menos pros lixeiros, menos pra nós!” (B., 31 anos).

Em pesquisa realizada por Kirchner et al. (2009), na cidade de Fronteira-Oeste-RS, 84% dos catadores de materiais recicláveis já haviam sofrido algum tipo de discriminação por conta do seu trabalho.

Da mesma forma, Porto et al. (2004) ao analisarem o trabalho dos catadores em um aterro do Rio de Janeiro-RJ, constataram que 34% percebiam a sua atividade como fato propiciador de preconceito. Este tipo de discriminação também pôde ser constatada no presente trabalho, conforme relatos a seguir:

“O convívio de casa e no setor financeiro melhorou muito. Mas no setor social, fora da minha casa, piorou. Porque aquelas pessoas que antes me via como um estudante, não vê mais. Vê eu agora como um lixeiro. Não é catador, é lixeiro mesmo. Socialmente eu me sinto prejudicado” (F.A., 33 anos).

“Saber que as pessoas não reconhecem o trabalho da pessoa, né? Afeta assim, porque é uma discriminação contra o trabalhador. Me sinto ofendido. A pessoa fica com vergonha de chegar num canto e dizer que trabalha no lixão. Olham pra pessoa e já pensam: ah, isso é um sebozo! Daí, a gente tem que esconder o trabalho que faz pra não ser discriminado” (B., 31 anos).

“Eu penso que é um trabalho digno, honesto. Mas tem muita gente que tem nojo da gente. Eu digo que vendo confecção, porque tem gente que acha que nós não tem dinheiro. Quando eu varia a rua que ia pedir água nas casa, tinha gente que dava o copo e não queria mais. Isso é nojo da gente. E é porque a gente varria a rua. Imagine se visse a gente aqui!” (I., 38 anos).

“As pessoas pensa que nós não temo condições nem de comer!” (L., 19 anos).

“Se eles dessem valor a gente, eles aumentavam o preço dos troços, faziam um galpão grandão pra nós trabalhar dentro, mas não. Se a gente quiser uma sombra tem que pegar um pedaço de lona, uma bolsa, botar aqui e trabalhar debaixo. Ninguém dá valor a nós!” (L.C., 27 anos).

“Ah, eu acho que eles pensam: essa pobre não tem dinheiro, não. Vai me pagar, não!” (V., 19 anos).

Através destes relatos demonstra-se a falta de credibilidade da sociedade para com o catador, que ao sentir-se discriminado constrói uma imagem social negativa de si mesmo, fazendo da atividade da catação a representação de sua exclusão, embora reconheçam o seu valor e importância para a população local, bem como para o próprio planeta.

Segundo Medeiros e Macêdo (2007), a precariedade do trabalho mal remunerado e pouco reconhecido provoca no trabalhador um sentimento de inutilidade. Miura (2004), complementa este pensamento ao afirmar que o maior problema atual não está em reconhecer legalmente o catador como um profissional, mas em reconhecer seu direito às condições dignas de trabalho e de vida, para além da perspectiva estrita da sobrevivência.

Este reconhecimento social, conforme Carmo e colaboradores (2004), está ligado à necessidade de se estabelecerem associações positivas ao trabalho da catação, uma vez que o trabalho com o “lixo” interfere tanto na identificação do catador com a sua atividade, quanto no reconhecimento da sociedade pelo trabalho desempenhado pelo catador. Por isso, é preciso não nos esquecermos que, apesar de estarem buscando uma forma de inserção no mundo social e do trabalho, os CMRs realizam uma atividade de extrema importância para a sociedade e o meio ambiente.

Quando perguntados sobre a relação estabelecida entre o catador, lixo e o meio ambiente 100% dos catadores reconheceram a importância do seu trabalho. Entretanto, 39% demonstraram-se pouco satisfeitos por ser este um trabalho que passa despercebido pela

sociedade, além do pouco retorno financeiro em detrimento de um grande esforço físico e emocional. Já os 61% que afirmaram-se satisfeitos com o trabalho, associaram esta satisfação ao fato de estarem trabalhando e mantendo suas famílias. A associação entre “lixo” e sobrevivência também foi encontrada por Santos e Silva (2011) ao trabalharem com catadores de uma usina de triagem de materiais recicláveis em Fortaleza-CE, e por Moraes (2009) ao analisar a situação dos CMRs das ruas de Bom Jesus-RJ. As duas percepções são demonstradas nas falas subsequentes:

“É aquela coisa: o lixo é aquela coisa já descartada e o meio ambiente é uma coisa mais reconhecida. Porque o material que a gente retira não prejudica a terra, né? Tira do lixo. Diminui bastante o lixo que vai ficar aí pro meio ambiente. Diminui a poluição! (...) Sou feliz porque tô dando o sustento pra minha família” (B., 31 anos).

“O catador é o maior contribuinte do meio ambiente. É o catador e os urubus! Porque o urubu também faz a limpeza do meio ambiente. Só que o catador não dá conta de tudo, né? O problema é o bicho-homem. (...) Sou feliz, sim, mas daqui há 10 anos não quero mais estar aqui, não. Isso tem que acabar” (N., 57 anos).

“O lixo prejudica o meio ambiente. Nós contribui porque tiramo um monte de troço do lixo. Se não fosse mode a gente, isso aí não tinha como ir pras fábricas, não! O catador é importante e é melhor que tudo isso aí. (...) Se sou feliz? Eu sou, não tem outro jeito, né?” (L.C., 27 anos).

“Nós contribui fazendo a recicragem, catando os troço. Um trabalho que os mais ou menos e da alta sociedade não vai fazer. Eles usa lá e joga lá. Do que ele joga e nós tira pra venda e já faz o dinheiro de uma coisa que eles jogaram no lixo. Pra eles não valia nada. Pra nós tá valendo muita coisa. (...) Sou feliz porque Deus me dá saúde e coragem e o lixo tá me dando o sustento, né? Porque senão como é que eu ia tá?” (S.L., 63 anos).

“Acredito que nós contribui, porque se não tivesse o catador pra catá não tinha mais lugar pra botá lixo. (..) Feliz? Acho que sou, né? Ao menos tô tendo como manter minha família” (F., 35 anos).

“O catador entre nessa relação como um agente. É como um câncer que você toma os medicamentos e você não consegue destruir a doença. E com o catador é assim. Por mais que ele faça, por mais que ele cate, mais ele não consegue. Porque a demanda é grande. (...) Sou feliz porque vejo muitos amigos pior que eu. E não sou porque merecia algo melhor” (F.A., 33 anos).

Se tomarmos como base um universo de 60 catadores dos gêneros masculino e feminino igualmente distribuídos, e usando como referência as informações obtidas nas entrevistas, acredita-se que a cada 30 dias de trabalho, os catadores retiram do meio ambiente aproximadamente 133 toneladas de materiais recicláveis (Tabela 4), ou seja, o equivalente à produção de dois dias de resíduos sólidos recolhidos na cidade de Patos.

Tabela 4 – Estimativa da quantidade de resíduos coletados pelos catadores de materiais recicláveis no lixão de Patos-PB, de acordo com a sua produção mensal

Material coletado	Produção por Gênero (kg/mês)	
	Homem	Mulher
Papelão	2.000	1.000
Garrafas PET	400	200
Plástico fino	240	120
Plástico grosso	320	160
Total mensal	2.960	1.480

De acordo com Lajolo (2003) são homens e mulheres, jovens e idosos que intervêm de maneira fundamental no ciclo de limpeza e vida dos produtos, pois impedem que toneladas de materiais recicláveis sejam desperdiçados nos lixões. Segundo este autor, os catadores seriam responsáveis por cerca de 90% do material que alimenta as indústrias de reciclagem no Brasil, demonstrando que além de terem um importante papel na economia, ajudam na redução da quantidade de resíduo a ser tratado pelas municipalidades. Assim nos fala:

“Mesmo com todos os obstáculos, os catadores dos lixões e das ruas das cidades, são responsáveis por cerca de 90% do material que alimenta indústrias de reciclagem no Brasil. Além de terem um papel importante na economia, diminuem a quantidade de ‘lixo’ a ser tratado pelas municipalidades. Possuem muitos conhecimentos específicos e habilidades para identificar, coletar, separar e vender materiais recicláveis. Garimpam no ‘lixo’ o desperdício de recursos naturais, que retorna ao processo produtivo como matéria-prima secundária” (LAJOLO, 2003).

Como se pode observar, os CMRs despontam como atores indispensáveis pois são eles os responsáveis pela separação e triagem do material que sai do “lixo” e que é vendido às indústrias de reciclagem, transformando-se, a partir daí, em matéria-prima para novos produtos e poupando os recursos naturais (FERREIRA, 2005).

Para Medeiros e Macêdo (2007), o trabalho do catador de materiais recicláveis não tem uma única representação ou sentido, ou é dotado de características ruins ou de características boas. Ele abarca tanto aspectos positivos como negativos ao mesmo tempo, e por isso a relação dos catadores com o seu trabalho é ambígua, refletindo a dialética inclusão/exclusão, saúde/doença, orgulho/humilhação.

Deste modo, diante do preconceito vivenciado e da descredibilidade sentida, 77,8% dos catadores demonstraram grande expectativa quanto à organização do grupo em associações ou cooperativas, como sendo uma possibilidade de reconhecimento social e profissional, bem como de melhorias em suas vidas. No entanto, a falta de recursos pessoais para investir neste anseio e de incentivo político que os ampare nesta caminhada, gera paradoxalmente um

sentimento de descrença na concretização desta possibilidade, dividindo os catadores (Tabela 5).

Tabela 5 - Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto a sua organização em cooperativa

Percepção do catador	Frequência	Porcentagem (%)
Acreditam na cooperativa como instrumento de mudança e em sua concretização.	7	38,9
Acreditam na cooperativa como instrumento de mudança, mas não acreditam em sua concretização ou que serão beneficiados.	7	38,9
Não acreditam na concretização da cooperativa e por isso não esperam mudanças	4	22,2
Total	18	100,0

Apesar da incredulidade dos catadores com relação a sua organização, o trabalho em cooperativas configura-se como uma alternativa de fortalecimento dos catadores de materiais recicláveis na busca de melhores condições de trabalho (MEDEIROS, MACÊDO, 2007).

Miura (2004), corrobora com esta afirmação ao afirmar que a organização dos catadores em cooperativas possibilita-os uma condição de trabalho mais favorável, com estrutura física mais adequada e oportunidades de ganho maiores, tanto na perspectiva material como social.

Os catadores reconhecem a necessidade de saírem do lixão para obterem melhores condições salariais, laborais e pessoais. Todavia, as dificuldades relacionadas à sobrevivência, à falta de escolaridade e capacitação profissional e mesmo a ausência de expectativas futuras relacionadas à própria vida, acabam por favorecer a acomodação e o desencantamento por dias melhores, como verificam-se nos relatos a seguir.

“Sou feliz assim, porque tá dando meu sustento, mas se aparecer um melhor, eu agarro. O problema é que o serviço não vem atrás de você e pra ir atrás você tem que deixar de trabalhar. Daí, como é que eu fico? (...) Não tem como porque a cidade ainda é pequena pra abrir essa cooperativa, esse aterro. E o problema é que nem sempre a população tem a consciência de ajudar, de dizer ‘vou separar isso’! Por isso não tem como melhorar agora. Tem que continuar do jeito que tá! (J., 22 anos).

“Só se sair a cooperativa, porque assim é um dinheiro certo que nós vai ter. Mas acho que não vai sair pra todo mundo, não!” (E., 36 anos).

“O lixeiro trabalha no lixo. O lixeiro não é um serviço, não. A pessoa tem que inventar outra forma de se mostrar. Se falar em lixo a pessoa não tem acesso a

nada. Não é reconhecido! Por isso nós tamo trabalhando pra vê se sai essa cooperativa. Fica um negócio mais visto, né? Aí a gente pode ter acesso a mais outras coisas. Enquanto a gente não concluir essa tarefa, não dá” (B., 31 anos).

5.3.3 Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB com relação ao trabalho da catação

A atividade realizada no lixão é vivenciada pelos catadores de modo muito sofrido e, de certa forma, como algo inevitável. Vindos em grande parte (45%) de famílias catadoras, torna-se uma atividade praticamente obrigatória, diante dos obstáculos vividos para alcançarem uma sobrevivência digna e o seu bem-estar social, sentimento evidenciado no depoimento a seguir:

“O cara já nasce com um destino certo. De gancho na mão! Tem que trabalhar mesmo. Doente ou bom!” (F. Este catador não fez parte do grupo entrevistado, mas seu relato demonstrou a impossibilidade sentida pelo catador para modificar sua realidade de sofrimento e privações).

Quanto às maiores dificuldades citadas pelos catadores na execução do seu trabalho, a separação dos materiais recolhidos surgiu com grande representatividade, como demonstra a Tabela 6.

Tabela 6 - Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto as principais dificuldades encontradas na execução da atividade da catação

Percepção do catador	Frequência	Porcentagem (%)
Locomoção, rotina	2	11,1
Condições ambientais do local	2	11,1
Separação dos materiais recolhidos	8	44,4
Venda dos materiais separados	6	33,3
Total	18	100,0

Com referência à venda dos materiais coletados pelos catadores, ficou evidente sua fragilização e dependência em relação aos chamados “sucateiros”. Alguns trabalhos apontam para o fato dos catadores não entenderem o seu papel dentro do circuito da reciclagem, principalmente no tocante a etapa do qual participam ativamente, ou seja, a venda dos materiais recolhidos e encaminhados para as indústrias (JUNCÁ, 2001; FRANCO, 2007; BASTOS, 2008). No entanto, os depoimentos demonstraram uma mudança de percepção neste sentido, tendo em vista que os catadores referenciavam a todo instante as injustiças econômicas

advindas do processo da reciclagem, demonstrando que esta dependência está mais ligada à própria condição de trabalho na qual se encontra o catador do que propriamente à falta de escolaridade e entendimento deste processo, como propõe estes mesmos autores. Tal fato pode ser percebido nos relatos a seguir:

“Olhe, não sei mexer em internet não, mas sei que 1Kg de PET é R\$ 2,00 aí no meio do mundo (nas fábricas) e aqui eles (os sucateiros) pagam R\$ 0,80. E lá, o plástico duro é R\$ 1,30 e aqui é R\$ 0,50. Isso é injusto porque a gente trabalha que só a moléstia e aqui não tem esse negócio de sombra, não. É sol e chuva e a gente aqui!” (L.C., 27 anos).

“A maior dificuldade que eu acho é pra vender as coisa. Porque as vez você tá precisando de dinheiro e a gente tem que esperar as bolsa chegar” (I., 38 anos).

Os catadores dependiam dos atravessadores em diferentes momentos:

- Para juntar o material separado, pois as “bolsas” (grandes sacolas de pano usadas para guardar o material) eram fornecidas pelos atravessadores;
- Para pesar este material, tendo em vista que não possuíam balanças no lixão; e
- Para transportarem o material até as indústrias de reciclagem.

Esta relação, catador/atravessador, demonstra-se, segundo Bastos (2008), como mais uma forma de exclusão/inclusão vivenciada pelo catador em seu trabalho, pois embora participe da cadeia industrial produtiva, só é incluído no momento da captura do material que garimpa na frente de serviço, sendo novamente excluído na hora de receber os lucros advindos deste comércio. Processo excludente também explicitado por Daguinino e Daguinino (2010).

A realidade dos catadores demonstrou-se, portanto, permeada de superações físicas e emocionais para suportarem a exaustiva rotina de trabalho, as injustiças econômicas dentro do processo industrial da reciclagem e o sentimento de exclusão vivenciado em seu dia-a-dia, como verificam-se nos depoimentos a seguir:

“Tudo é muito difícil aqui. Nada é fácil, porque a gente tem que cavar aquele lixo, aí depois separar e vender. Na época da chuva não tem o sol, mas tem lama, esgoto e muita coisa fedorenta!” (L., 19 anos).

“O governo não quer saber de quem tá aqui dentro. Quer saber de quem tá lá em cima assinando os projeto pra dá dinheiro a ele, né? Eles vão lá querer saber de quem tá no lixão? Só tinha jeito de melhorar se o poder público batesse em cima ou mesmo a iniciativa privada. De repente, desse equipamento de segurança, meios pra gente trabalhar melhor e de vender diretamente para as fábricas. Mas, vender para atravessador não tem futuro. Mesmo assim, teria que ser fora daqui” (F.A., 33 anos).

“Por exemplo, tem funcionário público da prefeitura que trabalha, daí a pessoa pergunta: trabalha em quê? Trabalho pelo meio ambiente. É diferente, né? O lixo tá lá em baixo. O lixeiro sempre fica por último! (B., 31 anos).

Para melhor entender-se a forma como os catadores percebiam o seu trabalho no que se refere as associações valorativas realizadas, perguntou-se o que eles consideravam ser “um dia bom e um dia ruim de trabalho”. Estas associações oscilaram entre o bem-estar físico para realizarem a catação e a recompensa financeira alcançada (Tabela 7).

Tabela 7 - Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto as associações valorativas atribuídas a execução da catação

Dia bom de trabalho	Dia ruim de trabalho
Dia nublado, sem muita poeira	Dia de sol aberto, com muito calor
Quando tem saúde e disposição	Quando se está cansado e com problemas pessoais
Quando se pega muita coisa, quando vem muito “lixo”	Dia fraco de produção

Outro dado importante evidenciado em seus discursos, e demonstrado ainda na Tabela 7, é a representação negativa explicitada através da palavra “lixo”. Os catadores, assim como grande parte da população, continuam a vincular as significações negativas deste vocábulo à atividade da catação, o que nos leva a pensar que o processo de exclusão afeta diretamente sua autoestima, como evidenciado no depoimento a seguir:

“Ser catador é quando o cara chega nas últimas. Ele não quer ser mandado ou não tem condições de trabalhar em outro serviço. Não se trabalha no lixo porque se quer. Pra começar é um serviço sebozo. A pessoa que nem eu, que trabalha nessa situação há 20 anos, pode tomar o banho que for que na hora que ele suar um pouquinho você sente a inhaca do lixo. Ninguém trabalha no lixo porque gosta. Isso é conversa!” (I.F., 68 anos).

As respostas demonstraram que apesar de um melhor retorno financeiro ser considerado pela maioria como o principal anseio dos catadores, visto que possibilita o provimento de suas famílias e de suas necessidades, ter melhores condições ambientais de trabalho, bem como condições físicas e psicológicas para labutar também aparecem como fundamentais entre eles (Tabela 8).

Tabela 8 - Percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto as associações valorativas atribuídas ao trabalho realizado na catação.

Dia bom de trabalho	Frequência	Porcentagem (%)
Condições ambientais	3	16,6
Condições pessoais	5	27,7
Condições econômicas	10	55,5
Total	18	100,0

Como se pôde perceber, são anseios relacionados diretamente à situação socioeconômica do catador, e que poderiam ser possivelmente alcançados através de sua organização, tendo em vista que vários autores encontraram melhorias nas vidas desses trabalhadores através do trabalho em cooperativas e associações (MIURA, 2004; MEDEIROS, MACÊDO, 2007; BASTOS, 2008; BOURAHLI et al., 2012).

5.4 REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA DO MEIO AMBIENTE, SOB A ÓTICA DOS CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS NO LIXÃO DE PATOS-PB

A representação fotográfica foi incluída neste estudo para melhor abarcar a percepção ambiental do catador quanto àquilo que considerava importante publicar, ou seja, tornar conhecido pela população. As fotos foram dispostas de acordo com a sua ocorrência.

5.4.1 Fotos relacionadas ao trabalho feminino dentro do lixão

Sabe-se que a atividade da catação depende de um imenso esforço físico que está diretamente relacionado aos rendimentos obtidos pelos catadores, como já demonstrado no item vulnerabilidade deste trabalho. A mulher, por sua condição física e social, torna-se ainda mais vulnerável dentro deste universo. Fato apontado por 50% dos catadores em suas representações fotográficas.



Figura 19. Trabalho feminino dentro do lixão de Patos-PB, 2013.



Figura 20. Trabalho feminino dentro do lixão de Patos-PB, 2013.

5.4.2 Fotos relacionadas a quantidade de resíduos retirados do meio ambiente

Com a mesma representatividade (50%), os catadores produziram fotos que se relacionavam com a importância do seu trabalho para o meio ambiente, demonstrando o desejo de alcançarem o reconhecimento social pela atividade realizada.



Figura 21. Montes de bolsas contendo resíduos já separados por tipo de material. Patos-PB, 2013.



Figura 22. Bolsas contendo resíduos já separados por tipo de material. Patos-PB, 2013.

5.4.3 Fotos relacionadas à vivência direta em ambiente degradado

Apesar das dificuldades em associar os riscos existentes no lixão a possíveis danos a sua saúde, os catadores demonstraram reconhecer que o ambiente no qual trabalhavam era totalmente insalubre e inadequado do ponto de vista laboral, tendo em vista que 45% desejaram expor a degradação existente naquele ambiente, com o qual precisavam conviver e do qual dependiam para sobreviver.



Figura 23. Urubus sobre resíduos advindos do matadouro da cidade de Patos-PB, 2013.



Figura 24. Animais em estado de putrefação, dentre resíduos do matadouro da cidade de Patos-PB, 2013.

5.4.4 Fotos relacionadas aos bens materiais alcançados através da catação

Tão importante quanto apresentar a situação do ambiente no qual trabalhavam, para 45% dos catadores exibirem seus transportes, e de seus colegas, demonstrou-se uma forma de agregar resultados pessoais positivos ao seu trabalho, tendo em vista que em diversos depoimentos os catadores mencionaram o fato de serem vistos pela sociedade como pessoas sem recurso algum, ou seja, sem o merecimento de crédito financeiro.



Figura 25. Motocicletas compradas com renda obtida através da catação no lixão de Patos-PB, 2013.



Figura 26. Motocicleta comprada com renda obtida através da catação no lixão de Patos-PB, 2013.

5.4.5 Fotos relacionadas às dificuldades do trabalho executado pelos catadores

Como explicitado anteriormente, a separação dos materiais recolhidos em meio aos resíduos dispostos no lixão evidenciou-se como uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos catadores dentro de sua atividade, pelo tempo gasto em sua realização, bem como pelo cansaço consequente dos movimentos repetitivos empregados nesta tarefa e da postura corporal adotada. Dificuldades expostas também por 45% dos catadores em suas fotografias.



Figura 27. Catadores realizando a separação dos materiais recolhidos dentro de um período de 15 dias. Patos-PB, 2013.



Figura 28. Pesquisadora juntamente com catadora realizando a separação dos materiais recolhidos dentro de um período de sete dias. Patos-PB, 2013.

5.4.6 Fotos relacionadas à exclusão vivenciada em sociedade pelo catador

A exclusão e o preconceito vividos pelo catador foram evidenciados em 83% dos depoimentos e respostas aferidas nas entrevistas e questionários durante este estudo. No entanto, apenas um catador fez referência a estas situações em suas representações fotográficas.

A crítica realizada através de suas fotografias, demonstrou sua enorme sensibilidade e perspicácia ao retratar o isolamento social imposto ao catador de materiais recicláveis através da disposição geográfica do lixão. Portanto, embora tenha tido uma baixa representatividade entre as imagens elencadas pelos catadores quanto ao seu ambiente, considerou-se relevante a demonstração das imagens produzidas por este catador em especial, como incentivo à reflexão e introjeção de novos modos de pensar a realidade destes trabalhadores.

Para melhor entendimento da percepção ambiental deste catador, suas fotos foram imediatamente seguidas da reprodução fiel de suas falas.



Figura 29. Foto representativa da exclusão em sociedade do catador. Patos-PB, 2013.

Explicação concedida pelo catador (Figura 29):

“Essa foto aqui é a que eu achei mais legal. A cidade lá no fundo e o lixão aqui. Mostra o contraste, né? Entre a riqueza e a pobreza. Na realidade isso aqui no lixão não é pobreza, é falta de interesse e conscientização do governo e que também não tem condição de fazer o descarte correto do lixo”! (F.A., 33 anos).



Figura 30. Foto demonstrando a devastação da natureza e a exclusão social dos catadores. Patos-PB, 2013.

Explicação concedida pelo catador (Figura 30):

“Essa foto aqui é interessante porque tem o lixão, a natureza ao meio e a cidade lá no fundo. Se a pessoa for olhar com uma visão mais profunda vai ver que a cidade vem espremendo a natureza de lá pra cá e aqui o lixão espremendo daqui pra lá. Pode mostrar também que muitos aqui estão fora do convívio social. De certa forma mostra uma exclusão, porque tá lá a cidade, o mato no meio e a gente aqui no lixão. Quem tá lá não quer saber de quem tá aqui. Acho que 90%... não, pode-se dizer que 99,9% de quem tá lá não quer saber do que a gente passa aqui!” (F.A., 33 anos).

Com relação as demais escolhas realizadas pelos catadores para representarem o ambiente no qual trabalhavam seguiram-se as seguintes ocorrências:

- 40% demonstraram os “barracos” que serviam de apoio aos catadores;
- 30% demonstraram a convivência direta com animais no lixão (gatos, cachorros e principalmente os urubus);
- 17% demonstraram a existência do trabalho idoso dentro do lixão, bem como retrataram momentos onde os catadores se alimentavam neste ambiente; e,
- 12% demonstraram a presença e a relação estabelecida com os atravessadores.

As imagens produzidas pelos CMRs do lixão de Patos-PB durante este estudo, confirmaram a percepção ambiental anteriormente descrita e já discutida durante este trabalho.

5.5 RELAÇÃO ENTRE PERCEPÇÃO E VULNERABILIDADE

Os riscos ambientais decorrentes da ação humana constituem um aspecto da complexa interação do homem com o meio ambiente. Nesse sentido, o conhecimento desses riscos está diretamente associado às reações que envolvem a percepção dos indivíduos e as suas experiências e vinculações com seu espaço de vida (CAVALCANTE E FRANCO, 2007). Entenda-se “risco” a partir do conceito ampliado do processo saúde-doença, ou seja, como qualquer elemento capaz de provocar danos ao ser humano em qualquer uma das suas diferentes dimensões - social, emocional e física (PORTO, 2000).

Compreendendo o modo como os CMRs percebiam o seu ambiente, bem como a si mesmos, verificou-se haver uma íntima relação entre a sua percepção e as respostas individuais às diferentes situações de vulnerabilidade vivenciadas no lixão.

A vulnerabilidade dos catadores dentro do lixão, relacionada à atividade que praticam, ficou evidente durante todo o estudo. Contudo, os catadores que possuíam uma percepção fatalista com relação aos possíveis agravos que poderiam ocorrer na execução de seu trabalho, bem como ao justificarem sua chegada e permanência na catação dentro do lixão, demonstraram uma maior exposição e uma menor capacidade de resposta aos riscos, tornando-se, por conseguinte, ainda mais vulneráveis dentro daquele universo.

Na primeira categoria de vulnerabilidade analisada, riscos à saúde, 71,2% dos catadores que relacionavam a ocorrência dos acidentes ao acaso não utilizavam qualquer tipo de proteção para trabalhar. Em contrapartida, 75% dos catadores que consideravam estes acidentes a partir da falta dos EPIs buscavam utilizar algum meio de proteção, como demonstrado na Tabela 9.

Tabela 9 – Relação entre a percepção ambiental dos CMRs do lixão de Patos-PB quanto aos motivos dos acidentes ocorridos X a exposição aos riscos dentro do ambiente de trabalho.

PA acerca dos motivos dos acidentes ocorridos no lixão	Frequência	Uso de algum tipo de proteção (%)	
		SIM	NÃO
Falta de cuidado do catador	3	66,7	33,3
Falta de EPIs adequados	4	75,0	25,0
Falta de proteção e cuidado	4	50,0	50,0
Porque tem que acontecer	7	28,6	71,4
Total	18		-

Os catadores percebiam os riscos, mas tinham dificuldade para associá-los ao autocuidado, adotando condutas que pudessem diminuir tais riscos, como o uso de EPIs ou a simples higienização das mãos antes de se alimentar durante o trabalho.

De acordo com Cavalcante e Franco (2007), a percepção de risco depende de uma multiplicidade de fatores, como do contexto e da inserção da pessoa em um determinado evento, da função ocupada em determinado espaço social, dos aspectos culturais, da personalidade, da história de vida, das características pessoais e da pressão e/ou demandas do ambiente.

Portanto, tendo em vista a trajetória de dificuldades enfrentadas pelos catadores em suas vidas, e na medida em que não percebiam maneiras de se preservarem dos riscos existentes no lixão, devido a impossibilidade de se retirarem daquela situação, ou seja, abandonarem a catação naquelas condições, acabavam por se adaptar, implicando na aceitação desses riscos e na impossibilidade de mitigar seus efeitos, ao não utilizarem meios de proteção durante o trabalho no lixão.

Por outro lado, mediante esta impossibilidade e sendo o lixão percebido como fonte primária de sobrevivência, pode-se inferir que os catadores reagiam, então, de maneira defensiva, pois ao se adaptarem, mascaravam uma realidade que lhes causava angústia e humilhação, e que da qual não podiam fugir naquele momento, aumentando assim sua vulnerabilidade.

A atividade da catação de materiais recicláveis realizada diretamente nos locais de disposição final dos resíduos sólidos urbanos mostrou-se como um processo de trabalho precário e excludente, exercendo influência direta sob a percepção ambiental dos catadores.

Na categoria mercado de trabalho, verificou-se a relação entre a percepção dos catadores quanto aos motivos que os levaram à catação no lixão e suas perspectivas futuras mediante o possível fechamento do lixão (Tabela 10).

Verificou-se que os catadores que percebiam o trabalho como consequência de seu histórico familiar ou acreditavam estar naquela situação por terem seus destinos traçados e deles não poderem fugir, demonstraram uma maior vulnerabilidade no sentido de não vislumbrarem nenhuma perspectiva de futuro diante da possibilidade de não mais terem o lixão para exercerem suas atividades. E, 88,9% se intitularam sem perspectivas.

Tabela 10 – Relação entre a percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB quanto aos motivos que os levaram à catação no lixão X perspectivas futuras de trabalho.

PA acerca dos motivos que os levaram à catação no lixão	Frequência	Têm perspectivas futuras (%)	
		SIM	NÃO
Por influência de familiares ou acreditarem no destino	9	11,1	88,9
Por falta de oportunidade/escolaridade	9	55,6	44,4
Total	18		-

Dentre os 88,9% dos catadores que se percebiam sem perspectivas futuras, suas atitudes defensivas giravam em torno da negação, que é a recusa em aceitar a realidade angustiante (“Prefiro não pensar no assunto”; “Ah, eles tão dizendo isso, mas não acredito que vá acontecer, não!”), da formação reativa, que trata-se da expressão de uma ideia contrária ao objeto temido, sem se colocar dentro da situação (“É bom mesmo que acabe isso aqui. Aí eu quero vê o que esse povo todo vai fazer”) e da racionalização, que é a formulação de justificativas lógicas para explicar determinados fatos ou comportamentos não aceitáveis socialmente ou causadores de muito sofrimento (“Parado eu não fico. Vou catar na rua!”). Outros ainda se apegavam a sua fé como meio de minimizar a ameaça de ficarem sem o seu sustento (“Deus vai me arranjar um serviço!”). Como se pode notar, são perspectivas que demonstram a debilidade emocional e social desses catadores e que não modificam a sua situação de vulnerabilidade.

Para Cavalcanti Neto et al. (2007), essa percepção fatalista resulta num certo conformismo de que a realidade é estática e não mutável, alimentando e fortalecendo cada vez mais esse modelo de desenvolvimento excludente que assola o nosso País.

No outro extremo, encontravam-se os catadores que percebiam seu trabalho como fruto das exigências do mercado de trabalho, da falta de oportunidade e escolaridade, levando-os a pensarem no futuro a partir da possível criação da cooperativa, da possibilidade de investir em negócio próprio (“Eu quero montar um negócio, talvez uma mercearia, uma banco na feira pra mim!”) ou ainda de tentarem se encaixar no mercado formal de trabalho, seja através do reinvestimento nos estudos ou com o auxílio de terceiros.

Segundo Freire (2007, p. 33), o desenvolvimento de uma consciência crítica permite ao homem transformar sua realidade, pois ao compreendê-la pode levantar hipóteses sobre os desafios dessa realidade e procurar soluções. Nesse contexto, faz-se imprescindível fomentar a consciência reflexiva dos catadores, através da implantação de projetos em Educação

Ambiental que possibilitem a esses trabalhadores pensarem a sua realidade com mais propriedade e, portanto, com melhores perspectivas futuras a partir da formação de novas atitudes e competências para ação.

Logo, compreende-se que a Educação Ambiental só acontece com a participação política dos sujeitos envolvidos, e a partir do desejo de construir-se um mundo socioambientalmente mais justo, através de decisões que contribuam para uma melhor qualidade de vida de cada um individualmente e da comunidade de catadores como um todo (CAVALCANTI NETO et al., 2007).

6. CONCLUSÃO

Com base nos resultados obtidos e nas condições em que a presente pesquisa foi realizada, concluiu-se que:

- Segundo o perfil socioeconômico o catador de materiais recicláveis é na maioria do sexo masculino, com faixa etária entre 26 e 35 anos; 18% de analfabetos, com uma renda mensal de até um salário mínimo (86,4%); 45% possuíam familiares no mesmo exercício, 40% jamais exerceu outra atividade remunerada e 50% apontaram o desemprego como principal motivo para o ingresso na atividade;
- Os catadores demonstraram intenção de mudar de profissão em busca de fugir do preconceito e da discriminação, de elevar a autoestima e de adquirir melhores condições de trabalho, e uma maior segurança trabalhista;
- A percepção ambiental e a vulnerabilidade dos catadores estão diretamente interligadas, ou seja, quanto mais negativa ou fatalista for a sua percepção mais exposto o catador se tornará, pois apresentará menores condições de responder aos riscos aos quais está exposto; e
- A atividade da catação de materiais recicláveis realizada diretamente no lixão é extremamente deteriorante para o ser humano, levando os catadores a não terem perspectivas futuras devido à:
 - Péssimas condições ambientais de trabalho, sem possibilidades de melhorias no local;
 - Exposição diária a diferentes tipos de riscos à saúde, incluindo-se os acidentes de trabalho, estresse e contaminação por contato direto com materiais perfurocortantes, insetos, ratos e outros agentes contaminantes;
 - Inclusão social realizada em detrimento da autoimagem negativa do trabalhador que precisa se submeter à condições laborais precárias para sobreviver;
 - Mínimas possibilidades de obterem proteção social e trabalhista, devido ao pouco retorno financeiro, bem como à condição de informalidade que abarca o trabalho no lixão; e por fim,
 - Falta de incentivo e apoio político que facilite a organização dos catadores em cooperativas e associações.

Estas conclusões demonstram a urgência da construção de políticas públicas eficazes e condizentes com a realidade desses trabalhadores e que atendam realmente suas necessidades laborais, físicas e pessoais.

Neste sentido, este estudo contribuiu para levar à população local o conhecimento da realidade na qual encontram-se mergulhados os catadores de materiais recicláveis do lixão de Patos-PB, através da reflexão a respeito da valorização da vida humana em prol da coletividade e de melhores dias para o planeta.

Considerações Gerais

Partindo-se do pressuposto de que o trabalho científico deveria ter a obrigatoriedade de retornar à população estudada enquanto ferramenta que possibilite mudanças e melhorias, a o execução deste trabalho provocou certa incomodação, diante da situação em que se encontrava os CMRs do lixão de Patos, tendo em vista a falta de atenção do Poder Público e a impossibilidade desses trabalhadores agirem sem a intervenção externa a favor de si mesmos.

Sendo assim, após conversa com o Secretário do Meio ambiente e, posteriormente, com um dos responsáveis pela ECOPLANTE (associação que dá apoio aos catadores), e tendo-se percebido a inércia na qual se encontravam, todos, mediante as diversas frustrações e dificuldades enfrentadas na luta por benfeitorias para os catadores, sentimo-nos impelidos a buscar um meio de fazer emergir na comunidade política da cidade, ao menos, a discussão em torno da situação de vida e trabalho dos catadores naquele momento.

Portanto, encaminhou-se cinco cópias de um ofício (ANEXO 2) no qual eram explicitadas as condições em que se encontravam os catadores de matérias recicláveis do lixão de Patos, e parte de sua luta por melhores condições de trabalho, exigindo das autoridades uma demonstração de interesse e disposição para ajuda-los.

Para nossa surpresa, obteve-se a primeira resposta da Procuradoria do Trabalho, através de ofício encaminhado por email (ANEXO 3), para uma audiência que foi realizada no dia 02 de outubro do 2013, com a autoridade responsável por aquele órgão juntamente com a representante da ASCAP, D. Maria Nilma Gomes de Souza, para apresentação da situação atual dos CMRs do lixão de Patos. Como resultado desta audiência a ASCAP receberá auxílio deste órgão através de reversão de valores de multa de Termo de ajuste de Conduta (ANEXO 4). Algo que alimentou as esperanças destes trabalhadores.

Aos 19 de outubro deste mesmo ano, a Secretaria do Meio Ambiente providenciou visita à associação de catadores de materiais recicláveis da cidade de Bonito de Santa Fé, com a presença novamente da representante da ASCAP, com o intuito de demonstrar o funcionamento e a organização desta associação. Segundo passo, ainda de maneira tímida, mas de grande importância.

Neste mesmo período, chegou-nos a notícia de que a Prefeitura Municipal haveria disponibilizado equipamentos de proteção individual (EPIs) para os catadores (lixão). Embora apenas três catadores tenham se disponibilizado a utilizar estes equipamentos, este fato aumenta as chances de mudanças e demonstra que a população de catadores do lixão está começando a ser enxergada pelo Poder Público local.

Em seguida, a ASCAP foi convidada a participar de uma audiência pública que foi realizada na Câmara Municipal com os vereadores da cidade, no dia 08 de novembro deste mesmo ano. Nesta audiência compareceram vários catadores, o que segundo a própria presidente da ASCAP foi uma supressa, já que em sua maioria se acomodava em suas realidades e não buscava participar. Não tivemos como comparecer a esta audiência, mas soubemos da grande comoção causada nos vereadores e demais presentes a partir dos depoimentos da presidente da ASCAP, que se comprometeram em ajuda-los nesta caminhada, buscando meios para a concretização da cooperativa e de suas instalações adequadas.

É claro que estes acontecimentos não garantem o futuro dos catadores do lixão de Patos, nem se traduzem em garantias de que a ASCAP finalmente irá conseguir o tão sonhado e desejado galpão, mas demonstram que um pouco de atitude e disponibilidade por parte da população civil, juntamente com a sensibilização das autoridades competentes, poderão viabilizar instrumentos de ação que possam levar mais dignidade e cidadania para estes trabalhadores.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS¹

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **NBR 10004: resíduos sólidos - classificação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004. 71p.

ALIER, Juan Martínéz. **O Ecologismo dos Pobres**. São Paulo: Contexto, 2007.

BARBOSA, Edimar Alves. Resíduos sólidos: aspectos conceituais e classificação. In: BARBOSA, E.M.; BATISTA, R.C.; BARBOSA, M.F.N. **Gestão dos recursos naturais: uma visão multidisciplinar**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna Ltda., 2012. p.169-212.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BASTOS, Valéria Pereira. **Catador: Profissão - um estudo do processo de construção identitária do catador de lixo ao profissional catador**. 2008. 196f. (Tese) Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2008.

BOSI, Antônio de Pádua. A ORGANIZAÇÃO CAPITALISTA DO TRABALHO “INFORMAL” O caso dos catadores de recicláveis. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. v. 23, n. 67, p. 101-116, junho de 2008.

BOURAHLI, Abdelkader; KONDO, Edson Kenji; HEDLER, Helga Cristina; BATISTA, Aretusa Lima. A reciclagem como fator de inclusão socioeconômica dos catadores de lixo no distrito federal do Brasil. **Revista Capital Científico**. Guarapuava-PR, v.9, n.2, p.57-70, jul/dez 2011.

BRASIL, Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília, 2007.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008**. Rio de Janeiro: 2010. 219p. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb2008/PNSB_2008.pdf> Acesso em 28 de fev de 2013.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Sala de Imprensa: Censo 2010 - País tem declínio de fecundidade e migração e aumentos na escolarização, ocupação e posse de bens duráveis**. Brasília: 2011. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2018>> Acesso em 28 fev de 2013.

BRASIL. **CONSOLIDAÇÃO DAS LEIS DO TRABALHO – CLT**. Decreto-Lei nº 5.452, Brasília: 1943. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/03/consolidacao-das-leis-do-trabalho-clt>. Acesso em: 15 de janeiro de 2014.

¹ Baseadas na norma NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

BRASIL. **POLÍTICA NACIONAL DOS RESÍDUOS SÓLIDOS**. Lei nº 12.305, Brasília: 2010, 23p.

BUSSO, Gustavo. Vulnerabilidade Social: nociones e implicancias de políticas para América Latina y el Caribe a comienzos del Siglo XXI. **Trabajo presentado al Seminario Internacional sobre las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe**. CEPAL/CELADE. Santiago de Chile, 2001.

BUSSO, Gustavo. La sistematización de experiencias en el proceso de fortalecimiento de la gestión del desarrollo local. Algunas reflexiones teóricas a partir de experiencias en terreno. **Revista Fundamentos** N 11. Universidade Nacional de Río Cuarto: Argentina, 2001.

BUSSO, Gustavo. POBREZA, EXCLUSIÓN Y VULNERABILIDAD SOCIAL: Usos, limitaciones y potencialidades para el diseño de políticas de desarrollo y de población. **Asociación de Estudios de Población de La Argentina**. 2005.

CARMO, Maria Scarlet do; OLIVEIRA, José Antônio Puppim; MIGUELES, Carmen Pires. Significado do lixo e ação econômica – a semântica do lixo e o trabalho dos catadores do Rio de Janeiro. In: **Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-graduação em Pesquisa em Administração** (EnANPAD), Curitiba-PR, 2004.

CASAZZA, Egberto da Fonseca. **Contribuições das análises de percepção ambiental à formulação e implementação de instrumentos de gestão ambiental pública: Projeto de Lei da Área de Proteção e Recuperação dos Mananciais do Alto Juquery**. 2012, 173f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós Graduação em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, Sylvia; FRANCO, Márcio Flavio Amorim. Profissão perigo: percepção de risco à saúde entre os catadores do Lixão do Jangurussu. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 211-231, março de 2007.

CAVALCANTINETO, Ana Lucia Gomes *et al.* Consciência Ambiental e os Catadores de Lixo do Lixão da Cidade de Carpina-Pe. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**. Universidade Federal do Rio Grande. v.19, jul/dez, 2007.

CAVALCANTE, Lívia Poliana Santana; SILVA, Maria César V.G. *et al.* Impactos socioambientais decorrentes da profissão catador de material reciclável: estudo de caso. **Revista Polêm!ca**, v. 11, n. 4 , p. 661-676, out/dez, 2012.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Patos, estado da Paraíba** (Org.) MASCARENHAS, João de Castro *et al.* Recife: CPRM/PRODEEM, 2005. 26p.

DAGNINO, Ricardo de Sampaio; DAGNINO, Renato Peixoto. Políticas para inclusão social de catadores de materiais recicláveis. **Revista Pegada** vol. especial, p.66-93, Jul/2010.

DALL'AGNOL, Clarice Maria; FERNANDES, Fernanda dos Santos. Saúde e autocuidado entre catadores de lixo: vivências no trabalho em uma cooperativa de lixo reciclável. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. São Paulo, v.15, p. 729-735, set/out, 2007.

DEL RIO, Vicente. Cidade da Mente, Cidade Real: percepção ambiental e revitalização na área portuária do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Livia; DEL RIO, Vicente (org.). **Percepção Ambiental: a experiência brasileira**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999, p. 3-22.

FARIAS FILHO, Milton Cordeiro. Rede de Catadores de Materiais Recicláveis: Perspectiva para a Organização da Autogestão. **Revista Administração Pública e Gestão de Negócio**. Viçosa, v.4, n.3, pp. 341-364, jul/set, 2012.

FERREIRA, João Alberto; ANJOS, Luís Antônio. Aspecto de saúde coletiva e ocupacional associados à gestão dos resíduos sólidos municipais. **Cadernos de Saúde Pública**. v.17, n.3, p. 689-696, maio/junho de 2001.

FERREIRA, Simone de Loiola. Os “Catadores do Lixo” na construção de uma nova cultura: a de separar o lixo e da consciência ambiental. **Revista Urutágua**, Paraná, n.7, ago./set./out./nov, 2005.

FERREIRA, Joana D’arc Araújo. **Vulnerabilidade sócio-ambiental de espaços socialmente marginalizados em áreas urbanas: caso da vila dos teimosos em Campina Grande-PB**. 2007. 109 f. (Tese) Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. **Análise de Conteúdo**. 4ª ed., Brasília: Liber Livro, 2012.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 79p., 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas/EAESP/ FGV**. São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar/abr, 1995.

HOGAN, Daniel Joseph *et al.* Urbanização e vulnerabilidade sócio-ambiental: o caso de Campinas. In: Hogan, D.J. **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: NEPO/UNICAMP, 2001. p. 396-418.

IBGE. Pesquisa Nacional de Saneamento Básico de 2008. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE**. Brasília: 2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/pnsb2008/>. Acesso em 14 de out de 2013.

INAF, Inaf Brasil. Indicador de Alfabetismo Funcional: Um diagnóstico para a inclusão social pela educação. **Instituto Paulo Montenegro**, 2001.

IPVS. Índice Paulista de vulnerabilidade Social. **Fundação Seade**. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/projetos/ipvs/>. Acesso em 08 de julho de 2012.

JANCZURA, Rosane. Risco ou vulnerabilidade social? **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 301-308, ago/dez, 2012.

JESUS, Maria Cristina Pinto de. *et al.* Avaliação da qualidade de vida de catadores de materiais recicláveis. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. UFG. v.14, n.2, p. 277-285, abr/jun, 2012.

JUNCA, Denise Chrysóstomo de Moura. Vida de cata-dor: outras palavras sobre o lixo. **Cadernos do CEAS**. Salvador, n. 193, p. 61-68, 2001.

KAZTMAN, Rubén. Notas sobre la medición de la vulnerabilidad social, en BID-Banco Mundial-CEPAL-IDEC, **5º Taller Regional. La medición de la pobreza: métodos y aplicaciones**, Aguascalientes, 6 al 8 de junio de 2000, Santiago de Chile, CEPAL, p. 275-301, LC/R.2026. 2000

KIRCHNER, Rosane Maria; SAIDELLES, Ana Paula Fleig.; STUMM, Eniva Miladi Fernandes. Percepções e perfil dos catadores de materiais recicláveis de uma cidade do RS. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. Taubaté, SP, v.5, n.3, p. 221-232, set/dez, 2009.

KUHNEN, Ariane. Meio ambiente e vulnerabilidade: a percepção ambiental de risco e o comportamento humano. **Revista Geografia**. Londrina, v. 18, n. 2, p.37-52, 2009

LAJOLO, Roberto Domenico (coord.). **COOPERATIVA DE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS: guia para implantação**. Instituto de pesquisa tecnológica. SEBRAE: São Paulo, 2003.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, C.F.B., LAYRARGUES, P.P.; CASTRO, R. de S. (Orgs.) **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-219.

LEAL, Antonio *et al.* A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. **Terra Livre**. São Paulo, v. 2, n. 19, p. 177-190, 2002.

LEFF, Enrique. **SABER AMBIENTAL: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

LIMA, Ana Maria *et al.* Análise da atividade de catadores de resíduos sólidos em Aripuanã-MT. In: **VIII CONGRESSO NACIONAL DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO**. Firjan-RJ, 8-9 de junho, 2012.

LOGAREZZI, A. Contribuições conceituais para o gerenciamento de resíduos sólidos e ações de educação ambiental. In: LEAL, A.C. *et al.* **Resíduos Sólidos no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente: Centelha, 2004, p. 219-246

MAISPATOS.COM **Patos aparece entre as 20 cidades mais quentes do Brasil**. Abril, 2013.

Disponível em:

<http://www.maispatos.com/noticias/cidades/altas-temperaturas-a3811.html>

Acesso em 8 de dez de 2013.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, São Paulo, v.3, n.1, p. 203-222, junho, 2008.

MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACÊDO, Kátia Barbosa. “Catador de material reciclável: uma profissão para além da sobrevivência?” **Revista Psicologia & Sociedade**. v. 18, n.2, p. 62-71, mai/ago. 2006.

MEDEIROS, Luiza Ferreira de Rezende; MACÊDO, Kátia Barbosa. Profissão: catador de material reciclável, entre o viver e o sobreviver. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. v.3, n.2, p. 72-94, mai/ago, 2007.

MELAZO, Guilherme Coelho. Percepção Ambiental e Educação Ambiental: uma reflexão sobre as relações interpessoais e ambientais no espalho urbano. **Revista Olhares & Trilhas**. Uberlândia, Ano VI, n. 6, p. 45-51, 2005.

MERLEAU-PONTY, Maurice. 1908-1961. **Fenomenologia da percepção**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662p.

MORAES, Carlos Antônio de Souza. Catadores da sobrevivência: a “matéria viva” no cenário do lixo. **Revista Vértices**. Campos dos Goytacazes-RJ, v. 11, n. 1/3, p. 109-124, jan/dez. 2009

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MIURA, Paula Orchiucci Cerantola. **Tornar-se catador: uma análise psicossocial**. (Dissertação) Mestrado em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

MOSER, Caroline. The Asset Vulnerability Framework: Reassessing Urban Poverty Reduction Strategies. **World Development**, Gran Bretaña, Elsevier Science, v. 26, n. 1, 1998.

NASCIMENTO, Marta Leite da Silva; MARQUES, André Luís de Paula.; ALMEIDA, Ana Marina Lourenço Pereira de; NASCIMENTO, Nazem. De catador de lixo a agente ambiental: educação ambiental na qualidade de vida. **O MUNDO DA SAÚDE**. São Paulo, v.30, n.4, out/dez, p. 581-587, 2006.

NEVES, José Luís. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. **Caderno de Pesquisas em Administração**. São Paulo, v.1, n. 3, 2º Sem., 1996.

OLIVEIRA, Nilza Aparecida da S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado Educação Ambiental**, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande-RS, v.16, jan/jun, 2006

OLIVEIRA, Norma Maria Silva de; MORAIS, Crislene R.S.; LIRA, Waleska Silveira; ALBUQUERQUE, Alderiza Veras de. Perfil socioeconômico dos catadores da unidade de beneficiamento de resíduos vítreos em processo de incubação junto a incubadora da universidade de federal de Campina Grande. IN: **V Encontro de Extensão Universitária da UFCG e V Mostra Universitária de Cultura e Arte**. Campina Grande-PB. 29-30 de novembro e 01 de dezembro de 2010.

PINHEL, Júlio Ruffin (Org.) **Do lixo à cidadania: guia para a formação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis**. São Paulo: Peirópolis, 2013. 242p.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza. Análise de riscos nos locais de trabalho: conhecer para transformar. **Caderno de Saúde do Trabalhador**. São Paulo: INST. Junho, 2000. 41p.

PORTO, Marcelo Firpo de Souza *et al.* Lixo, trabalho e saúde: um estudo de caso com catadores em um aterro metropolitano no Rio de Janeiro, Brasil. **Caderno Saúde Pública**, v.20, n.6, p. 1503-1514, 2004

PORTO, Marcelo Firpo de Souza. **Vulnerabilidade e situações de risco em grupos populacionais expostos a riscos ocupacionais e ambientais no contexto brasileiro**. 2005. Disponível em:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/iussp2001/cd/GT_Pop_Amb_Porto_Text.pdf

Acesso em 12 de janeiro de 2014.

QUEIROZ, Danielle Teixeira *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v.15, n.2, p. 276-283, abr/jun, 2007.

RIBEIRO, Lílian Arruda; SILVA, Mônica Maria Pereira; LEITE, Valderi Duarte; SILVA, Humberto. Educação Ambiental como instrumento de organização de catadores e catadoras de materiais recicláveis na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, Campina Grande-PB. **Revista de Biologia e Farmácia**, v. 5, n. 2, p. 59-72, 2011.

RIOS, Cristiane Margarete. **Lixo e cidadania: um estudo sobre catadores de recicláveis em Divinópolis-MG**. 2008. 80 f. (Dissertação) Universidade do Estado de Minas Gerais, Fundação Educacional de Divinópolis. Divinópolis, 2008

SANTOS, Gemelle Oliveira; SILVA, Luiz Fernando Ferreira. Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil). **Revista Ciência & Saúde Coletiva**. vol.16, n.8, p. 3413-3419, 2011.

SERRA, Ana Luiza Roma Couto; RODRIGUES, Maria Aparecida. Vulnerabilidade em Área de Risco Ambiental: o caso da ocupação do “Lixão da Pirelli” em Campinas. IN: **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Ouro Preto-MG, 4-8 de novembro, 2002.

SILVA, Cristiane Rocha; GOBBI, Beatriz Christo; SIMÃO, Ana Adalgisa. O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método. **Organizações Rurais & Agroindustriais**. Minas Gerais, vol. 7, n. 1, p. 70-81, 2005.

SILVA, Enedina Maria Teixeira *et al.* Traços do perfil dos catadores de materiais recicláveis do município de Cruz Alta/RS. In: **XVI Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão**. Cruz Alta-RS. 4-6 de outubro de 2011.

SILVA, Mônica Maria Pereira da Silva. Educação Ambiental através da extensão universitária transformando vidas humanas. In: CARNEIRO, M.A.B.; SOUZA, M.L.G. (Org.). **Extensão Universitária, Desenvolvimento Regional, Políticas Públicas e Cidadania**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; Realize Editora, 2012. p.159-188.

SIQUEIRA, Leandro de Castro. Política ambiental para quem? **Revista Ambiente & Sociedade**. Campinas, v. 11, n. 2, p. 425-437, jul/dez. 2008.

SOBRAL, Maria do Carmo; MELO, Aretuza Candeia de; ARAGÃO, José Mariano de Sá. Uma abordagem sócio-ambiental do lixo urbano da cidade de Patos-Paraíba. In: **21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental**. Associação Brasileira de engenharia ambiental (ABES – Trabalhos Técnicos). João Pessoa, 15-21 de setembro, 2001.

STATISTICS ANALYSIS SYSTEMS INSTITUTE. 2004. User's guide. North Caroline: Sas Institute Inc. 2004.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980. 289p.

TURNER, B.L. *et al.* A framework for vulnerability analysis in sustainability science. **PNAS**. 2003 v. 100, n. 14, p. 8074–8079, july/2003.

UNESCO. United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization. **The EFA Global Monitoring Report 2006**–Literacy for Life. Cap.6. 2006. Disponível em: http://www.unesco.org/education/GMR2006/full/chapt6_eng.pdf
Acesso em 10 de dezembro de 2013.

VESTENA, Leandro Redin; VESTENA, Carla Luciane Blum; FREITAS, Andreza Rocha de. Percepção ambiental dos acadêmicos de Geografia do Centro de Desenvolvimento Tecnológico de Guarapuava – CEDETEG. IN: SOUZA, O.A.; WILKER, C.; LOPES, M.C.; WEIDE, D.F. **Universidade: uma rede de conhecimento**. Guarapuava: Unicentro, p. 264-265, 2004.

VIANA, Nildo. Catadores de lixo: renda familiar, consumo e trabalho precoce. **Revista Estudos da Universidade Católica de Goiás**. Goiânia-GO, v.27, n.3, p. 407-691, 2000

VIEIRA, Maria Helena Marques; SOFIA, Rosangela Farias; BARBA, Inês Souza. Perfil Socioeconômico dos Seleccionadores e Coletores de Materiais Recicláveis de Naviraí-Ms: Subsídios para Políticas Públicas. In: **XI Encontro Anual de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Maringá/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação**. Maringá-PR. De 1-4 de outubro, 2002.

VIGNOLI, Jorge Rodríguez. “Vulnerabilidad demográfica en América Latina y el Caribe: ¿qué hay de nuevo?”. **Trabajo presentado al Seminario Internacional sobre las diferentes expresiones de la vulnerabilidad social en América Latina y el Caribe**. CEPAL/CELADE. Santiago de Chile, 2001.

WIKIPÉDIA. **Salário Mínimo**. Disponível em:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Sal%C3%A1rio_m%C3%ADnimo
Acesso em 11 de dezembro de 2012.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (modelo)

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“PERCEPÇÃO AMBIENTAL E VULNERABILIDADE DOS CATADORES DO LIXÃO DE PATOS-PB: um estudo sobre as relações entre o pensar a realidade individual e o agir sobre a realidade social”**, desenvolvido no Programa de Mestrado do Curso de Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande. Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento você pode desistir de participar desta pesquisa, sem qualquer prejuízo.

Este estudo tem como objetivo avaliar a percepção ambiental dos catadores de materiais recicláveis do lixão do município de Patos PB, relacionando-a a vulnerabilidade a qual estão expostos.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder às perguntas feitas durante as entrevistas. Não há riscos relacionados com sua participação. O benefício relacionado com a sua participação é a contribuição para o conhecimento da população local e acadêmica acerca de sua realidade social, bem como da possibilidade de contribuir para a criação de políticas públicas mais eficientes e condizentes com suas necessidades. Não haverá nenhuma compensação financeira/pagamento pelo fornecimento destas informações.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. O seu depoimento será usado para que melhor possamos entender a realidade do seu trabalho. As falas aqui gravadas serão reproduzidas apenas em publicações científicas, respeitando-se o sigilo do seu nome. Todo o material gravado ficará sob a guarda da pesquisadora principal.

A qualquer momento você poderá solicitar uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sujeito da pesquisa

PESQUISADORA:
Maria César Vasconcelos Galdino Silva
Rua Alcides Rosa da Silva s/n
Areia-PB
Fone: 83-96541746

APÊNDICE 2

Este questionário faz parte do projeto de mestrado desenvolvido no Programa de Recursos Naturais da Universidade Federal de Campina Grande (cópia).

PERFIL SÓCIO-ECONÔMICO

1. Nome: _____
2. Idade: _____
3. Sexo: () F () M
4. Escolaridade:
 - () Analfabeto () Ens. Fund. I Incompleto () Ens. Fund. I Completo
 - () Ens. Fund. II Incompleto () Ens. Fund. II Completo () Ens. Médio Incompleto
 - () Ens. Médio Completo () Superior Incompleto () Superior Completo
5. Estado Civil:
 - () Casado(a) () Solteiro(a) () Separado(a) () Viúvo(a) () Comunhão estável
 - () Outro. Se viver com outra pessoa, há quanto tempo? _____
6. Filhos? () Sim () Não. Se responder positivamente, quantos filhos? _____
7. Quantos filhos em idade escolar?
 - () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 6
8. Quantos frequentando a escola?
 - () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () Mais de 6
9. Tipo de moradia:
 - () Alugada () Própria () Sem residência fixa () Sítio () De favor
 - Caso pague aluguel ou algum tipo de prestação de imóvel, qual o valor?
 - R\$ _____
10. Pratica outro tipo de atividade profissional além da catação? () Sim () Não
Qual? _____
11. Recebe algum tipo de benefício do governo? () Sim () Não
Qual(s)? _____ Valor: R\$ _____
12. Já exerceu outro tipo de atividade remunerada? () Sim () Não
Qual(s)? _____

13. Há quanto tempo exerce esta atividade (catação)? _____
14. Qual o principal motivo que lhe levou a exercer esta atividade (catação)?
 - () Desemprego () Falta de oportunidade () Falta de estudo () Desgaste físico em outras atividades () Melhores condições de vida () Ajudar a família (pais) () Outro

15. Caso tivesse oportunidade para abandonar este trabalho, o faria? Por quê?

Sim Não _____

16. Renda mensal individual? R\$ _____

17. Renda mensal familiar? R\$ _____

18. Outro membro da família trabalhando nesta atividade (catação)? Sim Não

Grau de Parentesco? _____

Data: _____

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

NOME: _____ IDADE: _____

CONDIÇÕES DE MORADIA

1. Quantas pessoas moram na sua casa?
2. Você mora em: () casa própria () casa alugada () casa emprestada por parentes/ amigos () outros
3. Quantos cômodos possui a sua casa? (não considere o banheiro)
4. Tipo de construção?
() tijolo () lona () taipa () () madeira () outro
5. A rua onde mora possui rede de água? () sim () não
6. E rede elétrica? () sim () não
7. E rede de esgoto? () sim () não
8. Existe coleta de lixo? () sim () não De quanto em quanto tempo?
9. Em que lugar as pessoas depositam seus resíduos?
() na calçada, em sacolas plásticas () em caçambas cedidas pela prefeitura () outro
10. Possui banheiro dentro de casa? () sim () não

ACESSO AOS SERVIÇOS PÚBLICOS E SAÚDE

1. Você utiliza algum serviço oferecido pelo governo? () sim () não QUAL?
() Creche () Escola () Postinho de saúde () Hospital público () CRAS () CREAS () Outro
2. Você faz exames de saúde periodicamente? () sim () não
Quais e de quanto em quanto tempo? () Fezes () Urina () Hemograma () Colesterol () Outro
() Uma vez por ano () De 6 em 6 meses () Só quando adoecer
3. Você tomou alguma vacina depois que começou a trabalhar nesta atividade?
() sim () não Qual
4. Possui alguma doença diagnosticada por médico? () sim () não Qual
5. Realiza algum tratamento medico? () sim () não Qual?
6. Você faz uso de medicamento controlado? () sim () não Qual?
7. Queixa-se de algum tipo de problema? () sim () não Qual?

SAÚDE/RISCOS NA PERCEPÇÃO DO CATADOR

1. Qual o grau do seu esforço físico no trabalho? () fraco () moderado () forte () muito forte
2. Este esforço provoca em você algum efeito ruim? () sim () não Qual?
3. Utiliza equipamentos de proteção individual? () sim () não Quais? () luvas () botas () máscara () avental () protetor solar () outros
4. Encontra objetos cortantes ou perfurantes (agulhas, pregos, cacos de vidro, facas, etc) no material que separa? () sim () não
5. Você já se acidentou com algum deles? () sim () não Que tipo de acidente?
6. Você já presenciou algum acidente com os seus colegas neste trabalho?
() sim () não Que tipo de acidente?
7. Na sua opinião, quais são as causas dos acidentes ocorridos no seu trabalho?
8. Na sua opinião, o seu trabalho pode provocar alguma doença ou problema em você?
() sim () não Qual?

TRABALHO E SATISFAÇÃO NA PERCEPÇÃO DO CATADOR

1. Resgate um pouco da sua história! Como foi que você virou catador(a)?
2. Você se sente satisfeito com o seu trabalho? () sim () não. Por quê?
3. Na sua opinião, o trabalho do catador aqui no lixão poderia ser melhorado? () Não () Sim. De que forma?
4. Como você percebe a relação entre o lixo e o meio ambiente?
5. Você acha que o catador contribui para a preservação do meio ambiente? () Não () Sim. De que forma?
6. Na sua percepção, sua vida melhorou ou piorou nos últimos cinco anos? Por quê?
7. Quais as principais dificuldades que você encontra neste trabalho?
8. Você acha que existem soluções para estes problemas? Quais seriam? Quem (ou que instituição) deveria ser responsável por resolver estes problemas? Na sua opinião, por que eles (ou estas instituições) não resolvem estes problemas?
9. O que você acha que as pessoas, de uma forma geral, pensam sobre o seu trabalho? Por quê?
10. Isso lhe afeta (chateia, magoa etc.) de alguma forma? Por quê?
11. E você? O que acha do seu trabalho?
12. Se você tivesse que descrever o seu trabalho aqui no lixão com uma palavra qual você usaria? Por quê?
13. Você é feliz sendo catador? Por quê?
14. Você tem algum sonho?

15. Como você imagina que será sua vida daqui há dez anos? Quais os seus planos para o futuro?
16. Pra você, o que significa ser catador?
17. Você poderia descrever um dia de trabalho seu? Como é um bom dia de trabalho seu? Como é um dia ruim de trabalho?
18. O que você acha das condições de trabalho que você tem aqui? Por quê?
19. Se você pudesse escolher outro trabalho, qual escolheria e por quê? O que difere esse segundo trabalho do seu atual?
20. Quais são seus planos para o futuro, tendo em vista o fechamento do lixão?

ATIVIDADE DE COLETA DE RESÍDUOS

1. Você se considera um trabalhador autônomo sendo catador? () Sim () Não Por quê?
2. Já teve outra profissão? () Sim () Não Qual?
3. Por que optou por ser catador?
4. Há quanto tempo coleta resíduos?
() 0 a 1 ano () 1 a 5 anos () 6 a 10 anos () 11 a 20 anos () 21 anos ou mais
5. Qual seu horário de trabalho, quantas horas por dia?
6. Quantos dias você trabalha por semana?
7. Quais resíduos coleta? () Alumínio () Cobre () Papelão () Plástico duro () Plástico mole () PET () Sucata () Vidro () Outro Qual?
8. O que utiliza para coletar/transportar os resíduos?
9. Como/onde armazena o que coleta? Utiliza prensa?
10. Para quem vende? Como é a venda?
11. Qual a renda obtida com a venda desses resíduos?
12. Tem outra fonte de renda? Qual?
13. Qual é a sua renda mensal?
() Menos de 150,00 () De 151,00 a 350,00 () De 351,00 a 550,00 () De 551,00 a 750,00
() R\$ 751,00 a R\$ 950,00 () Acima de R\$ 951,00
14. Qual é sua renda familiar?
() Até 350,00 () De 351,00 a 700,00 () De 701,00 a 1.000,00 () De R\$ 1.001,00 a R\$ 1.500,00
() Mais de R\$1.500,00
15. Quantas pessoas da sua família trabalham para formar esta renda?
16. Você realiza qualquer outra atividade remunerada? () Sim () Não. Qual?

HÁBITOS DE VIDA

1. O que é qualidade de vida para você?
2. Fuma? () sim () não Quanto?
3. Bebe? () sim () não Quanto?
4. Faz uso de outras drogas? () sim () não Qual?
5. No seu tempo livre o que você faz para se distrair ou divertir?
6. Você é satisfeito com sua vida? () sim () não Por quê?
7. O quanto você aproveita da vida?
() Nada () Muito Pouco () Mais ou menos () Bastante () Extremamente
8. Se você pudesse mudaria algo em sua vida? O quê?

Data: ____/____/____

ANEXOS



**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
SECRETARIA DE DIREITO ECONÔMICO
CONSELHO FEDERAL GESTOR DO FUNDO DE DEFESA DE DIREITOS
DIFUSOS**

DESPACHO Nº 089, DE 30 DE JULHO DE 2013

Ref.: Processo nº 08012.005553/2011-77. Proposta Siconv nº 46254/2011.

Interessado: Associação dos Catadores do Município de Patos PB.

Devido ao grande contingenciamento orçamentário sofrido pelo Fundo de Defesa de Direitos Difusos nos anos de 2012 e 2013, determino o arquivamento do presente processo e o consequente encaminhamento ao setor de Protocolo e Controle Processual da Secretaria Nacional do Consumidor. Comunique-se ao interessado da presente decisão.

NELSON CAMPOS
Secretário-Executivo do CFDD

ANEXO 2

Patos, 19 de setembro de 2013.

Ofício nº001/2013

Reivindicação de acompanhamento do processo de instalação do galpão para a ASCAP – Associação dos Catadores de Patos

Eu, MARIA CÉSAR VASCONCELOS GALDINO SILVA, cidadã patoense, domiciliada no município de Areia, vinculada ao Programa de Pós-Graduação de Recursos Naturais (mestranda), do Centro de Tecnologia em Recursos Naturais, da Universidade Federal de Campina Grande/Campina Grande, em nome e juntamente com a ASSOCIAÇÃO DOS CATADORES DE PATOS (ASCAP), venho reivindicar um posicionamento das autoridades competentes, em diferentes instâncias, com relação ao acompanhamento do projeto de construção e instalação do galpão dos catadores de material reciclável, por hora arquivado. Projeto denominado “Sustentabilidade no Sertão para os Catadores” que foi aprovado como PRIORITÁRIO em 2011, conforme Ofício 4357/2012/CFDD/SDE/MJ.

Em vista do desenvolvimento do projeto de pesquisa *“Percepção ambiental e vulnerabilidade dos catadores de material reciclável do lixão de Patos-PB”*, constatou-se situação de extrema vulnerabilidade dos catadores quanto às questões de saúde (exposição a diferentes agentes nocivos), condições insalubres de trabalho e falta de recursos financeiros e logísticos.

A ASCAP conta atualmente com 60 associados que trabalham no lixão deste município. Sabe-se que a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), Lei 12.305/2010, prevê o fechamento destes lixões, bem como a inclusão socioambiental dos catadores que poderá ser viabilizada através dos Planos Municipais de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos. No entanto, este município ainda não dispõe do referido plano e, portanto, encontra-se em desacordo com a lei.

A ASCAP luta por se formalizar desde o ano de 2006. Nesse intervalo de tempo conseguiram um terreno doado na gestão anterior e escriturado na atual gestão. Porém, suas condições de trabalho permanecem as mesmas diante da falta de atenção e prioridade empregadas na resolução deste problema que ultrapassa

questões individuais, tornando-se um problema de ordem social, ambiental e político, ou seja, é um problema de ordem pública. Os catadores permanecem à margem da sociedade que, não os enxergando, contribui para a retroalimentação de um sistema social que privilegia aqueles que têm condições de se protegerem e anula aqueles que não possuem recursos pessoais para enfrentarem as exigências de vida urbana desigual em oportunidades.

A superficialidade com que os gestores públicos tratam a questão dos resíduos sólidos nos municípios brasileiros faz dessas pessoas vítimas sociais onde lhes cabe, apenas, o ônus de sua condição social e nunca os benefícios da urbanização. No tocante a questão ambiental, são homens e mulheres que contribuem com o seu trabalho para a proteção do meio, embora não recebam suporte para a realização deste trabalho.

Trabalhando e agindo sozinhos, os catadores têm retirado do meio ambiente, e por consequência do município, toneladas e toneladas de materiais recicláveis impedindo a sua transformação em mero lixo. Exercem suas atividades diariamente no lixão, geralmente nos períodos da manhã e tarde, embora alguns catadores prefiram trabalhar no período da noite devido às altas temperaturas durante o dia. Não existe um horário especificado de chegada, nem de saída, onde os catadores fazem sua própria carga horária de acordo com suas necessidades individuais. Geralmente, essa carga horária gira em torno de 10 horas diárias. A arrecadação mensal dos catadores advinda da atividade da coleta varia entre R\$ 200,00 e 900,00, sendo que a renda individual de 59% dos mesmos é de no máximo **meio salário mínimo**, o que demonstra tamanha necessidade de ação por parte do poder público com relação a estes trabalhadores. Quando perguntados sobre os motivos que os levaram à catação, prevaleceu o desemprego como fator principal (50%). A maioria entre homens (69%) e mulheres (88%) catadores gostariam de mudar de profissão, e dentre estes 100% assim o fariam em busca de maior segurança trabalhista (carteira assinada) e melhores condições de trabalho².

Nesses termos, solicito de Vossa Senhoria discutir e providenciar junto aos seus colaboradores (secretários e assessores) a viabilização de melhores condições de trabalho para os catadores que se encontram no lixão de Patos, seja através do acompanhamento e resgate do projeto já existente de implantação do galpão para

² Dados extraídos da própria pesquisa. Ainda em andamento.

esses trabalhadores, arquivado com a justificativa de falta de recursos financeiros, seja pela própria iniciativa de promover a realização do referido projeto através de recursos do próprio município, cumprindo-se a Lei Federal 12.305/2010 e a própria Constituição Federal.

Sendo que uma cópia deste documento será enviada para diferentes setores³ do município, aguardo uma resposta que possa solucionar os problemas aqui descritos, bem como promover finalmente o impulsionamento destes trabalhadores como verdadeiros cidadãos com direitos e deveres a cumprir. Esta resposta poderá ser encaminhada para meu e-mail pessoal⁴, bem como para a própria ASCAP⁵. Não obtendo resposta de nenhum setor aqui mencionado dentro de um prazo de 30 dias, encaminharei para divulgação nos diferentes meios de comunicação este mesmo ofício.

Aguardando o mais breve possível um retorno, subscrevo-me e agradeço.

Maria César V. Galdino Silva

³ Prefeitura Municipal, Secretaria do Meio ambiente, Procuradoria do Trabalho, Câmara de Vereadores e Diocese de Patos.

⁴ mcvgs@uol.com.br

⁵ **ASCAP**. CNPJ: 08.419.501/0001-19. RUA Otacílio Monteiro da Silva Nº 50, BAIRRO PLACA. CEP: 58.700 – 970. PATOS-PB

ANEXO 3

ANEXO 4

